



PROFHISTÓRIA

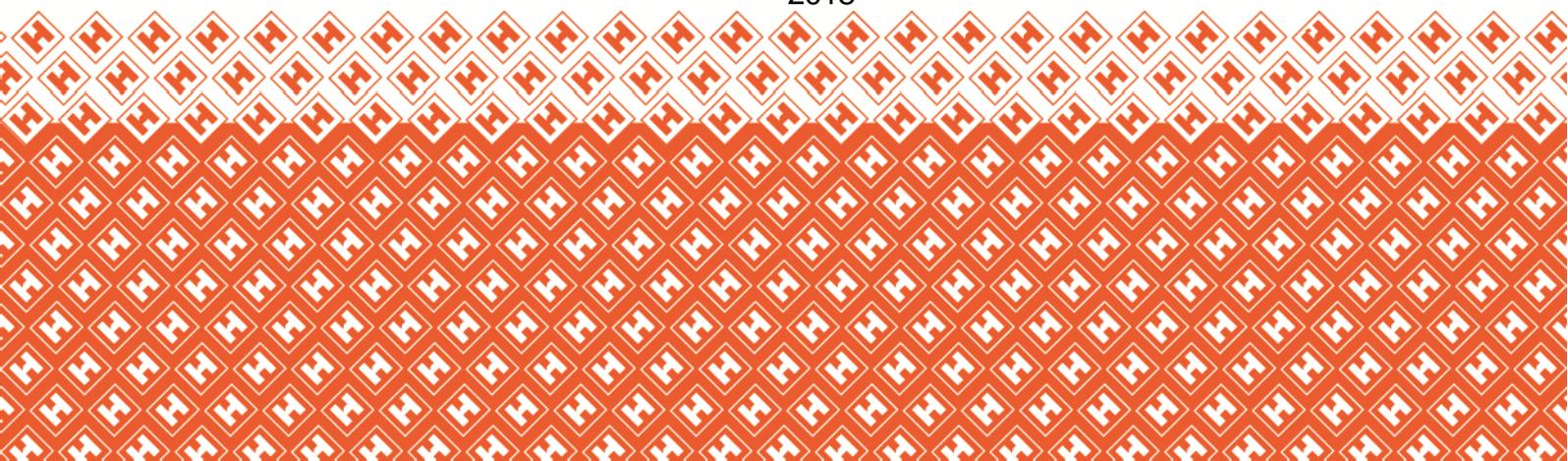
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

AÉCIO LESSA MACEDO

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DO BAIRRO DE PLATAFORMA
(SALVADOR-BA)**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA

Salvador
2018



Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Lessa Macedo, Aécio

História e Memória de Plataforma (Salvador- Ba) / Aécio Lessa Macedo. -- Salvador, 2018.

156 f. : il

Orientadora: Sara Oliveira Farias.

Dissertação - (Mestrado Profissional em Ensino

de História - PROFHISTORIA) -- Universidade Estadual da Bahia -UNEB, Salvador, 2018.

1. Memória. 2. Ensino de História. 3. História Local.

4. Plataforma. I. Oliveira Farias, Sara. II. Título.

AÉCIO LESSA MACEDO

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DO BAIRRO DE PLATAFORMA
(SALVADOR-BA)**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, do Programa de Pós-Graduação Profhistória, da Universidade Estadual da Bahia - UNEB, Campus I como requisito para obtenção do título de Mestrado.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sara Oliveira Farias

Banca Examinadora

Prof^a Dr^a. Sara Oliveira Farias
Universidade Estadual da Bahia

Prof^a Dr^a. Cristina Meneguello
Universidade Estadual de Campinas

Prof^o Dr. Leandro Antônio Almeida
Universidade Federal do Recôncavo Baiano

Salvador _____/_____/_____

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado aos gestores, professores, estudantes e funcionários do Colégio Estadual Professor Aristides de Souza Oliveira, que contribuíram de forma singular para o meu desenvolvimento profissional, me levando a entender que o exercício da docência é indissociável do cotidiano dos tantos sujeitos que, juntos, compõem e dão significado à escola. Também dedico esse trabalho aos moradores de Plataforma e São João do Cabrito, que carregam em suas memórias e expressões a rica história do lugar. Ao meu pai, Nialdo Macedo de Sousa e minha mãe, Maria José Lessa Macedo, que me trouxeram as primeiras e mais importantes problemáticas acerca da vida, respeito e honestidade. Devo tudo a vocês.

Por fim, dedico essa pesquisa à memória de minha tia, Noaci Macedo de Sousa, que com seus doces gestos e amor pleno me auxiliou durante os primeiros passos enquanto estudante, que via os livros de História com certo estranhamento. Seu envolvimento transformou o estranhamento em curiosidade, e a curiosidade em paixão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que compreendo estar muito além das limitações dogmáticas do ser humano.

À minha esposa Ana Paula Menezes Lopes pela parceria, paciência e compreensão ao longo dessa trajetória. Estar ao seu lado foi determinante para a conclusão do percurso. Todo o seu apoio e participação fez desse trabalho algo nosso, que nos integrou ainda mais.

À meus pais, Nialdo Macedo de Sousa e Maria José Lessa Macedo, e minha irmã, Nilmara Lessa Macedo. Agradeço o apoio e compreensão ao longo desse período. Perdão pelas ausências.

Ao Profhistória e à UNEB por me ajudar a compreender a prática docente enquanto fonte de pesquisa a ser valorizada.

À Capes, pelo financiamento concedido mediante bolsa de estudos.

À minha Orientadora, Sara Oliveira Farias, por me levar a entender que a história não pode ser omissa às desigualdades. Obrigado por confiar em meu trabalho e me reconhecer enquanto pesquisador em formação. Suas contribuições foram essenciais, de forma que a pesquisa se tornou um retrato nosso! Devo muito a ti pró.

Aos meus colegas de turma do Profhistória UNEB 2016. Vocês tornaram a caminhada muito menos penosa. Nas constantes trocas e preocupações com o outro, acabamos por construir amizades.

Aos amigos professores do Colégio Estadual Professor Aristides de Souza Oliveira pelo acolhimento e convivência singular. Agradeço especialmente aos companheiros da área de Ciências Humanas, Evaristo José, Antônio Jorge, e Alex Márcio, pelos momentos em que as trocas de experiências possibilitaram o planejamento desse trabalho.

À equipe gestora do Colégio Estadual Professor Aristides de Souza Oliveira por todos os incentivos dados. Muito obrigado Tânia Pita, Cristine Pires e Ana Verena.

À comunidade de estudantes, pais e moradores de Plataforma e São João do Cabrito, pela possibilidade de aprender com vocês, evoluindo enquanto professor e enquanto ser humano.

Aos senhores José Frutoso Santos e Nemésio da Silva Costa e à senhora Amália dos Santos, pelo compartilhamento das suas histórias de vida, que se tornaram o coração da pesquisa realizada.

Às funcionárias do Colégio Estadual Professor Aristides de Souza Oliveira, Rita, Cristine, Mariclécia e Dinalva, por abrirem mão do seu tempo para me apresentar o bairro e os moradores locais.

Por fim, à todos os educadores incomodados e comprometidos com a realidade da educação pública nesse país. A luta por uma educação universal e de qualidade é nossa! Um dia certamente veremos os frutos do empenho dos tantos professores e professoras.

RESUMO

Essa dissertação foi desenvolvida a partir de reflexões ancoradas no Ensino de História. Na busca por estratégias pedagógicas que venham a tornar possível o pensar da história ensinada em consonância com a história vivida. Intitulado “História e Memória de Plataforma (Salvador-BA)”, esse trabalho tem por objetivos fundamentais a produção de narrativas históricas a partir da memória de moradores antigos do bairro de Plataforma e São João do Cabrito, regiões circunscritas no subúrbio ferroviário de Salvador, no estado da Bahia. A metodologia da história oral norteou a elaboração da pesquisa, que tem no estudo da memória e em suas relações com a história, a matéria-prima fundamental. A memória é compreendida na perspectiva de Maurice Halbwachs, enquanto memória coletiva, sempre relacionada ao grupo social e ao contexto no qual o narrador se insere. Além da dissertação, como parte integrante da pesquisa, há um livro paradidático fundamentado nas narrativas produzidas e na pesquisa bibliográfica acerca da história local, destinado a estudantes do Ensino Médio no bairro de Plataforma. O produto paradidático foi organizado em quatro recortes temáticos, determinados a partir das entrevistas realizadas: “Trabalho”, “Aqui havia uma fábrica”, “A conquista do lar” e “O sustento vem do mar”.

Palavras-chave: Ensino de História; Memória; História local; Plataforma.

ABSTRACT

This dissertation was developed from reflections anchored in Teaching History. In the perennial search for pedagogical strategies that will make possible the thought of the history taught in consonance with the lived history. Entitled "History and Plataforma Memory (Salvador-BA)", this work has as its fundamental objectives the production of historical narratives from the memory of ancient residents of the neighborhood of Plataforma and São João do Cabrito, circumscribed regions in the suburban railway of Salvador, in the state of Bahia. The methodology of oral history guided the elaboration of the research, which has in the study of memory and in its relations with history, the fundamental raw material. Memory is understood in the perspective of Maurice Halbwachs, as a collective memory, always related to the social group and the context in which the narrator is inserted. Besides the dissertation, as part of the research, there is a paradidático book based on the narratives produced and the bibliographical research about the local history, destined to students of the High School in the neighborhood of Plataforma. The paradidat product was organized in four thematic cuts, determined from the interviews carried out: "Work", "Here was a factory", "The conquest of the home" and "The sustenance comes from the sea".

Keywords: Teaching History; Memory; Local history; Plataforma.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Localização de Plataforma e São João do Cabrito no mapa de Salvador.....	29
Figura 2: Localização de Plataforma e São João do Cabrito e suas fronteiras.....	29
Figura 3: Vista aérea de Plataforma e São João do Cabrito.....	30

LISTA DE SIGLAS

AMPLA - Associação de Moradores de Plataforma

BNH - Banco Nacional de Habitação

CIA - Centro Industrial de Aratu

ONGS - Organizações não Governamentais

UNEB - Universidade Estadual da Bahia

VFFLB - Viação Férrea Federal do Leste Brasileiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 HISTÓRIA, MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS	15
3 PLATAFORMA: A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DE UM BAIRRO.....	28
3.1 DO PASSADO COLONIAL À SUBÚRBIO FERROVIÁRIO	30
3.2 A FÁBRICA DE TECIDOS SÃO BRÁS E A CONFIGURAÇÃO DO BAIRRO OPERÁRIO DE PLATAFORMA	34
3.3 A REESTRUTURAÇÃO DO BAIRRO E O CRESCIMENTO POPULACIONAL EM PLATAFORMA: DE BAIRRO OPERÁRIO À BAIRRO RESIDENCIAL.....	50
4 HISTÓRIA ORAL E PRODUÇÃO DIDÁTICA: CAMINHOS PERCORRIDOS	60
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICE	80

1 INTRODUÇÃO

O pensar sobre a escola e o ensino de história é fundamental para o desenvolvimento da consciência crítica, da cidadania e das práticas democráticas, e é nessa condição que esse trabalho se insere.

Sou professor de História pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia desde 2011, e por todo esse período lecionei no Colégio Estadual Professor Aristides de Souza Oliveira. Essa unidade escolar está situada no São João do Cabrito, bairro de Plataforma; subúrbio ferroviário de Salvador-BA. O vínculo estabelecido com a escola, com os estudantes e com a própria comunidade motivam a busca por uma educação de qualidade, mais coerente com a vida e com o mundo, focada no desenvolvimento intelectual e na garantia de uma capacidade crítica perante a realidade.

Frente aos desafios cotidianos e estruturais da educação, repensar a prática em sala de aula e as estratégias didáticas se faz imprescindível, uma vez que a aprendizagem do estudante é o objetivo principal. Com o exercício da docência e experiências acumuladas foi possível constatar que as narrativas históricas selecionadas e trabalhadas em sala de aula a partir dos manuais didáticos não era efetiva. A maioria dos alunos atribui seu interesse somente à pontuação na disciplina e compreende essa realidade com total desinteresse. Esse problema atinge todas as áreas do conhecimento e praticamente todos os professores da escola, não só no âmbito da História, mas também das outras disciplinas.

Na prática cotidiana escolar é possível compreender que parte do desinteresse com a disciplina História está relacionado à distância que a história trabalhada em sala de aula tem da história vivida. Dessa forma, surgem com frequência os pertinentes argumentos do tipo: “Professor, isso aí que você está falando serve para quê mesmo? Por quê temos que estudar a vida desses homens antigos? Qual a relação deles com a gente?”. A partir desses questionamentos percebe-se claramente a perda de sentido ao se estudar História. O currículo regular não dá conta de promover um vínculo de identificação entre os estudantes e a disciplina, que passa a ser deixada de lado. A mesma linha de argumentação é aplicada aos manuais didáticos, que trazem uma leitura desinteressante, rebuscada e muito distante da realidade dos alunos.

Toda esta constatação proporcionou uma série de questionamentos, sobretudo, durante a seleção dos conteúdos pedagógicos e sua viabilidade. Na função de professor

de História é difícil exigir uma postura crítica do estudante mediante a imposição de um currículo acrítico e conteúdos totalmente dissociados do lugar e da realidade em que vivem. Dessa maneira, os conteúdos tradicionalmente trabalhados na disciplina, a abordagem homogeneizante da grande maioria dos livros didáticos e, principalmente, a hierarquia desses conteúdos precisa ser progressivamente desconstruída, pois a sala de aula é um espaço privilegiado para a condução e desenvolvimento desse processo.

A história tem o poder de naturalizar ou desnaturalizar acontecimentos, já que as narrativas carregam no bojo do discurso a intenção de verdade, que, ao chegarem à sala de aula são perigosamente cristalizadas, uma vez que a crítica não é efetivada. É no ensino de história que essas intenções de verdade podem ser revisitadas e desconstruídas, sobretudo, quando trazem a intenção de desqualificar determinado grupo, cultura ou lugar, mediante discurso hierarquizado e estereotipado.

O ingresso no mestrado Profissional em Ensino de História (Profhistória), através da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), no ano de 2016, contribuiu para o desenvolvimento de reflexões que proporcionaram o pensar do espaço escolar como ambiente de pesquisa e produção do conhecimento. A percepção da sala de aula como um objeto de pesquisa já desperta possibilidades de ações focadas em buscas efetivas pelo ensino-aprendizagem, na esfera da criação e da reflexão. O ensino de história inserido no contexto da pesquisa toma outra conotação, uma vez que a postura crítica é indissociável ao processo educativo, especialmente, no âmbito da aprendizagem histórica.

O Colégio Estadual Professor Aristides de Souza Oliveira funcionou durante um período aproximado de 16 anos¹ em um prédio alugado que foi construído para ser anexo de uma loja de material de construção. Os problemas estruturais eram imensos e o principal deles era a falta de espaço dentro e fora das salas de aula. Não havia uma área comum para os alunos usufruírem, as salas de aula não tinham portas, janelas ou sistema de ventilação apropriado. Se fazia inviável um professor trabalhar quando uma outra turma se encontrava sem aula, o que causava transtorno para todos. A escola não possuía quadra, praça ou sequer corredores amplos. Nessa perspectiva, restava ao professor a sala de aula e os recursos didáticos disponíveis (quase sempre o livro

¹ Atualmente o Colégio Estadual Professor Aristides de Souza Oliveira funciona no espaço físico que correspondia ao Centro Cultural César Borges, localizado no final de linha do São João do Cabrito. A extinção do antigo Centro Cultural César Borges foi executada pela Secretaria Estadual de Educação da Bahia, em Dezembro de 2016, e a transferência do colégio para o prédio público foi efetivada a partir de Janeiro de 2017.

didático). Em função do quadro estrutural que se apresentava como realidade, a opção pela produção de um material didático apareceu como a mais viável e efetiva solução, uma vez que o trabalho na sala de aula é praticamente o único possível dentro da realidade explicitada.

Esta realidade associada a outros fatores influenciou o trabalho docente na unidade escolar, culminando com uma cultura em que o uso do livro didático se faz absoluto, seja para o professor ou para a dinâmica de funcionamento da escola. A opção pela produção de um livro paradidático como elo que vincula a pesquisa acadêmica ao contexto escolar é motivada pelo quadro estrutural da escola, convívio e conhecimento das principais dificuldades enfrentadas pelos professores e estudantes. A produção do material didático é direcionada ao desenvolvimento de outras narrativas históricas que abarquem o bairro de Plataforma e São João do Cabrito a partir da história e memória do lugar. A pesquisa necessita discutir e problematizar a história em sala de aula a partir de outros pontos de vista, desnaturalizando progressivamente a noção de que as “pessoas importantes” e os “grandes fatos e acontecimentos” selecionados pelos discursos oficiais são os únicos caminhos para o ensino de história.

O teor dessa produção acadêmica também é uma manifestação contrária à intolerância que tem invadido os ambientes escolares, em um contexto histórico marcado pelos holofotes direcionados a discursos fascistas e preconceituosos.

Vivemos tempos perigosos na educação e, sobretudo, no ensino de história. O cenário político atual e as campanhas midiáticas associam o desenvolvimento de uma consciência crítica e, portanto, histórica à uma doutrinação esquerdista. Nessa perspectiva, grupos conservadores com grande influência nas decisões políticas do Brasil propõem programas como o Novo Ensino Médio, Escola Sem Partido e a Base Nacional Comum Curricular. Esses programas representam verdadeiro retrocesso a um modelo de educação progressista e pautada na quebra de preconceitos e desenvolvimento da cidadania. O que se propõe com estes programas é um retorno a práticas fundamentadas na hierarquia dos saberes, no eurocentrismo e na reprodução de conteúdos pedagógicos esvaziados, no que tange à criticidade.

A História, enquanto disciplina está sendo constantemente atacada e os progressos pedagógicos obtidos a custo de muito esforço estão sendo desqualificados. Posturas preconceituosas, visões estereotipadas e até posturas de cunho fascista estão invadindo a vida dos estudantes e, em muitos casos, de professores. Entendendo os significados da disciplina História no currículo regular, tendo em vista as análises críticas

efetivadas por alunos, historicidade dos fatos, capacidade de compreensão de uma determinada realidade, dentre outros pontos, que são desenvolvidos enquanto importantes habilidades, fica óbvio que esses ataques constantes produzidos contra os professores de História têm o objetivo de manter as hierarquias e as desigualdades sociais, a partir do enaltecimento de ideologias dominantes e do aprisionamento de qualquer pensamento crítico e libertário.

Ao longo da história do Brasil, o ensino de História sempre foi palco de disputas e campo estratégico para as classes dominantes. O modelo de sociedade pensado por esses grupos deveria ser transmitido às novas gerações que, ao estudarem História se preparavam para compor a elite intelectual da nação, considerando uma perspectiva exclusivista e segregacionista de sociedade.

Ao considerarmos o Colégio Pedro II, fundado em 1838 na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Império brasileiro, como marco inicial para o ensino de História no Brasil, constatamos que a educação pretendida estava direcionada à reprodução de modelos consagrados e conservadores, fundamentados no positivismo francês e com forte influência católica. A aspiração do Colégio Pedro II era a de apresentar um modelo para outras escolas, estabelecendo o currículo e sentido ideológico a ser seguido na História, enquanto disciplina escolar. Tratava-se ainda de formar os nobres da corte e direcioná-los ao exercício do poder. Esse vínculo entre as estratégias de poder e o ensino de História no Brasil jamais foi perdido, mas sempre reafirmado, daí a posição estratégica ocupada pela disciplina.

No período republicano o ensino secundário no Brasil passou por um processo de expansão, uma vez que o projeto de educação que se afirmava carregava em seu discurso a necessidade de educar o cidadão. No entanto, tratava-se de prover educação para as elites, mantendo o caráter segregacionista do ensino. Não era mais interessante educar a nobreza, mas uma elite dirigente associada a um contexto diferente. Era tarefa do ensino de História construir e consolidar a nação brasileira mediante uma educação moral e cívica que enaltecia a pátria e direcionava o ensino para a “biografia de brasileiros célebres, de notícias históricas do Brasil Colônia e Império e a história da proclamação da República” (MOACYR, 1942, p.109-110).

Na década de 1930, o ensino de História esteve imbuído de uma intenção homogeneizante, de forma que a busca por uma identidade nacional se configurou no principal discurso do governo getulista. Porém, a busca e enaltecimento dessa identidade nacional estava associada a um ideal civilizatório branco, europeu e elitista. “A ideia geral

consistia no fato de que restava a cargo da elite operar as transformações sociais. O povo representava a massa cega a ser guiada pela elite” (MATHIAS, 2011, p.43). Tais ideais foram reafirmados nos discursos oficiais no decorrer das décadas de 1940 e 1950 do século XX. A partir de 1942 o ensino da História do Brasil foi revestido de autonomia. Essa reforma objetivou, principalmente, o fortalecimento de um ideal patriótico, no qual os deveres com a pátria pudessem ficar evidentes aos cidadãos, além de disseminar um ideal de nação e progresso configurados no seio de uma ideologia dominante.

No período da ditadura militar brasileira, a partir da década de 1960, o controle direcionado ao ensino de História foi uma prioridade. O Estado se incumbiu de garantir que a História ensinada fosse esvaziada de teor crítico e transformador. “O ensino voltou a ser de grandes homens e grandes feitos, somado ao violento cunho alienador” (BITTENCOURT, 2008, p.82-83). Reforçou-se a perspectiva de que estudar história perpassava a memorização e posturas críticas postas diante da realidade eram enquadradas como subversivas e desnecessárias.

Ainda na década de 1960 e por toda década de 1970 o espaço da disciplina História no contexto escolar foi progressivamente reduzido. Os ideais de progresso e desenvolvimento econômico eram contraditórios com o teor demasiadamente teórico do ensino de história, que teve sua carga horária na educação básica reduzida para dar espaço a disciplinas mais “úteis” à lógica do mercado neoliberal, tais como física, matemática, dentre outras. Na década de 1970, o ensino da História foi extinto e integrado aos Estudos Sociais, o que configurou dano substancial no que se refere à qualidade de ensino.

Nas décadas de 1980 e 1990, que marcaram a transição para uma ordem política democrática, as propostas curriculares colocaram em evidência um modelo de educação que objetivava a formação do cidadão, no entanto, tal como afirma Circe Bittencourt: “de maneira geral, a explicitação do conceito de cidadão que aparece nos conteúdos é limitada à cidadania política, à formação do eleitor dentro das concepções democráticas do modelo liberal” (BITTENCOURT, 1997, p.21).

Entre avanços e retrocessos, mesmo no contexto atual, considerando todas as conquistas históricas em prol de uma escola crítica e atenta às desigualdades, os currículos escolares e o processo de ensino-aprendizagem ainda estão fortemente revestidos de um ideal elitista e de um teor acrítico, sobretudo quando se defende que o ensino de História deve estar preso à simples transmissão de uma cultura dominante. Em muitas escolas a memorização dos livros didáticos ainda é uma prática recorrente. Nesse

ponto, o ensino de História é elemento estratégico para superar as ideologias que naturalizam as desigualdades e sacralizam as estratégias de controle e opressão, afastando a escola da realidade dos estudantes e enaltecendo “fatos importantes” e “heróis” cuidadosamente selecionados e fabricados para afirmar discursos de poder. A elaboração desse trabalho intenta romper, mesmo que parcialmente, com essas amarras, reflexionando e produzindo conhecimento acerca da realidade da escola, dos estudantes e do bairro.

A proposta de um trabalho centrado na história e na memória do bairro de Plataforma e São João do Cabrito, regiões circunscritas no subúrbio ferroviário de Salvador, capital do Estado da Bahia, é uma tentativa de aproximar a história ensinada da história vivida, proporcionando maior identificação e vínculo dos estudantes com os conteúdos trabalhados em sala de aula. Tal proposição se reveste de teor crítico, na medida em que visa facilitar a compreensão acerca da realidade do estudante, garantindo o direito à memória e retirando a História do pedestal que a associa aos “grandes fatos e feitos”.

O estudo da História a partir da memória dos moradores do bairro, priorizando na seleção das fontes, as histórias de vida das pessoas que se identificam com a escola e com o lugar, afim de abarcar a afetividade como suporte para a aprendizagem, é um caminho para que o estudante entenda que ele e os sujeitos que o cercam são sujeitos históricos, e suas trajetórias e contribuições importam. Garantir essa consciência, associada a uma identidade narrativa autônoma é passo de grande valor para a efetiva garantia da dignidade e cidadania, que deve ser o caminho trilhado na construção de uma sociedade democrática e menos desigual.

2 HISTÓRIA, MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Na primeira parte desse trabalho, pretendo abarcar a fundamentação teórica que respaldou o pensamento e produção da dissertação e do produto didático associado à mesma. Para tal, faz-se necessário o amparo teórico relacionado à História, Memória, História Regional e Local e Ensino de História.

Pensar a história é uma tarefa complexa. Muitas teorias norteiam diferentes concepções de história e refletem acerca da função e ação do historiador. A busca por uma objetividade absoluta da história torna-se impossível, na medida em que o sujeito histórico carrega sua subjetividade, as impressões de seu tempo e do contexto no qual está inserido, em cada pensamento e ação.

Os princípios teóricos que orientam a pesquisa do historiador influenciam diretamente na prática docente, pois professores de História são, antes de qualquer coisa, historiadores, desde que orientem sua prática em princípios correspondentes. A fundamentação teórica não deve ser só uma justificativa, mas uma bússola que norteia um trabalho de pesquisa. Se pensarmos que a sala de aula é tomada como objeto de estudo e suas complexidades são percebidas no bojo da crítica histórica, a teoria certamente transparecerá no discurso e no fazer pedagógico.

A teoria é indissociável ao trabalho de um professor, uma vez que a aula já carrega as escolhas e posicionamentos teóricos e epistemológicos que norteiam os caminhos escolhidos. Defendo que não há um limite rígido entre a história e o ensino de História, ao menos não no sentido de opor produção de saber historiográfico e ensino, considerando-os em esferas totalmente diferentes. Prefiro falar em trocas e complementaridade, mas não em sentido unilateral. O ensino de História não deve ser visto como um processo subjugado à historiografia, como se o trabalho do professor fosse o de transmitir os conhecimentos históricos validados e sacralizados pela academia. A tarefa de ensinar História está diretamente associada à pesquisa e, conseqüentemente, produção de conhecimento.

Início a reflexão sobre a história a partir de um questionamento de um filho para um pai historiador, proposto por Marc Bloch: “papai, então me explica o que é história”. (BLOCH.1996, p.41). Estou certo de que essa problemática acompanha praticamente todos os professores de história, no cotidiano escolar. Pensar a história perpassa uma análise crítica, a noção de problematização. Nessa perspectiva, produzir história implica em desnaturalizar verdades prontas e acabadas e propor

reflexões, que por sua vez estão sempre associadas a um contexto. As recorrentes indagações sobre a utilidade da história enquanto área do conhecimento e disciplina escolar se multiplicam, uma vez que, em sala de aula essa discussão é sempre feita de forma superficial e sem vínculo expressivo entre a teoria e a forma como esse conhecimento é direcionado ao estudante. A conceituação e a teoria que fundamentam o trabalho do professor historiador precisam estar refletidas nas aulas e metodologias didáticas, o que dificilmente acontece. Acredito que só dessa forma é possível quebrar a separação, historicamente construída, entre pesquisa e ensino, pesquisador e professor. A narrativa histórica só se constrói a partir da problematização, que deve se estender à sua natureza epistemológica, assim como aos objetos de estudo. Se a sala de aula e a História ensinada são tomadas como objetos de pesquisa, esse conceito precisa necessariamente se estender aos mesmos.

Paul Ricoeur situa a história no intermédio da ciência e da ficção ao conceber a existência de uma intenção de reconfigurar o passado a partir de uma narrativa, o que faz com que toda construção histórica se configure em uma reconstrução, uma vez que configurar o passado como realmente foi é tarefa impossível. Através do estudo centrado na memória, a compreensão das relações humanas e do contexto em que vivem os estudantes do Colégio Estadual Professor Aristides de Souza Oliveira é possível. A História deve sempre ser pensada no contexto do análogo e não do imaginário nem da verdade, uma vez que o próprio status de verdade já se reveste de juízo de valor. O papel do professor de História é o de facilitar a percepção da realidade de forma crítica e de favorecer a autonomia do estudante, e não o de “depositar²” seus saberes.

A palavra ‘Representância’ condensa em si todas as expectativas, todas as exigências e todas as aporias ligadas ao que também é chamado de intenção ou intencionalidade historiadora: designa a expectativa ligada ao conhecimento histórico das construções que constituem reconstruções do curso passado dos acontecimentos. (RICOEUR. 2007, p. 289).

A noção de “Representância” coloca o historiador como um mediador do imaginário, que trabalha com os conceitos de “quase intriga”, “quase acontecimento” e

² FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 58ª. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014. Ver conceito de “educação bancária”.

“quase personagem”. É nessa dimensão, sob o signo do análogo e imersa na narrativa que a história se constrói e se define. A lógica da reafirmação do passado se afirma na mente do historiador. À história, portanto, cabe a construção de um ícone do passado capaz de representá-lo. No ensino de História o trabalho com as analogias também se encontra sob o signo do análogo. Cotidianamente professores e estudantes tentam pensar o passado a partir dos contextos e das relações conhecidas. O ponto de partida para entender História é sempre algo que o estudante conhece, caso contrário nunca é possível sair de uma mera abstração. Relacionar a realidade do estudante com o ensino de História é tarefa muito próxima ao próprio trabalho historiográfico de fabricar narrativas acerca do passado.

As reflexões de Marc Bloch e Paul Ricoeur são complementadas por Walter Benjamin, o que nos dá uma análise plural e efetiva. Benjamin traz à tona uma concepção de História que, ao selecionar os objetos de estudo não criem, nem fundamente hierarquias. Para o autor, a História só é possível quando não distingue os fatos em grandes e pequenos e, dessa forma, “leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a História” (BENJAMIN.1985, p. 223). Esse pensamento já quebra com a perspectiva hierárquica dos temas a serem estudados e prolonga o conceito de Bloch (2002) que pensa a História como o “estudo dos homens no tempo”.

Relacionando essa problemática para a realidade escolar que me proponho a estudar, a partir do Colégio Estadual Professor Aristides de Souza Oliveira, fica perceptível que a prática em sala de aula condiciona a percepção dos estudantes à uma seletividade hierárquica da História, de forma que os “personagens³” estudados e os processos históricos selecionados reproduzem uma ideologia dominante que exaltam determinadas narrativas e silenciam outras.

Benjamin (1985) aponta um perigo iminente à História, que é o rompimento com a experiência vivida, com a experiência com o passado. A arte de narrar, com o avanço da sociedade capitalista está sendo deixada de lado, e junto com ela as tradições que representam os grupos populares.

³ As aspas são colocadas porque compartilho do pensamento de Paul Ricoeur, que considera, mediante a noção de Representância o conceito de “quase personagem”, relativizando a noção de verdade no pensar da História. No entanto, em sala de aula o conhecimento histórico toma a conotação de verdade, uma vez que não é problematizado.

O depauperamento da arte de contar parte, portanto do declínio de uma tradição e de uma memória comuns, que garantiam a existência de uma experiência coletiva, ligada a um trabalho e um tempo partilhados, em um mesmo universo de prática e de linguagem. (BENJAMIN, 1985, p. 11).

A relação com a vida e com as experiências, se deixadas de lado, podem tornar a história ensinada desinteressante para o estudante, resultando em perda de sentido. Nesse contexto, a sala de aula precisa ser um espaço de resgate e reflexão. A possibilidade de conhecer e ter acesso às memórias com as quais o sujeito se identifica nutre outra perspectiva à História, que, necessariamente precisa estar integrada com a vida para que não se perca. Essa busca de sentido para a História, enquanto disciplina escolar, precisa ser incessante ao professor pesquisador.

Benjamin (1985) refuta categoricamente a noção de progresso defendida pelo capitalismo. O autor denuncia um novo tipo de barbárie, associada à pobreza de experiência. A noção de progresso linear da História é muito presente na forma como é ensinada. Os fatos históricos são escolhidos para orientar a narrativa de construção do capitalismo e desenvolvimento da burguesia, evidenciando conceitos muito problemáticos como modernização, civilização e barbárie.

Sequências didáticas que orientam os livros didáticos têm como centro de construção a História da burguesia ocidental e o progresso do capitalismo. Nessa perspectiva, é comum se trabalhar em sala de aula a História dita geral, que se desenvolve a partir da seguinte linha: Crise e decadência do feudalismo; Renascimento urbano e comercial; Mercantilismo e capitalismo primitivo; Iluminismo e Revoluções burguesas; Crise do sistema colonial; Revolução Industrial, e assim sucessivamente. Nunca é demais refutar que esses recortes são estabelecidos tomando a Europa como centro, e desconsiderando análises que estudam a História dos seres humanos a partir de outros contextos.

Esse novo tipo de barbárie está plenamente associado ao ensino, pois cristaliza a História burguesa de matriz eurocêntrica como única, ou pelo menos como central. Essa barbárie que segrega a história tem um propósito claro, que ao orientar o estudante que se encontra fora desses protagonismos, os exclui e os compele a aceitar as narrativas dominantes como corretas, ou pelo menos melhores. “Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda”. (BENJAMIN, 1985, p. 116).

O pensamento de Benjamin fica ainda mais coerente ao explicitar a causa fundamental dessa perda da capacidade narrativa e do intercâmbio de experiências entre os seres humanos ao apontar o dano causado pela imprensa burguesa e sua matriz de pensamento. “Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio” (BENJAMIN,1985, p. 203). A tentativa de trazer conclusões prontas e acabadas é incoerente com a própria História. A prioridade dada aos resumos e ao conteúdo que se reveste de uma pretensa objetividade informativa contrasta com a função narrativa que sustenta a reflexão historiográfica. “Cada manhã recebemos notícias de todo mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações”. (BENJAMIN,1985, p. 203).

Compartilho do pensamento do autor, que entende a História como uma ação política, responsável por inibir a opressão advinda dos grupos dominantes. A História, portanto, no contexto acadêmico e escolar, é um campo de batalhas, associado intrinsecamente às ideologias. A exaltação de determinadas narrativas e silenciamento de tantas outras, despertam empatia para com os vencedores e repulsão aos que desse grupo não fazem parte. Isso tudo se traduz em um grande perigo. Considerando inclusive que a História sempre procede da História e que cada trabalho historiográfico retifica os anteriores, o posicionamento do professor historiador se faz necessário e determinante para desnaturalizar as ideologias de dominação e possibilitar o resgate da identidade narrativa de todos os sujeitos.

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. (BENJAMIN,1985, p. 224).

Pensar a História significa, antes de tudo, pensar a epistemologia do conhecimento histórico e os fundamentos teóricos que direcionam determinado trabalho. A historiografia é recheada de adjetivos e caracterizações, que não são inocentes. A História está, portanto, associada a essas predeterminações: cultural, política, social, econômica, nacional, regional e local; dentre outras. Há sempre uma intenção por traz de

uma adjetivação do conhecimento histórico. Nessa perspectiva, cabe-nos entender se há o objetivo de delimitação do campo de pesquisa para favorecer uma lógica analítica e possibilitar uma compreensão mais ampla. No entanto, essas caracterizações podem estar formuladas com o objetivo de garantir uma hierarquia, uma submissão da pesquisa histórica a partir de um discurso de poder, e nesse caso, a pesquisa já nasce dentro de paredes que limitam seu raio de ação, a partir de estereótipos e discursos que fundamentam a subjugação de uma história à outra.

A denominação de “história regional e local” carrega a marca de um preconceito, o alicerce de uma hierarquia, desenvolvida com clara intenção de valorizar determinadas narrativas históricas como nacionais e reduzir tantas outras, igualmente importantes ao estatuto de regionais ou locais, o que se faz não com a intenção de compreender, mas de subjugar. Durval Muniz de Albuquerque Júnior denuncia essa problemática e sustenta teoricamente que a região é, antes de tudo uma invenção, e os antagonismos entre local, regional e nacional encontram-se no bojo das relações políticas e na esfera dos discursos.

Há nesta divisão entre o nacional, o regional e o local o reconhecimento de uma derrota e de uma impossibilidade: a derrota das forças políticas e econômicas locais que assumem sua subalternidade e o reconhecimento da impossibilidade dos historiadores que moram nessas áreas de fazer história nacional ou apenas história, sem mais adjetivos, deixadas para quem seria de direito, aqueles historiadores que vivem no que seriam os centros de produção acadêmica e historiográfica. (ALBUQUERQUE, 2015, p. 58).

A História dita local ou regional está, quase sempre, associada às pesquisas históricas realizadas nas regiões Norte ou Nordeste do Brasil. Dificilmente um estudo realizado no Rio de Janeiro ou em São Paulo assumem a configuração de uma pesquisa “local”. Invariavelmente são associados ao parâmetro de “nacional”. Estudar História do Brasil, portanto é estudar a História dos centros econômicos e administrativos do Sudeste brasileiro. O estatuto de “história local” é proporcional, nesse sentido a uma “história periférica”, com menos valor.

O ensino de História está intimamente relacionado a essa discussão. É na História ensinada que as generalizações ganham proporções maiores e as narrativas históricas ganham status de verdade. Os estudantes naturalizam que estudar o bairro, as comunidades próximas ou os sujeitos que os cercam não é importante, pois a perspectiva

de História trazida nas “grades curriculares⁴” de conteúdos e nos livros didáticos privilegiam outras narrativas, às quais confere o título de História Geral ou História do Brasil.

A concentração de conteúdos centrados na história europeia, evidenciados como a “História Geral” e a “História do Brasil”, vista na perspectiva de um estudo dos quadros políticos e econômicos do sudeste brasileiro, representam verdadeira contradição se considerarmos o público estudantil das escolas do subúrbio ferroviário na cidade de Salvador-BA, e de praticamente todas as regiões ditas periféricas da cidade.

A principal crítica a esse modelo de ensino de História não é a de que esses conteúdos regulares não devem ser conhecidos, mas por que devem ser priorizados quando existem narrativas históricas mais próximas e mais significativas para o público estudantil do local? Ou ainda, porque temas como República “café-com-leite” ou feudalismo merecem ser contemplados nas aulas de História enquanto que a construção e organização histórica do próprio bairro simplesmente é relegada ao escanteio ou é simplesmente silenciada?

Um exemplo para caracterizar o que estamos sinalizando é o tema do processo de industrialização brasileiro. O bairro de Plataforma contou com uma das primeiras fábricas brasileiras, a fábrica de tecidos São Brás, que fez parte de um processo de desenvolvimento industrial muito maior. “Quando se fala da história da industrialização no Brasil, pouca importância se dá ao fato de que os primeiros surtos mais expressivos desse processo tiveram, como palco, a Bahia”. (SARDENBERG, 1998, p.1). No entanto, no contexto escolar, a industrialização no Brasil é sempre estudada a partir do Sudeste e, muito raramente, se lê um parágrafo ou outro nos livros didáticos escolares que contemplem esse aspecto.

É nesse contexto que a problematização deve ser o centro do ensino de História, na medida em que a busca pela mudança da realidade social perpassa a desnaturalização dos valores e discursos hegemônicos. O estudante do subúrbio ferroviário de Salvador precisa ter acesso à historicidade da região em que vive, e sobretudo, aos tantos homens e mulheres que compõem e movimentam essa História e, ao problematizar as construções e os discursos de verdade que a História oficial sacraliza e reproduz, certamente terá instrumentos para entender que a História está imbuída de intenção, o que perpassa as noções de local, regional e nacional.

⁴ O termo “grade curricular” já remete a um aprisionamento que o currículo oficial exerce sobre os professores, condicionando as aulas a conteúdos pré-determinados.

O parâmetro de história nacional é imposto como um selo de validação, muitas vezes desvinculado de uma função epistemológica. Essa hierarquização fere a própria natureza da História, a de compreender os seres humanos em seus devidos contextos e temporalidades, sem que o julgamento do historiador possa determinar conclusões, que são sempre revertidas em estereótipos. A adjetivação do regional ou local deve ser entendida na esfera dos discursos.

O nacional e o regional não são critérios de validação de uma produção historiográfica, não são referências pertinentes para fundar uma epistemologia. Uma história serial não se pode ater a essas divisões, visto que as séries históricas desconhecem estas fronteiras. A unidade que interessa ao historiador é a unidade de enredo, de trama, não estas unidades identitárias forjadas no próprio processo histórico e que são elas também pluralidades de séries. (ALBUQUERQUE, 2015, p.40)

Assumir que toda pesquisa histórica se constrói em um recorte estabelecido pelo historiador, seja ele espacial, temporal, ou ambos, me parece uma posição mais coerente do que assumir a condição de fazer “história local”, levando em consideração a lógica hierárquica e os preconceitos que subsidiam essa determinação. A noção de espaço é tão presente na pesquisa histórica quanto a noção de tempo. José D'Assunção Barros (2007), ao pensar a expansão dos domínios da História propõe, inclusive, uma pertinente complementação à definição de Marc Bloch (2002). Em tal perspectiva a História deve ser vista não só como estudo dos homens no tempo, mas no tempo e no espaço, uma vez que essas duas categorias são indissociáveis.

Definir a história como o estudo do homem no tempo foi, portanto, um passo decisivo para a expansão dos domínios historiográficos. Contudo, a definição de História, no seu aspecto mais irredutível, deve incluir ainda uma outra coordenada para além do “homem” e do “tempo”. Na verdade, a História é o estudo do Homem no Tempo e no Espaço. As ações e transformações que afetam aquela vida humana que pode ser historicamente considerada dão-se em um espaço que muitas vezes é um espaço geográfico ou político, e que, sobretudo, sempre e necessariamente constituir-se-á em espaço social. (BARROS, 2007, p. 96).

Da mesma forma que a pesquisa histórica, o ensino de História também deve estar posto em um contexto. Contemplar a historicidade do bairro no qual a escola está inserida é caminho essencial para garantir a aprendizagem, que se configura do particular para o geral. A educação não se processa somente na escola, mas principalmente nas

relações sociais cotidianas. A família, a comunidade, as tradições, o espaço de convívio, dentre outros (as) estão diretamente associados ao processo educativo. O grande problema é que o ensino escolar ainda está muito desconectado do mundo. Os saberes prévios dos estudantes são frequentemente desconsiderados e os conteúdos regulares enaltecidos e, em muitos casos, condicionados mediante imposição do professor à nota na disciplina e conseqüente aprovação escolar.

Os jovens sempre participam, a seu modo, desse trabalho da memória, que sempre recria e interpreta o tempo e a História. Apreendem impressões dos contrastes das técnicas, dos detalhes das construções, dos traçados das ruas, dos contornos das paisagens, dos desenhos moldados pelas plantações, do abandono das ruínas, da desordem dos entulhos, das intenções dos monumentos, que remetem ora para o antigo, ora para o novo, ora para a sobreposição dos tempos, instigando-os a intuir, a distinguir e a olhar o presente e o passado com os olhos da História. (NACIONAIS, 1998, p. 38).

É certo que pensar a dinâmica do ensino-aprendizagem está no limiar da pedagogia, mas o ensino de História está ancorado não apenas nas teorias da educação. Pensar o conhecimento histórico, sua construção, intenção e interpretação exige associação com a teoria da História, que se faz imprescindível. É incabível pensar o ensino de História somente na perspectiva de transmissão do conhecimento, uma vez que a natureza da própria História já está associada à crítica e problematização. As teorias da educação, sozinhas, não dão conta de responder as questões acerca da veracidade do conhecimento histórico, temporalidades, intencionalidade das narrativas históricas, fronteiras entre História e memória, dentre outras. Prefiro, portanto, pensar o ensino de História como uma zona híbrida na qual convergem os saberes advindos da escola, a teoria da história e a pedagogia.

Ana Maria Monteiro (2007) defende que ao se pensar a epistemologia do ensino de história encontramos-nos na interseção entre os saberes acadêmicos e os saberes escolares. O ensino de história, portanto ocupa o que a autora chama de “lugar de fronteira”.

Fronteira não no sentido norte-americano de “frontier”, terra além da qual se estende um vazio, uma terra de ninguém... Fronteira no sentido de “border”, lugar de marcação de diferenças, mas que também permite o encontro, as trocas; zona híbrida onde os contatos se pulverizam e se ordenam segundo micro-hierarquias, zona de imensas possibilidades de criação cultural. (MONTEIRO. 2007, p.9).

O ensino de História a partir da memória é um rico caminho para a construção do conhecimento, pois a memória possibilita associações com o passado a partir de reconstruções. O contexto escolar é um espaço de trocas onde o saber se reconfigura frequentemente e o ensino de História é dependente direto dessas relações. Uma produção didática voltada para a memória do bairro de Plataforma serve de elo direto para a configuração de ricas associações com a história do lugar e com a vida do educando, relacionando narrativas históricas com memórias.

A memória é aqui tomada na perspectiva de Maurice Halbwachs (2003) que alterou profundamente as relações entre Memória e História. O autor define que toda memória só se constrói em coletividade, e que o ato de lembrar está sempre relacionado a um contexto maior e a influências sociais. Quebra-se, portanto a noção de que a memória é um ato individual, pois ninguém lembra sozinho. “É por isso que sentimos tanta dificuldade para lembrar acontecimentos que só dizem respeito a nós mesmos” (HALBWACHS, 2003, p.13).

À História não interessa o estudo de indivíduos sem que se estabeleça uma relação com os contextos nos quais estão inseridos. Daí a fundamentação da História a partir das temporalidades e do espaço. A compreensão do contexto é sempre o objetivo, mesmo que essa compreensão seja limitada e (ou) provisória. A memória coletiva é, portanto, a única que interessa ao historiador, pois ela é instrumento para a compreensão de um contexto maior. E ao considerarmos que “Não há lembranças que reaparecem sem que de alguma forma seja possível relacioná-las a um grupo” (HALBWACHS, 2003, p.42), podemos entender a memória como a matéria prima essencial da História, muito embora, não sejam a mesma coisa.

Ao considerar que toda memória é coletiva, conclui-se que toda memória é passível de ser estudada pela História, mas pensar a memória como a própria História seria cair em erro e assumir a perspectiva de que o documento fala sozinho, independente dos questionamentos do historiador e de qualquer tipo de metodologia analítica. Deve-se estabelecer claramente que memória é documento e jamais pode ser tomada como verdade na pesquisa histórica. A memória, portanto, não é inocente. É necessário acrescentar aqui que pensar a memória não se limita a delimitar a memória narrada, uma vez que a memória escrita também carrega em si intenções, que devem ser levadas em consideração.

Pensar a memória é tarefa necessária para a compreensão da própria História, uma vez que a definição das fronteiras entre elas é passo essencial para

validar uma produção historiográfica. Por mais fluidas que possam ser essas fronteiras, essencialmente a História se diferencia da memória pela problematização. O historiador não pode se limitar ao registro das memórias, sem que as devidas comparações, interpretações e questionamentos sejam relacionados. A mediação, indução e interpretação já nos tira do campo da memória e nos coloca no campo da História. A História ensinada, se desprovida de arcabouço teórico que a sustente, pode encadear um grande problema, o de ser usada no caminho de cristalização da memória, confundindo a história vivida com a própria História.

Pierre Nora (1993), ao discutir a problemática dos lugares entre História e memória nos oferece uma excelente reflexão, opondo ponto a ponto as dissidências que fundamentam essas fronteiras.

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno o presente; a história, uma representação do passado. ... A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (NORA, 1993, p.9).

A memória não pode ser analisada no âmbito do passado, mas no presente. É no presente que ela se constrói, uma vez que, mesmo recorrendo ao passado o narrador encontra-se no presente, e sofre as influências do mesmo. Nenhum relato mnemônico é a verdade sobre o passado, assim como a própria História não o é. Uma história de vida ao ser narrada compreende múltiplas representações e está sujeita ao contexto em que foi forjada. Ao narrar um mesmo acontecimento em momentos diferentes o relato já apresenta alterações, logo toda a trajetória de vida que precedeu e procedeu o acontecimento influencia na escolha das palavras e na seleção dos eventos, que estão carregadas de intenção. Os silêncios, os traumas, as emoções, os esquecimentos e todas as outras variantes são objetos de estudo da História tanto quanto os eventos articulados na narrativa do depoente. É no âmbito

do presente e a partir da problematização, portanto, que a memória deve ser trabalhada no contexto escolar.

Antonio Torres Montenegro afirma que devemos estabelecer essa diferenciação entre o vivido e o narrado, pois não são a mesma coisa. “O tempo histórico não é o tempo vivido. A história escrita, documentada, distingue-se do acontecido; é uma representação. E nesse hiato entre o vivido e o narrado localiza-se o fazer do próprio historiador”. (MONTENEGRO, 2013, p.10). Uma história de vida sempre se circunscreve nas motivações individuais e coletivas daquele que a narra e todo o contexto é reduzido às suas impressões sobre o acontecido. A memória é, portanto, seletiva. Todas as informações encadeadas na sequência narrativa são escolhidas pelo sujeito, que pensa e articula, da entonação com que profere as palavras àquilo que deseja defender ou condenar. Cabe à História se isentar do juízo de valor e buscar a compreensão, tomando a memória como uma fabricação do presente e seguindo o rastro do passado.

Os depoimentos não são apenas meras exteriorizações de realidades, mas expressam um novo fato a ser investigado, erigindo-se enquanto discurso específico que reclama sua legitimidade frente a outros discursos, fornecendo, portanto, uma resposta particular às exigências do passado rememorado. De acordo com este procedimento, cabe ao historiador investigar a circulação dessas representações do real, demonstrando que foram recriadas a partir de questões do presente. Ou seja, interessa considerar que o presente lhes imprime uma marca singular diferente daquele do acontecimento tal como ocorreu. (CARDOSO, 2010, p.156).

A relação entre História e memória é dialética e ambas são muito próximas. O caminho percorrido pelo historiador na produção das narrativas não pode ser totalmente delineado antes da pesquisa, uma vez que as fontes o guiam e, muitas vezes o fazem mudar de direção. Produzir narrativas históricas é um trabalho inexato cujo objetivo primordial nunca é colocar ponto final. Considerar a memória como essência da produção historiográfica é posicionar o estudo no campo da fluidez, o que exige do historiador uma capacidade de adaptação e de reinvenção, como nos explica Sara Farias (2010):

O trabalho de fabricação de narrativas é fundamental no ofício do historiador, por isso é preciso traçar seus percursos, seguir a trilha de muitos atalhos, permeados de bifurcações, obstáculos como a lacuna das fontes, a experiência cotidiana da pesquisa muitas vezes diferente da forma como esta foi concebida, enfim, uma longa trajetória que precisa ser o tempo todo redimensionada. (FARIAS, 2010, p. 68).

Ana Maria Monteiro defende que o ensino de História é também “lugar de fronteira” entre a História e a memória “por que ali revemos, ampliamos, ressignificamos e referendamos representações sobre o passado no presente” (MONTEIRO, 2007, p.22). O ensino de história deve contribuir para o questionamento e não reprodução, e para isso a realidade do estudante precisa ser ouvida e compreendida, além do contexto em que vive e suas influências socioculturais. A convergência entre memória e história no contexto escolar favorece não só o aprendizado, mas a tomada de consciência perante o mundo e a vida, na medida em que possibilita contextualizar e problematizar conteúdos e metodologias, restabelecendo o elo que a educação escolar mantém com a vida e com o mundo.

Na perene tentativa de garantir uma educação de qualidade que possibilite a autonomia e criticidade do educando, manter o ensino de História preso às “grades curriculares” tradicionais é incoerente. Se o processo educativo não ocorre somente na sala de aula, faz-se necessário recorrer aos saberes dos tantos sujeitos cujas experiências de vida têm vínculo direto com as trajetórias dos educandos. O estudo da História e memória do bairro de Plataforma, no que tange ao processo educativo no Colégio Estadual Professor Aristides de Souza Oliveira, não pode vir em segundo plano, mas ao contrário, deve ser estudado como ponto de partida, fundamentando valiosas associações e analogias, preciosas à aprendizagem histórica.

3 PLATAFORMA: A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DE UM BAIRRO

O objetivo desse capítulo é situar geograficamente e historicamente o bairro de Plataforma, afim de amparar as proposições pedagógicas que serão contempladas no capítulo três desta dissertação. O bairro de Plataforma está situado no Subúrbio ferroviário de Salvador, e é o mais antigo dessa região. Suas origens associam-se diretamente ao processo de expansão da rede ferroviária na Bahia, a partir de meados do século XIX que, ao estabelecer conexões entre Salvador e o interior do estado, entrecruza o bairro de Plataforma e caracteriza a paisagem do local. Também no século XIX, mais precisamente em 1875, é construída a fábrica de tecidos São Brás, à qual o desenvolvimento do bairro está diretamente associado.

A partir de 2017, as demarcações oficiais dos bairros que compõem a cidade de Salvador passaram por uma reformulação⁵. De 32 bairros demarcados, Salvador passou a ter 160, além da Ilha de Maré, Ilha dos Frades e Bom Jesus dos Passos⁶. Nessa reformulação o bairro de Plataforma foi separado do São João do Cabrito, que esteve historicamente associado e englobado enquanto distrito de Plataforma nas demarcações anteriores. Nesse trabalho os dois territórios são considerados, uma vez que ambos são importantes enquanto elementos de identificação para os estudantes do Colégio Estadual Professor Aristides de Souza Oliveira, aos quais a pesquisa está direcionada.

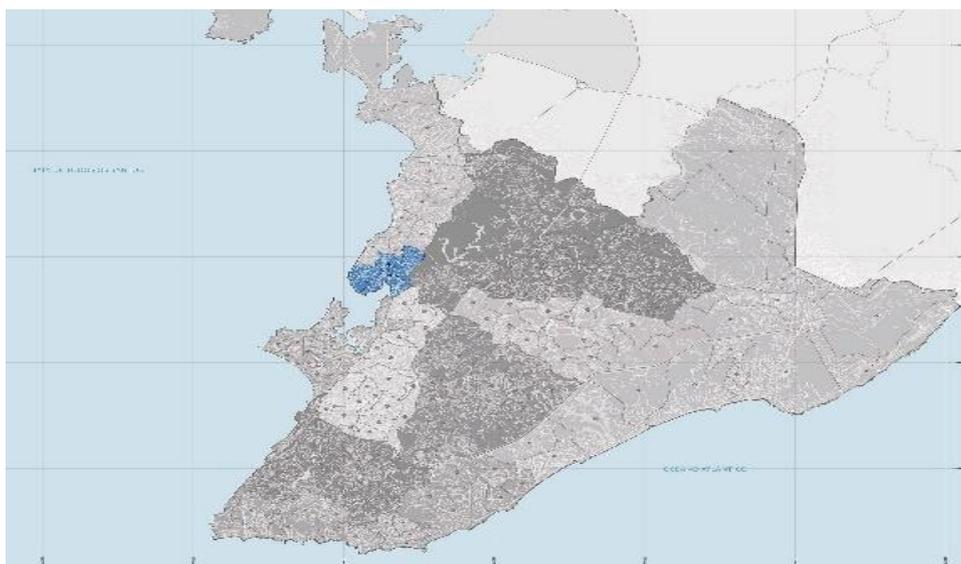
A atual separação estabelecida entre os territórios leva em consideração as bacias hidrográficas da cidade de Salvador⁷. No entanto, historicamente é impossível dissociar o bairro de Plataforma do São João do Cabrito, território que sempre foi parte integrante. Nessa perspectiva, as fronteiras são aqui entendidas apenas como recurso administrativo, não cabendo tomar esse recorte por referência absoluta ao se estudar a história do lugar. Sendo assim, as referências feitas ao bairro englobam os dois territórios como partes integrantes do mesmo processo. Havendo a necessidade, as especificações serão devidamente estabelecidas, compreendendo as características que podem ser estudadas separadamente.

⁵ Essa reformulação se fundamenta no estudo “O Caminho das Águas em Salvador”, que define as unidades territoriais a partir das bacias hidrográficas que compõem a cidade.

⁶ Informação disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/camara-aprova-projeto-que-delimita-bairros-de-salvador>>. Acesso em: 8 de mar 2018.

⁷ SANTOS, Elisabete et al. O Caminho das águas em Salvador. Bacias hidrográficas, bairros e fontes. Salvador: CIAGS/UFBA, 2010.

Figura 1: Localização de Plataforma e São João do Cabrito no mapa de Salvador



Fonte: SEDUR – Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Urbanismo ⁸

Plataforma está localizado em sentido oposto à Ribeira, em Salvador. O bairro faz fronteira com Itacaranhá, Alto da Terezinha e Rio Sena, ao norte; ao leste com o Parque São Bartolomeu e o bairro de Pirajá; e ao sul com o Alto do Cabrito e Lobato. A imagem a seguir nos mostra as demarcações oficiais que delimitam o bairro de Plataforma e São João do Cabrito, assim como os bairros vizinhos.

Figura 2: Localização de Plataforma e São João do Cabrito e suas fronteiras



Fonte: INFORMS - Sistema de Informações Geográficas Urbanas do Estado da Bahia ⁹

⁸ Disponível em:

<http://www.sucom.ba.gov.br/wpcontent/uploads/2016/07/PDDU_MAPA_09_PREFEITURA_BAIRRO.pdf> Acesso em: 08 mar 2018.

À oeste Plataforma é banhado pelas águas da Baía de Todos os Santos, o que confere ao local uma paisagem bucólica e paradisíaca. Em função da sua geografia privilegiada, a região já foi muito associada a um local de veraneio e descanso.

Figura 3: Vista aérea de Plataforma e São João do Cabrito.



Fonte: Passa a Palavra - Repositório Digital¹⁰

3.1 DO PASSADO COLONIAL À SUBÚRBIO FERROVIÁRIO

Atualmente, o bairro de Plataforma contrasta uma rica historicidade com a perceptível decadência econômica, fruto do abandono dos empreendimentos do passado e ausência do poder público em preservar os patrimônios materiais e imateriais, que não passam despercebidos na paisagem nem nos costumes da população local.

A história do bairro associa-se aos primeiros passos da colonização portuguesa no Brasil, por todo o século XVI, quando o território estava revestido de protagonismo, com grande importância econômica e estratégica. Na região, hoje correspondente ao subúrbio ferroviário de Salvador “aconteceram diversos aldeamentos jesuítas, que foram as primeiras tentativas de catequese e, também para a fabricação de açúcar em pequenos engenhos” (SANTOS, 2005, p.72). A historiadora Maria Hilda Baqueiro Paraíso (2011) situa um dos primeiros aldeamentos indígenas estabelecidos no Brasil no atual bairro de

⁹ Disponível em:

<http://geopolis.ba.gov.br/?c=url=http://maps.informs.conder.ba.gov.br/arcgis/rest/services/BAHIA/BAIRRO_GEO/MapServer>. Acesso em: 08 mar 2018.

¹⁰ Disponível em: <<http://passapalavra.info/2017/09/114981>>. Acesso em: 08 mar 2018.

Plataforma, correspondendo ao que hoje é o São João do Cabrito, o aldeamento São João:

São João – Plataforma – Baía de Pirajá. Um dos primeiros aldeamentos instalados, foi temporariamente despovoado em 1560, após a fuga de sua população durante a procissão do Domingo de Ramos. A fuga foi comandada pelo cacique Mirangoaba, insatisfeito com as constantes intervenções dos missionários na vida da comunidade. (PARAÍSO, 2011, p.94).

O território correspondente ao bairro foi originariamente ocupado por índios Tupinambás que se distribuíam e ocupavam a baía e as matas que circundavam a região. Caracteristicamente nômades, os Tupinambás provavelmente se seduziram pela fartura de alimentos e água potável que abundavam no local. A presença dos Tupinambás no parque São Bartolomeu é registrada por Ângelo Serpa (1996), que atribui aos mesmos, significativa importância nas tradições religiosas exercidas no local, descritas como ponto de convergência entre as tradições indígenas e africanas.

Mas os Tupinambás parecem ter se conformado com essa faixa de terra hoje chamada Parque de São Bartolomeu e renunciado à travessia marítima: A beleza especial do lugar, com suas cachoeiras, florestas, pântanos e morros e, principalmente, a fartura de recursos naturais que propiciavam a pesca e a caça fartas, parecem ter exercido um fascínio e um poder de persuasão irresistível nos Tupinambás, que aqui fincaram raízes e fundaram uma grande aldeia, renunciando assim à sua vida tradicionalmente nômade. Aqui parecem ter encontrado a correspondência concreta para seus mitos que preconizavam a existência de uma terra prometida. (SERPA, 1996, p.178).

Nas descrições sobre o Brasil de fins do século XVI, registradas por Gabriel Soares de Souza¹¹, é possível identificar que a região que hoje corresponde ao bairro de Plataforma já era caracterizada pela abundância de recursos naturais e presença já consolidada dos portugueses, marcada pela existência de vilas, igrejas, ermidas, fazendas e engenhos. Tais descrições das terras compreendidas “entre a boca do rio Pirajá e o rio Matoim” (DE SOUSA, 1971, p.147), correspondentes ao atual subúrbio ferroviário de Salvador nos dão pistas da importância do local no projeto colonizador português.

Por este rio de Pirajá abaixo, e da boca dele para fora ao longo do mar da baía, por ela acima, vai tudo povoado de formosas fazendas e tão alegres da vista do mar, que não cansam os olhos de olhar para elas. E no princípio está uma de

¹¹ DE SOUSA, Gabriel Soares; DE VARNHAGEN, Francisco Adolfo; DO PORTO SEGURO, Visconde. Tratado descritivo do Brasil em 1587. Companhia editora nacional, 1971.

Antônio de Oliveira de Carvalho, que foi alcaide-mor de Vila Velha, com uma ermida de São Brás; e vai correndo esta ribeira do mar da baía com esta formosura até Nossa Senhora da Escada, que é muito formosa igreja dos padres da Companhia, que a têm muito bem concertada; onde às vezes vão convalescer alguns padres de suas enfermidades, por ser o lugar para isso; a qual igreja está uma légua do rio de Pirajá e duas da cidade. (DE SOUSA, 1971, p. 147).

No percurso do rio Pirajá a importância econômica do local é evidenciada nos engenhos existentes e na conseqüente produção do açúcar.

Entrando por este esteiro, pondo os olhos na terra firme, tem uma formosa vista de três engenhos de açúcar, e outras muitas fazendas mui formosas da vista do mar, e no cabo do salgado se mete nele uma formosa ribeira de água, com que mói um engenho de açúcar de Sua Majestade, que ali está feito com uma igreja de S. Bartolomeu, freguesia daquele limite, o qual engenho anda arrendado em seiscentas e cinquenta arrobas de açúcar branco cada ano. (DE SOUSA, 1971, p.146).

A importância estratégica do bairro, que se refletia, dentre outros aspectos, na geografia do local, disponibilidade de recursos naturais e na economia, atraiu os holandeses em 1638, que utilizaram Plataforma como eixo de acesso à cidade de Salvador. Tal como descrito por Ângelo Serpa: “Plataforma é um dos bairros mais antigos da cidade e está ligado à história da Bahia pelo fato de lá terem aportado tropas holandesas no século XVII” (SERPA, 2001, p. 240). José Eduardo Ferreira Santos, a partir da análise dos comentários de Brás do Amaral às cartas de Vilhena, descreve a invasão de 1638, ano que coincidiu com a segunda invasão holandesa em Salvador.

Em 1638, portanto, na segunda invasão, os holandeses, chefiados pelo príncipe Maurício de Nassau, invadiram a cidade de Salvador, aportando na Baía de Itapagipe e subindo pelas entradas das igrejas de São Brás de Plataforma e Nossa Senhora de Escada, dali marchando para a cidade. O príncipe Maurício de Nassau veio com um exército e uma armada, que encontrou, segundo Brás do Amaral, em seu comentário às cartas de Vilhena, os fortes existentes na cidade que foram providentes diante de perigo, e os holandeses na trincheira de Santo Antônio Além do Carmo ‘assaltaram com furor e dali foram repelidos’. (SANTOS, 2005, p.75).

O território correspondente ao bairro de Plataforma também foi palco de importantes batalhas pela independência da Bahia, durante a primeira metade do século XIX. “Nas áreas do Cabrito e Pirajá o Exército Libertador entrou pela Estrada das

Boiadas¹², e nestes mesmos locais foram travadas as batalhas decisivas” (SANTOS, 2005, p. 78-79).

Os diversos caminhos que compreendem o bairro de Plataforma representam uma forte conexão entre passado e presente. Muitos são os espaços que despertam a lembrança nos moradores mais antigos e o interesse naqueles que visitam o bairro. A rica historicidade do local é refletida, dentre outros aspectos, nas linhas férreas e trens, hoje marcados pelo abandono e sucateamento, mas que rememoram contextos pretéritos, nos quais o bairro era conhecido pela importância econômica e logística que representava para o estado da Bahia. A estrada de ferro Calçada-Paripe, é um dos principais símbolos do Subúrbio ferroviário de Salvador, que é assim denominado por ser transpassado pela ferrovia.

A instalação da ferrovia, inicialmente denominada de Estrada de ferro Bahia *and San Francisco Railway* foi fruto de uma concessão para a Companhia inglesa de mesmo nome¹³. É possível ainda hoje notar similaridades entre algumas das estações, tal como a estação da calçada, ainda em funcionamento, com as estações de metrô europeias.

A ferrovia, cuja construção foi concedida através do Decreto 1299 de 19 de dezembro de 1853 a Joaquim Francisco Alves Muniz Barreto e transferida apenas dois anos mais tarde, pelo Decreto n. 1615 de 9 de junho de 1855, à Companhia Bahia and San Francisco Railway com sede em Londres, devia ligar Salvador à cidade de Juazeiro, localizada a cerca de 500 quilômetros da capital baiana, à margem direita do rio São Francisco, passando pela cidade de Alagoinhas. (CASTORE. 2013, p.141-142).

A ferrovia que corta e dá nome ao subúrbio ferroviário de Salvador foi fundamental no processo de estruturação do bairro de Plataforma, o mais antigo da região. A construção da ferrovia trouxe diversos trabalhadores, que construíram suas casas nas proximidades da estrada de ferro, povoando e contribuindo para a urbanização do bairro. O Colégio Estadual Professor Aristides de Souza Oliveira está situado em uma rua ainda conhecida como Rua dos ferroviários, diretamente associada ao processo histórico de construção do bairro, pois leva esse nome em função dos moradores mais antigos que se estabeleceram na região, trabalhadores cujas atribuições estavam a serviço da construção, operação ou manutenção da ferrovia.

¹² Santos (2005) registra que a Estrada das Boiadas fora a primeira via de acesso dos colonizadores portugueses para o interior e sertão da Bahia, ligando o litoral do Subúrbio ferroviário de Salvador ao sertão, pela atual BR324. (SANTOS, José Eduardo Ferreira. Novos Alagados: histórias do povo e do lugar. Edusc, 2005. p.73).

¹³ Companhia *San Francisco Railway*.

The construction of this railroad, which had begun in the late 1860s, continued (with interruptions) throughout the 1920s (Mello e Silva et al 1989), and its possible that many of the workers were based or otherwise resided in Plataforma. Evidence to that effect is found on the existence in the neighborhood of a street, facing the railroad tracks, which is still named "Rua dos Ferroviários," that is 'Railroaders Street' (or 'Railroad Workers Street').¹⁴. (SARDENBERG, 1997, p.212).

Em 1935 a estrada de ferro *San Francisco Railway* foi integrada pelo governo federal e passou a fazer parte da Viação Férrea Federal do Leste Brasileiro (VFFLB)¹⁵. Atualmente a linha férrea é popularmente conhecida como “Leste”, em referência à nomenclatura estabelecida oficialmente. A ferrovia foi responsável pela quebra do isolamento geográfico, promovendo eixos de ligação com os bairros mais próximos, assim como trânsito de suprimentos diversos, que possibilitaram grande vantagem estratégica para a fábrica de tecido São Brás, fundada em 1875. O trânsito de pessoas e mercadorias no bairro de Plataforma em períodos anteriores à construção da estrada de ferro era feito a pé, em lombos de animais e em canoas, com destaque para a travessia marítima Ribeira-Plataforma, cuja rota é ainda hoje é percorrida por balsa.

Se a construção da ferrovia Bahia and San Francisco Railway facilitou o acesso à área do subúrbio, interligando Plataforma à cidade, e fornecendo assim uma alternativa mais eficiente e segura à comunicação via barco, a mesma ferrovia desenvolveu um papel fundamental na instalação, em 1875, da Fábrica de tecidos São Braz, na área da antiga Fazenda Brandão, em Plataforma. (CASTORE, 2013, p.146).

3.2 A FÁBRICA DE TECIDOS SÃO BRÁS E A CONFIGURAÇÃO DO BAIRRO OPERÁRIO DE PLATAFORMA

Narrar a história do bairro de Plataforma sem fazer menção à fábrica de tecidos São Brás é praticamente impossível. A fábrica e a vila operária, criada para abrigar os trabalhadores, foram essenciais para o povoamento de Plataforma e sua consequente urbanização. Pode-se dizer que o bairro ganha dimensão enquanto bairro operário. Não obstante, SERPA (2001) define a fábrica São Brás como a “alma do bairro”, e a vida dos

¹⁴ “A construção da ferrovia, que teve início no final da década de 1860, continuou (com interrupções) ao longo de toda a década de 1920 (Mello e Silva et al 1989), e é possível que muitos dos trabalhadores foram baseados ou não residiu na plataforma. Evidência para esse efeito é encontrado sobre a existência na vizinhança de uma rua, de frente para a linha férrea, que ainda é nomeado “*Rua dos Ferroviários*”, que é “Railroaders Street’ (ou ‘Ferroviários Street’)”. (SARDENBERG, 1997, p.212. Tradução minha.)

¹⁵ Informação da biblioteca online do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?view=detalhes&id=441018>>. Acesso em: 15 jan 2018.

tantos homens e mulheres que habitavam o local é descrita por SARDENBERG (1997) como “a vida nos quintais da fábrica¹⁶.”

A fábrica de tecidos São Brás teve papel central no desenvolvimento do bairro. Mesmo com a implantação da ferrovia e instalação de certo número de pessoas, em 1872 a freguesia de São Bartolomeu de Pirajá, na qual o bairro de Plataforma estava inserido, “ainda era essencialmente rural, a população encontrava-se bastante dispersa, com pequenas concentrações nucleares ocorrendo apenas em torno das principais paróquias” (MATTOSO, 1978, p.116, apud CASTORE, 2013, p.150). Se em 1872 o número médio de habitantes na freguesia de São Bartolomeu de Pirajá era estipulado em 2863 habitantes, no censo de 1890 já é verificado uma quase duplicação na quantidade de pessoas estabelecidas no local, registradas 5088 habitantes (CASTORE, 2013, p.150). A fábrica de tecidos, assim como outros empreendimentos industriais e comerciais impulsionaram a transformação de Plataforma, que passou de ambiente rural com povoamento disperso a bairro operário. Em 1875, além da fábrica de tecidos o bairro contava também com uma fábrica de sabão e outra de calçados, sendo os três empreendimentos de propriedade de Antônio Francisco Brandão (CASTORE, 2013, p.150).

A fábrica marcava o ritmo do bairro através do barulho das máquinas, apitos que ditavam o tempo de trabalho, fumaça das chaminés, idas e vindas de matérias-primas e mercadorias. Ao traçar a memória social do bairro de Plataforma a partir de ex-trabalhadores e ex-trabalhadoras da fábrica São Brás, Sardenberg (1998) nos traz o depoimento de Seu Luís, um antigo contramestre da fábrica.

Quando a fábrica tava funcionando, esse lugar aqui vivia cheio. A gente via os operário descendo a ladeira, era mais de mil. Tocava o apito e lá vinha o povo. Vinha muitos correndo prá não perder o xereta, o terceiro apito. Tocava três apitos prá chamar os operários, quando tocava o xereta fechava os portão; quem chegava atrasado não entrava mais. De manhã, na hora do almoço e de tarde, quando os operários saíam, isso aqui ficava cheio, parecia um formigueiro de gente. Isso aqui era o coração de Plataforma. (SARDENBERG, 1998, p.13).

As ruínas da fábrica ainda se encontram de pé, mas fora das principais zonas de acesso ao bairro. Até a década de 1960 as principais vias de acesso ao bairro eram a partir do transporte ferroviário ou por embarcações, dessa maneira era impossível não

¹⁶ A autora credita a expressão a uma das mulheres entrevistadas para a configuração do seu trabalho, à qual se refere como Dona Telma.

notar a faixada grandiosa da fábrica São Brás, que poderia ser vista de muito longe, com destaque para as palmeiras imperiais que, em conjunto com todo o cenário possibilitam uma vista primorosa. Localizada nas adjacências da linha férrea e na encosta com o mar, quem chegava ao bairro, inevitavelmente notava a fábrica, e ainda nota se acessa o bairro a partir de trem ou embarcação. Hoje Plataforma é uma região densamente povoada e transpassada pela Avenida Afrânio Peixoto, popularmente conhecida como Avenida Suburbana, e ao menos que se tenha certo conhecimento sobre a história do local, quem lá chega não consegue relacionar o bairro à vila operária ou à fábrica.

Em 1891 a fábrica São Brás passou a pertencer à Companhia Progresso Industrial da Bahia, tal como outras propriedades de Antônio Francisco Brandão. Além da São Brás outra fábrica de tecidos denominada Bomfim, a fazenda Cabrito, uma fábrica de calçados, uma fábrica de sabão e 208 casas constam na Acta da sessão da fundação da Companhia Progresso Industrial da Bahia (CASTORE, 2013, p.151).

A fábrica de tecidos denominada Bomfim, sita à Mangueira, pertencente à Companhia Industrial e de Melhoramentos, com casa, machinas e todos os terrenos e mais dependências, por 250:000\$000; a fazenda Cabrito, com casa, mananciais d'água, etc., pertencentes à mesma Companhia, por 150:000\$000.

As fábricas de tecidos, de calçados e de sabão, com seus edifícios, machinismos e mais dependências, sitas à Plataforma, 208 casas, 700 tarefas de terras das fazendas Plataforma, S. João, Cobre e Ilha Amarela, os mananciais d'água, ponte e deposito de cargas, pertencentes à Brandão & Companhia, por 3.000:000\$000. (CASTORE, 2013, p.153).

Em fins do século XIX o bairro de Plataforma já se consolidava enquanto bairro operário. Conforme a atividade industrial ganhava destaque, a vila operária era ampliada. O modelo “fábrica-vila operária” (SARDENBERG, 1998, p.10) se consolidou como hegemônico na Bahia, que “foi um dos redutos mais expressivos e duradouros do ‘paternalismo industrial’” (SARDENBERG, 1998, p.11). A construção de moradias para os trabalhadores foi uma preocupação inicial na Fábrica São Brás, que adota uma política na qual o emprego de famílias inteiras era priorizado. O emprego de mulheres e crianças na fábrica de tecidos não eram exceções, mas em certa perspectiva, eram regra, haja vista que o quadro de trabalhadores de determinados setores na fábrica era composto quase que exclusivamente de mulheres e crianças, empregadas ainda muito jovens.

By the same token, the housing of families in vilas operárias also ensured the recruitment of children into the factories as well as the formation of a local pool of

labor on a long-term basis through the exertion of social control over the workforce. By restricting access to housing only to factory employees and by keeping the cost of rent lower than that charged elsewhere, companies could tie workers to their jobs with greater effectiveness than paying higher wages would have. For the worker, a change of jobs would also mean having to find a new home for the family, a task which in the case of Salvador and environs was not easily accomplished¹⁷. (SARDENBERG, 1997, p. 59).

A estratégia de ‘controle social’ exercido pela fábrica em relação aos trabalhadores era duplo, uma vez que, além de empregador o industrial também assumia a condição de locador do terreno. Tratava-se de prender o trabalhador ao bairro, garantindo assim uma mão-de-obra mais barata e segura, tendo em vista que praticamente todas as esferas da vida dos operários dependiam da fábrica. Uma vez que a vida doméstica do sujeito também era plenamente acessível ao industrial o controle da força de trabalho não se restringia às horas dedicadas ao labor, mas se expandia ao cotidiano. O sistema “fábrica-vila operária”, que operou por quase um século na fábrica São Brás se enquadra no que Leite Lopes (1998, p. 15-22, Apud SARDENBERG, 1997, p.24) denominou de ‘servidão burguesa’. “Isto é, uma forma de relação social em que o trabalhador, em contraste com o clássico proletário da Revolução Industrial, foi apenas parcialmente ‘livre’” (SARDENBERG, 1997, p.24).

Factory owners exerted direct control not only in the sphere of production but also over the sphere of reproduction of the worker through the concentration of industrial capital and ownership of territorial property. Such an arrangement often meant that the domestic life of the worker not only took place in the ‘backyard of the factory’, but also that it was directly controlled by the work process and the timing of the activities of the work day¹⁸. (SARDENBERG. 1997, p.24).

A vila operária de Plataforma ainda mantém muitas características de sua construção original. O enfileiramento das casas situadas em ladeiras e com faixadas antigas não passa despercebida por quem visita à região, o que não quer dizer que as

¹⁷ “Da mesma forma, o alojamento de famílias em vilas operárias garantiu também o recrutamento de crianças para as fábricas, bem como a formação de um suprimento de mão-de-obra local em uma base de longo prazo através do exercício de controle social sobre a mão de obra. Restringindo o acesso à habitação apenas para os trabalhadores da fábrica e mantendo o custo de aluguel menor do que o cobrado em outros lugares, as empresas podiam amarrar os trabalhadores a seus trabalhos com maior eficácia do que pagar um salário mais alto. Para o trabalhador, uma mudança de emprego também significaria passar para encontrar uma nova casa para a família, uma tarefa que, no caso de Salvador e arredores não era conseguido facilmente.”. (SARDENBERG. 1997, p.24. Tradução minha).

¹⁸ “Os proprietários da fábrica exerceram controle direto não só na esfera da produção, mas também sobre a esfera de reprodução do trabalhador através da concentração do capital industrial e da propriedade territorial. Tal condição, muitas vezes, significava que a vida doméstica do trabalhador não só ocorria nos “quintais da fábrica”, mas também que era controlada diretamente pelo processo de trabalho e o calendário das atividades do dia de trabalho”. (SARDENBERG. 1997, p.24. Tradução minha).

moradias construídas eram sempre planejadas. Sempre que a fábrica definia uma ampliação nos setores produtivos¹⁹ a vila operária sofria transformações, quase sempre com novas casas sendo construídas e algumas outras passando por reparos²⁰. É importante ressaltar também que, entre os profissionais que faziam parte do quadro da Companhia Progresso Industrial em Plataforma, muitos eram pedreiros²¹ responsáveis pela construção e reparos nas casas da vila operária.

When Companhia Progresso and União Fabril was created in 1932, there were a little over 300 company-owned homes in Plataforma rented out to factory workers. According to company records, more than three-fourths of these homes (approximately 240) were set in the barracks-like rows, in streets adjacent to the factory buildings, while the remaining dwellings were spread out over the neighborhood, most of them cast in small clusters of three to four homes. From the scattered distribution of the dwellings in the neighborhood, however, it does not appear that the former owners of the factory followed any particular blueprint or master plan of design for construction and development, such as observed in other villas (Luis Tarquínio's for example). More than likely the dwellings were built at different times as the factory expanded and the need for more housing for employees arose. Apparently, at some particular point in time-- possibly when Plataforma came to concentrate a pool of workers large enough to meet the long-term needs of the factory--the owners ceased to build new housing, renting the land instead for those that so wished to build their own dwellings. This policy seems to have been already in operation when Comendador Catharino came into ownership of Companhia Progresso & União Fabril da Bahia in 1932²². (SARDENBERG, 1997, p.198).

¹⁹ CASTORE (2003) registra que entre 1907 e 1911 foi definida e executada uma ampliação da fábrica de tecidos São Brás, com a implementação de mais 415 teares, totalizando 915 teares em funcionamento, além de muitas transformações estruturais envolvendo diversas seções. Definida a ampliação da fábrica, que se consolidava como o principal empreendimento fabril de toda a região, outras posses da Companhia Progresso Industrial foram demolidas ou readaptadas, o que aconteceu com a fábrica de calçados, camisas e chinelos de trança e com a fábrica de sabão. (CASTORE, M. Elena. A FÁBRICA E O BAIRRO: Um estudo sobre a paisagem industrial no bairro de Plataforma em Salvador. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador. 2013, p.158-167).

²⁰ CASTORE (2003) registra a demanda por construção e reparos das casas na vila operária de Plataforma: “A pesquisa no AHMS - Arquivo Municipal Histórico de Salvador - permitiu encontrar, na seção de plantas e projetos, um projeto de 1906 que acompanha o pedido de licença para a reconstrução de nove casas da Companhia Progresso Industrial da Bahia, localizadas na rua da Estação, em Plataforma. Além da reconstrução, pedia-se também licença para o ‘concerto’ de outras 10 casas”. (CASTORE, M. Elena. A FÁBRICA E O BAIRRO: Um estudo sobre a paisagem industrial no bairro de Plataforma em Salvador. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador. 2013, p.166).

²¹ Em conformidade com a pesquisa realizada por SARDENBERG, 1997: “Podiam ser encontrados na fábrica também *pedreiros empregados*, ou trabalhadores da construção civil para os reparos necessários na fábrica, edifícios e para a construção e manutenção das casas alugadas aos operários da fábrica”. (SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. *In the backyard of the factory: gender, class, power and community in Bahia, Brazil*. Tese de Doutorado, *Boston University*, B.U. Estados Unidos, 1997. p.116).

²² “Quando a Companhia União Fabril e Progresso foi criado em 1932, havia pouco mais de 300 casas de propriedade da empresa em Plataforma, arrendadas para trabalhadores da fábrica. De acordo com os registros da empresa, mais de três quartos dessas casas (cerca de 240) foram construídas em linhas, em ruas adjacentes aos edifícios da fábrica, enquanto as habitações restantes foram espalhadas sobre o bairro, a maioria delas em pequenas concentrações de três a quatro casas. A partir da distribuição dispersa das habitações no bairro, no entanto, não parece que os antigos proprietários da fábrica seguiram um

As casas que compunham a vila operária de Plataforma eram habitações simples, e ainda são, considerando que a maioria delas ainda permanecem em uso. Construídas com materiais comuns e baratos eram caracterizadas por garantir às famílias ocupantes um mínimo de conforto e espaço. Em geral possuíam dois quartos, uma sala com uma ou duas janelas e outro cômodo usado como cozinha, com uma porta que dava para um quintal comum (SARDENBERG, 1997, p.197). Em um contexto mais recente, muitos moradores fizeram, e fazem, modificações nessas moradias, como a construção de lajes para dar suporte a outras moradias instaladas acima do ambiente térreo e ampliação dos espaços internos, porém a maioria das casas ainda se mantém como na estrutura tradicional de princípios do século XX, com sinais visíveis de degradação.

A crise econômica de 1929 nos EUA precedeu grande recessão no mundo capitalista ocidental, e a fábrica São Brás não foi exceção. A década de 1930 no bairro de Plataforma é marcada por mudanças importantes no ritmo produtivo e administrativo da fábrica e, conseqüentemente na vida dos operários e moradores. Tal período foi marcado pelo fechamento de muitas fábricas têxteis, no entanto a São Brás permanece em funcionamento e é considerada como “a maior e melhor equipada entre as fábricas da Progresso e União Fabril, quando da sua fundação em 1932” (CASTORE, 2013, p.191). A Companhia Progresso Industrial foi fundida com a Companhia União Fabril em 1932 (CASTORE, 2013, p.190), com essa medida surge a Companhia Progresso e União Fabril da Bahia S/A, solução encontrada para suavizar os efeitos da recessão econômica. A década de 1930 foi crucial na história do bairro de Plataforma, pois corresponde ao período em que a figura do industrial Bernardo Martins de Catharino emerge como símbolo da direção da fábrica de tecidos São Brás, dando destaque a uma política de paternalismo industrial, pela qual ficou conhecido através da imprensa e da memória da maioria dos operários da fábrica. Como explica Sardenberg (1997, p.78), em Plataforma, nos conflitos atuais relacionados às propriedades de terra e aluguéis o nome da família Catharino é mais frequentemente identificado que o nome União Fabril, o que já

determinado projeto ou plano mestre do projeto para construção e desenvolvimento, tal como observado em outras vilas (Luis Tarquínio, por exemplo). Mais do que provável é que as habitações foram construídas em épocas diferentes, como a fábrica se expandiu houve a necessidade de mais habitações para os trabalhadores. Aparentemente, em algum ponto particular do tempo - possivelmente quando Plataforma veio a concentrar um número de trabalhadores, grande o suficiente para satisfazer as necessidades de longo prazo da fábrica - os proprietários deixaram de construir novas habitações, passaram a alugar a terra para aqueles que assim o desejassem para construir as suas próprias habitações. Esta política parece ter sido já em funcionamento quando o Comendador Catharino entrou em propriedade da Companhia Progresso e União Fabril da Bahia em 1932”. (SARDENBERG, 1997, p.198. Tradução minha.)

caracteriza a família como símbolo de poder e riqueza no bairro, lembrado inclusive pelos nomes das ruas, escolas e outros espaços centrais e representativos²³.

Qualquer transformação estrutural ou na política de trabalho implementada na fábrica impactava diretamente na vida dos moradores de Plataforma. Isso não quer dizer que todos eram funcionários da fábrica, estima-se que um terço da população de Plataforma era empregada na São Brás na década de 1940 (CASTORE, 2013, p.204), mas a vida no bairro era ditada pelo ritmo da fábrica.

Ela marcava o tempo e as atividades cotidianas de todos os habitantes de Plataforma, movimentando as ruas em função dos horários do seu funcionamento, animando o comércio dos ambulantes que diariamente se apresentavam em frente aos seus portões de entrada, onde ocorria a vida do bairro. Era naquele lugar de Plataforma - entre a fábrica, a ferrovia e o mar - que tudo acontecia durante o dia, onde embarcavam e desembarcavam tanto os passageiros do trem quanto os das canoas, que ali chegavam trazendo e levando mercadorias necessárias para o abastecimento da fábrica e da população do bairro. (CASTORE, 2013, p.204)

Apesar da grande importância da fábrica no cotidiano de Plataforma, ela não era a única fonte de renda. Banhado pela Baía de Todos os Santos, o bairro de Plataforma e seus habitantes também possuíam uma relação profissional com o mar. A pesca, coleta de mariscos e transporte através de canoas e barcos eram tão importantes quanto a fábrica, para a garantia do sustento dos habitantes do bairro. Sobretudo, nas intermediações da Enseada do Cabrito, o vínculo com o mar e com os alimentos providos a partir dele sempre foi muito importante.

Nas décadas de 30 e 40 do século XX a imagem da fábrica de tecidos São Brás e do bairro de Plataforma encontravam-se indissociáveis da figura do “Comendador Catharino”²⁴. A política paternalista²⁵ conduzida pelo industrial foi responsável pela imagem de patrão benevolente e preocupado com os operários da fábrica. Tal imagem foi

²³ Destaque à rua e escola que carregam o nome Úrsula Catharino.

²⁴ SARDENBERG (1997) explica que a expressão identifica o industrial Bernardo Martins de Catharino a partir da memória social de muitos ex-operários da fábrica São Brás. Outra expressão comum associada ao industrial é “Velho Catharino”. SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. In the backyard of the factory: gender, class, power and community in Bahia, Brazil. Tese de Doutorado, Boston University, B.U. Estados Unidos, 1997.

²⁵ A política paternalista foi uma marca na política brasileira no pós-40, estendida às relações de trabalho fabril, conforme assinalado por Ângela de Castro Gomes: “A classe trabalhadora, mesmo antes de demandar, teria sido atendida por uma autoridade benevolente, cuja imagem mais recorrente é a da autoridade paternal. Em família, especialmente entre pais e filhos, o puro negócio econômico – segundo o modelo de mercado – não deve ter vigência, sob pena de prejudicar as relações sociais, afetivas e pessoais – em lugar de auxiliá-las”. (DE CASTRO GOMES, Angela. A invenção do trabalhismo. Editora FGV, 2015. p.179).

reforçada fortemente pela mídia jornalística do período e evocada com frequência a partir da memória social dos ex-operários e demais trabalhadores da fábrica²⁶. O Comendador Catharino aparece como o “pai” dos trabalhadores, enquanto a fábrica São Brás é evocada como a “mãe de Plataforma” (SARDENBERG, 1998, p.11). Em muitos casos a expressão “filhos de Plataforma” também é evocada pelos ex-trabalhadores como identificações próprias, completando a representação familiar paternalista no bairro.

Antônio Luigi Negro, em artigo denominado “Paternalismo, populismo e história social”, a partir de reflexões conceituais elaboradas para melhor entender o uso de tais referências na pesquisa historiográfica, define que “paternalismo sugere calor humano, numa relação mutuamente consentida; o pai tem consciência dos deveres e responsabilidades para com o filho, o filho é submisso ou complacente na sua posição filial”. (NEGRO 2010, p.16). Muito embora o autor reconheça que o conceito seja problemático, uma vez que estabelece a “[...] insinuação de solidariedade e coesão entre grupos sociais contrapostos”. (NEGRO 2010, p.16).

O período do Comendador Catharino é associado a uma série de “benefícios” concedidos aos trabalhadores, dentre os quais destacam-se a construção de um berçário para garantir a amamentação dos filhos das mulheres que, mesmo na condição de lactantes, não abandonavam o posto de trabalho. A elas era concedida autorização para sair 15 minutos mais cedo para o intervalo afim de nutrirem seus bebês. A educação das crianças era garantida pela Escola Úrsula Catharino, que levava o nome da esposa do industrial, e servia aos moradores do bairro, que cursavam as séries iniciais na instituição. A fábrica também passou a fornecer assistência médica na “Assistência aos Operários”, construído com a disposição de uma farmácia e instalações médicas, onde os operários necessitados eram atendidos por um enfermeiro e um médico. Essa instituição servia também para verificar a saúde do trabalhador antes da contratação, quando os mesmos eram submetidos a testes para detectar doenças contagiosas, tais como a tuberculose que era muito comum no período. (SARDENBERG, 1997, p. 87-88).

One of the 'benefits' which D. Zenaide recalled with nostalgia, was the *Cooperativa* or 'cooperative.' There, once a week, employees could purchase food, furniture, housewares, and clothing and not rarely, cloth they themselves might have woven, the amount of the sale being deducted later from their salaries. Through the *Cooperativa*, workers had access to goods not readily available in Plataforma and which, for lack of time to go shopping elsewhere as well as of

²⁶ SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. In the backyard of the factory: gender, class, power and community in Bahia, Brazil. Tese de Doutorado, Boston University, B.U. Estados Unidos, 1997.

ready cash to purchase them otherwise, they would not have been able to obtain. However, buying at the *Cooperativa* could and often would keep workers continuously indebted to the company. When added to their monthly rent the deductions often claimed most of their earnings such that, depending on the amount owned the *Cooperativa*, arrangements had to be made to carry the debt over to the following weeks or months, especially when subsequent weekly food purchases were made. Nevertheless, though aware of these implications, former employees still think of the *Cooperativa* as a major service offered by the company, and one which some attribute to the 'goodness' and consideration of Comendador Catharino towards his employees²⁷. (SARDENBERG. 1997, p.88).

O Comendador Catharino também é creditado por reformas realizadas em praças, igrejas e patrocínio de festas, bailes e clube de futebol. A cada 3 de julho seu aniversário era comemorado com uma missa celebrada em seu nome na igreja de São Brás, onde o industrial e sua família eram recebidos de forma acalorada pela população do bairro. Nas instalações da fábrica era servido o “Café da Companhia”, que consistia no pagamento de uma semana extra de trabalho, referente à produtividade da semana anterior. Em linhas gerais, na semana que antecedia o aniversário do Comendador Catharino os operários trabalhavam em seu máximo, afim de aumentar a produção e receber o “extra” na semana seguinte, que era calculado em proporcionalidade aos rendimentos da semana precedente. (SARDENBERG 1997, p.95).

Mesmo no contexto atual, trabalhadores que foram operários na fábrica São Brás lembram da imagem de patrão benevolente, associada ao Comendador Catharino. Na narrativa de Dona Amália, que trabalhou na fábrica em momento posterior à morte do industrial Bernardo Marthins de Catharino, o “café da companhia” foi lembrado, assim como as políticas de “ajuda” concedidas aos trabalhadores.

Os Catharino, eu me lembro que, antes de eu ir para a fábrica que tinha que eles ajudavam, tinha muita gente aqui no nome deles que aí que eu já esqueci. Não lembro mais assim. Eu já esqueci muita coisa dos Catharino. Que tinha... Era perto agora de São João, que dava café aos operários. Dava... acho que era dinheiro. Dava coisa. Não é que dizia que era um café, os operário. Ajudava

²⁷ “Um dos “benefícios” que D. Zenaide recordou com nostalgia, foi a Cooperativa. Lá, uma vez por semana, os funcionários podiam comprar comida, móveis, utensílios para o lar e vestuário e, não raramente, pano para que eles próprios pudessem fazer os tecidos. O montante da venda era posteriormente deduzido de seus salários. Através da Cooperativa, os trabalhadores tiveram acesso a mercadorias não prontamente disponíveis em Plataforma e que, por falta de tempo para ir às compras em outros lugares, bem como de dinheiro para comprá-las de outra forma, não seriam capazes de obter. No entanto, a compra na Cooperativa muitas vezes mantinha os trabalhadores continuamente em dívida para com a empresa. Quando adicionado ao seu aluguel mensal as deduções, muitas vezes eram a maior parte de seus rendimentos, de tal modo que, a dívida era levada sobre as seguintes semanas ou meses, principalmente quando as compras de produtos alimentares das semanas seguintes eram feitas. No entanto, embora ciente destas implicações, os ex-funcionários da fábrica ainda definem a Cooperativa como um importante serviço oferecido pela empresa, ao qual alguns atribuem à ‘Bondade’ e a consideração do Comendador Catharino para com seus empregados”. (SARDENBERG. 1997, p.88. Tradução minha.).

muito, que tinha aí no Comércio tem, um escritório. Que é dos Catarino. Esqueci o nome, acho que é União Fabril. União Fabril, que tem ali no Comércio. Andei muito, tudo que ia resolver, o negócio da casa tudo era ali, que eu ia. Muita gente ali já morreu. Que tomava conta da casa. Finado Guizou. (Dona Amália²⁸).

Cada um desses serviços era visto pelos trabalhadores como concessões associadas à benevolência do industrial, mas tinham outro viés, que era o de garantir a produtividade da fábrica, de forma que nenhuma das “concessões” representavam prejuízo para a fábrica, mas o contrário, além de sustentar a estratégia de confinamento do trabalhador no bairro, onde a mão-de-obra estaria assegurada e poderia ser facilmente fiscalizada²⁹. A política paternalista do Comendador Catharino também foi muito eficiente no controle de greves e organizações de associações sindicais, que dependiam de uma adesão majoritária dos trabalhadores para atingir os objetivos da luta organizada.

No começo da década de 1940 o bairro operário de Plataforma já figurava como um núcleo populoso, contando com um número aproximado de quatro mil habitantes (CASTORE, 2013, p.205). No entanto, os serviços e melhorias na infraestrutura do lugar pouco avançaram se comparado com a década anterior, o que colocava a população em delicada situação, uma vez que viam-se presos ao bairro e à fábrica, ainda que a convivência com a falta de água, energia elétrica e outros serviços fosse uma constante.

Plataforma, portanto, carecia de serviços básicos, como eletricidade, água encanada, esgoto, além de pavimentação nas ruas, tornando a vida naquele lugar bastante dura, sobretudo no desenvolvimento das tarefas domésticas. O abastecimento de água ocorria, assim como na década de '10, nas fontes naturais espalhadas no bairro “onde borbulha a melhor água potável” e através dos registros d’água que a Companhia Progresso Industrial da Bahia mandara colocar em suas ruas principais no começo do século XX (CARVALHO, 1915, p.80), enquanto as lavadeiras, e as operárias aos domingos, percorriam muita estrada para ir lavar as roupas no rio de Itacaranha. (CASTORE, 2013, p.205).

A política paternalista do Comendador Catharino não impediu totalmente as organizações de trabalhadores em prol de melhorias nas suas condições de vida, mas tirou consideravelmente a força dessas reivindicações, uma vez que o afeto dedicado ao “pai de Plataforma” ofuscava os problemas do cotidiano. O ano de 1944 é um importante marco na história da fábrica São Brás e do bairro de Plataforma, pois coincide com a

²⁸ SANTOS, Amália dos. Entrevista concedida a Aécio Lessa Macedo. Salvador, 12 de Maio de 2018. Duração de 01 hora 30 min. 57 seg. Entrevista.

²⁹ SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. In the backyard of the factory: gender, class, power and community in Bahia, Brazil. Tese de Doutorado, Boston University, B.U. Estados Unidos, 1997.

morte do industrial Bernardo Martins de Catharino e, conseqüentemente com o fim da política paternalista orquestrada pelo mesmo. Nos próximos anos da década de 1940 e por toda a década de 1950 o bairro de Plataforma foi palco de greves e movimentos sindicais de amplo alcance, e as tensões entre os operários e a Companhia Progresso e União Fabril se tornaram constantes.

A administração da fábrica foi passada aos herdeiros da família Catharino, aos quais muitos dos moradores atribuem o processo de decadência e desestruturação da fábrica e marco de um período em que a qualidade de vida e dinâmica de convivência no bairro sofreram duros golpes. No estudo de Sardenberg (1997), a morte do Comendador Catharino e a conseqüente tomada da direção da Companhia Progresso e União fabril pelos “parentes” se constituiu em uma marca traumática na memória social dos operários entrevistados³⁰, uma vez que a partir daí os herdeiros são creditados por “acabar com tudo o que tinha de bom na fábrica e no bairro” (SARDENBERG, 1997, p.165). Claramente a referência ao bairro e à fábrica ainda assume uma perspectiva personalista, herança estruturada pelo paternalismo industrial. O saudosismo centrado na imagem do “velho Catharino³¹” impediu a percepção de que o bairro de Plataforma e o trabalho na fábrica de tecidos São Brás já vinha passando por transformações ao longo dos anos anteriores, com a redução do número de trabalhadores, mudança na política de alojamentos e construção de moradias, dentre outros fatores. Os trabalhadores e moradores, entretanto, despertaram da utopia saudosista e personalista a partir do intenso choque, provocado pela morte de Bernardo Martins de Catharino, que coincidiu com o fim da política paternalista em Plataforma.

³⁰ Mesmo não tendo vivido diretamente o contexto da fábrica São Brás sob direção do industrial Bernardo Martins Catharino, Dona Amália dos Santos recorda, a partir do que lhe era passado pelas outras operárias e moradores do bairro, mediante uma memória que se tornara coletiva, a imagem de um passado em que o tratamento “era melhor”, em comparação ao contexto em que os “parentes” herdaram a administração da fábrica: “Os Catharino, era muita coisa aí. Mas eu não lembro muito não, porque eu não ligava muito. Saber dos Catharino, sabia quando comentava, falar e tudo. Depois foi quebrando tudo.... A família, a mulher não era ruim não. Era boa, gente de bem. Ajudava os funcionários. Mas isso foi, do... antes né? Do tempo da gente que entrou e tudo, a coisa já foi quebrando. A gente não alcançou mais as coisas. O tratamento era melhor. Nos que eu alcancei, que eu não lembro mais, já foi os netos. Que por sinal eu fiz algumas ignorâncias a eles” (SANTOS, Amália dos. Entrevista concedida a Aécio Lessa Macedo. Salvador, 12 de Maio de 2018. Duração de 01 hora 30 min. 57 seg. Entrevista.).

³¹ Expressão que passou a ser evocada na memória dos ex-operários da fábrica de tecidos São Brás. Tal referência é utilizada para identificar o industrial Bernardo Martins de Catharino em escala comparativa com os herdeiros da família que assumem a fábrica após sua morte, em 1944. (SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. In the backyard of the factory: gender, class, power and community in Bahia, Brazil. Tese de Doutorado, Boston University, B.U. Estados Unidos, 1997).

It is interesting to note that in their recollections of Comendador Catharino's era, former employees mentioned that at that time, Fábrica São Braz was the "Queen of Bahia" employing "close to three or four thousand workers," and that these numbers were cut in half after his death. However, the data available indicate that even during Comendador Catharino's lifetime, the workforce at the factory did not exceed 1,500 employees, a figure which has been confirmed by the present director of the company. Moreover, the shrinking of the workforce of the factory seems to have been a gradual process, possibly started still under Comendador Catharino and which, except for 1959 when the factory closed down, did not entail mass dismissals³². (SARDENBERG, 1997, p.96-97).

Pode-se perceber, a partir da entrevista realizada com a moradora do bairro de Plataforma e ex-operária da São Brás, Dona Amália dos Santos³³, um pouco do contexto histórico marcado pela profunda transformação nas relações entre os patrões e os operários da fábrica. Ao relatar um conflito que teve com “um dos netos”, referente à um processo de tentativa de despejo que sofreu, ao ser coagida a se retirar de uma das casas da Companhia, em que morou por 27 anos.

E... Eu morava assim do lado de baixo, corredor. E as casas era da Companhia. Só que mudando, e essa agonia toda. Uma agonia do... dessas casas que saiu, que foi tudo resolvido lá na fábrica. Aí esse cara foi pra lá pra tomar conhecimento, quem era o pessoal das casas, mas, aquilo tudo ele tava pressionando o pessoal, o povo, por causa das casas.

Porque na fábrica, os donos de lá, eles deu o transporte, o carro, mas era assim, quando tivesse a vaga dava pro pessoal fazer o transporte, trazer os carreto. Mas tinha muita gente que precisava, aí tava demorando. Aí deu pra perseguir, pra procurar. Aí tava ali perto e mandou me chamar, eu disse: claro! O cara era um dos netos, eu não lembro o nome dele mais não. Aí eu fui e disse: não, eu estou esperando, vou me mudar sim, porque teve muita gente que... que pegou as casas mas ficou... nas casas, porque pagava barato e tudo que ficou. Eu tinha... acho que vinte e sete anos de casa.

Aí fiquei lá, esperei lá um bocado e quando foi mais tarde, lá vem o cara me chamar na porta.... Foi chamando pra ir lá. Aí eu fui.... Eu disse: O que é que o senhor quer? E ele... Ele era novo, uma vez que chegou aqui, eu disse: O que é que você quer? Ele disse: Ah! A chave da casa, que a senhora vai entregar. Eu disse: Porque você tá com essa pressa pra entregar a casa? Eu vou sair porque eu quero! Eu disse: Eu vou sair porque eu quero sair da casa! Não tenho pressa de lhe entregar não. Eu vou entregar sua chave, que aqui não é nada seu... Era um dos netos que estava fazendo acabamento com o pessoal.... Eu disse: Isso aqui não é seu, eu digo, eu tenho tantos anos.... Você vai me indenizar. Vai me indenizar, porque nesse tempo tinha esse negócio de.... Né? Ele: Ah! Eu disse:

³² “É interessante notar que em suas lembranças da época do Comendador Catharino, ex-empregados mencionavam que naquele tempo, a Fábrica São Braz foi a "Rainha da Bahia" empregando "perto de três ou quatro mil trabalhadores", e que esses números foram cortadas pela metade depois de sua morte. No entanto, os dados disponíveis indicam que, mesmo durante o Comendador Catharino vivo, a mão-de-obra na fábrica não excedia 1.500 empregados, uma questão que tem sido confirmada pelo actual director da empresa. Além disso, a diminuição da mão-de-obra da fábrica parece ter sido um processo gradual, possivelmente começou ainda sob o período do Comendador Catharino e que, com exceção de 1959, quando a fábrica fechou, não implica despedimentos em massa”. (SARDENBERG, 1997, p.96-97. Tradução minha.)

³³ SANTOS, Amália dos. Entrevista concedida a Aécio Lessa Macedo. Salvador, 12 de Maio de 2018. Duração de 01 hora 30 min. 57 seg. Entrevista.

Pois é. Ele: Mas já era pra ser entregue. Eu disse: Olhe, eu não vim entregar a chave porque não houve oportunidade de eu entregar a chave, de vir aqui. Eu vinha hoje e não vi necessidade disso.... Vim hoje pra entregar, porque eu tinha objeto aí... Ele: Ora! Tá com falta de confiança! Por causa do objeto que for geladeira, não sei o quê.... Tem nada disso não! Tem é que ter a confiança. Aí eu disse: Mas eu não tenho confiança. Não é a geladeira, não é nada disso, mas eu não tenho confiança e só vou entregar com a casa vazia. Entregar a chave quando o rapaz vier buscar. Aí eu saí e dei as costas e fui me embora, atravessei a rua...

Aí fiquei, e quando foi mais tarde, aí vieram buscar.... Aí foi buscar... Tirei tudo e aí eu saí... Cheguei na porta e disse: Oi. Eu nem entrei. Eu disse: Tava com medo pensando que eu não ia entregar a chave que não é sua? Aqui ó! Pah! Joguei. Não entrei dentro não, eu joguei.... Eu disse: É isso mesmo! Eu tenho é vinte e sete anos que eu morei na casa.... Eu não roubei nada não... eu não quero não, porque agora eu vou ganhar a minha casa, eu tenho minha casa. Eu sei que essa casa não era minha. Aí taquei-lhe lá em cima da mesa, e o outro tava lá. Eu disse: É isso aí! Não posso lhe agradecer nada.

Pois é, depois eu tô sabendo que ele saiu daí escarreado, que pegaram ele e deram tanta porrada, o pessoal daí de Pirajá. Porque andavam aqui por dentro o pessoal... esses homens que vendiam negócio de carvão, as coisas de carvão e tudo. Eles deram pra proibir de passar e que... Aí é proibido nego cortar qualquer árvore, qualquer coisa aí, não é? Então o pessoal andava por aí, deu pra coagir... Nego quebrou ele no pau... É isso o que ele queria... Depois desapareceu". (Dona Amália³⁴).

A morte do Comendador Catharino coincidiu com o contexto histórico marcado pelo declínio da indústria têxtil na Bahia. Um duro golpe foi dado com o fim da Segunda Guerra mundial e a redução drásticas nas importações, a partir de meados da década de 1940. O mesmo período foi marcado pela emergência e desenvolvimento das indústrias têxteis do Sul do país, que representaram pesada concorrência às fábricas baianas, dentre as quais, a São Brás em Plataforma. No contexto do bairro, tais transformações repercutiram em redução significativa das ofertas de trabalho e demissões de operários, e tudo isso sem o "bálsamo" da política paternalista para manter o operário sob controle. Nessa perspectiva, os "parentes" do "Velho Catharino" marcaram a memória dos ex-operários e moradores de Plataforma de forma muito negativa, o que coincidiu com a responsabilização dos mesmos pela decadência econômica vivenciada no bairro em períodos posteriores.

Mediante análise acerca de um processo judicial movido contra 17 operários da fábrica São Brás, em 1948, o historiador Antônio Luigi Negro³⁵ constrói uma narrativa histórica que evidencia o forte vínculo estabelecido entre o trabalho, a fábrica e o bairro com o contexto mais abrangente das relações políticas e sociais do Brasil. Esse

³⁴ SANTOS, Amália dos. Entrevista concedida a Aécio Lessa Macedo. Salvador, 12 de Maio de 2018. Duração de 01 hora 30 min. 57 seg. Entrevista.

³⁵ NEGRO, Antonio Luigi. " Não trabalhou porque não quis": greve de trabalhadores têxteis na Justiça do Trabalho (Bahia, 1948). Revista Brasileira de História, v. 32, n. 64, 2012.

movimento esboça muito bem as relações dos trabalhadores com os “Catharinos”, no contexto pós Segunda Guerra Mundial e, sobretudo, pós-morte do “Velho Catharino”.

Operários da fábrica São Brás e moradores de Plataforma protagonizaram um importante movimento grevista que abalou não só a São Brás, mas envolveu outras unidades fabris que, “Aderentes ao exemplo de sua iniciativa, deixariam de produzir trabalhadores empregados em outras usinas têxteis da mesma Companhia Progresso e União Fabril da Bahia (São João, Conceição, São Salvador e Paraguaçu) ”. (NEGRO, 2012, p.106-107). Esse evento histórico representou tensões amplas, que não podem ser explicadas somente a partir de um contexto local, mas tendo em vista as transformações político-sociais vivenciadas no país, no contexto estabelecido.

O que se verá aqui é a presença de ativistas locais não só relevantes para sua comunidade – residente no bairro suburbano ferroviário de Plataforma – como também para a organização do PC (Partido Comunista) no meio operário, consistindo em base eleitoral para a política de massas do pós-45 (objeto de desejo da competição partidária). Logo, não era apenas um castigo contra quem perturbava o sistema de fábrica: era uma incisão para cortar os nós que os trabalhadores da São Braz urdiam com redes capazes de defrontar-se com a influência das elites empresariais, políticas ou da institucionalidade trabalhista. (NEGRO, 2012, p.103).

A greve de 1948 colocou a “hierarquia em jogo” (NEGRO, 2012, p.103), abalando as relações de poder que conjugavam o Ministério do Trabalho, a polícia e o sindicato da categoria na garantia do controle do trabalhador. Os trabalhadores da São Brás organizaram a greve com a proposta de negociação direta com os patrões, sem a presença de instituições mediadoras. “Estavam organizados segundo o binômio chão de fábrica e chão da vila operária e o fizeram, a propósito, por fora do sindicato da categoria”. (NEGRO, 2012, p.107). As requisições encaminhadas dos trabalhadores aos patrões foram efetuadas a partir de cartas, nomeadas pelos trabalhadores de memoriais. Nesses documentos os trabalhadores informavam suas difíceis condições de trabalho e seus baixos salários, esperando compreensão e assistência devida por parte dos patrões que, no caso, eram os “Catharino”. Alegavam a discrepância entre o salário recebido e o custo de vida e reiteravam as condições de carência em que se encontravam. “Ante a maré montante das dificuldades sofridas – ‘a fome ronda os nossos lares’ –, declaram, no memorial de 20 de setembro, apenas querer um alívio que mitigasse os problemas”. (NEGRO, 2012, p.110).

A toda oportunidade recordaram que o salário mal os defendia contra as ameaças de cair na pobreza definitiva, revés e miséria a ser evitado. Os trabalhadores confiavam em que alguém iria importar-se com sua sorte e perceber seus méritos. Irritados ou não com a demora e o desdém, receosos com o fato de serem empurrados em direção a doído empobrecimento – fila muito pior e mais rápida do que a espera que os exauria –, os tecelões e tecelãs mantiveram normal comparecimento na usina. Apresentaram-se para produzir; era essa a sua rotina. E esta não foi quebrada por eles. (NEGRO, 2012, p.110).

A condição salarial dos operários e operárias da São Brás refletia práticas de décadas. A condição do trabalhador, que aliava trabalho e moradia sob o controle dos patrões já os colocavam em uma difícil situação, praticamente obrigando-os a aceitar qualquer salário. Essa situação foi arrastada ao longo de décadas, já se evidenciando como “natural” na era do paternalismo industrial, centrado no controle do industrial Bernardo Martins de Catharino. Os baixos salários asseguravam uma relação de dependência, compondo um instrumento de controle do trabalhador para com os patrões, conforme nos assegura Antônio Luigi Negro:

Oferecer salários indignos, a propósito, era uma peça na manutenção dos empregados e de suas famílias em situação de dependência – e exatamente isso fora colocado em xeque, além de sua posição na hierarquia. Não era talvez uma questão econômica apenas, mas também uma rotina à qual o patronato estava habituado. Embora não apareça de forma deliberada nem seja transparente no processo, a pobreza decorrente da política salarial constituía uma vantagem para os Martins Catharino na hora de a comunidade de Plataforma apreçar os benefícios do paternalismo e estimar perdas e danos em caso de confrontações. Outra rotina – talvez uma autoconfiante expectativa dos Martins Catharino quanto ao resultado do processo – era o divórcio entre o poder de compra dos trabalhadores (o consumo dos mais pobres e mais numerosos) e o interesse coletivo nacional, que pendia mais para os apuros da indústria, dentre estes a ojeriza ao movimento operário renascido no pós-guerra, vicejante de greves, comitês de fábrica, lutas nos bairros, sindicatos e comunistas. (NEGRO, 2012, p.122).

O movimento grevista fez parte do cotidiano dos moradores de Plataforma³⁶, uma vez que os mesmos estavam direta ou indiretamente vinculados à fábrica de tecidos São Brás. O contexto do pós-guerra, na década de 1940 foi um momento de efervescência

³⁶ Os movimentos grevistas no bairro antecedem o contexto da década de 40, tendo ocorrido tensões entre trabalhadores e patrões antes mesmo do início do século XX, primeiramente com os ferroviários e posteriormente operários. Após a Primeira Guerra Mundial a cidade de Salvador e o bairro de Plataforma vivenciaram sucessivas greves com paralizações totais ou parciais das fábricas. Essas lutas foram reacendidas durante o início da década de 1930, em consequência da crise econômica de 1929 e contexto político brasileiro. No entanto, o pós Segunda guerra Mundial marcou o pico do movimento grevista no bairro de Plataforma, registrando-se congressos sindicais e ações constantes da União Bahiana de Trabalhadores nas Fábricas de Tecidos e da União de Tecelões da Bahia. (SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. O Gênero da memória: lembranças de operários e lembranças de operárias. 1998, p.17-22).

em todo o Brasil, quando as tensões entre operários e patrões se mostraram constantes. Por um lado, o fim do Estado Novo de Getúlio Vargas contribuiu para esse panorama, uma vez que a política getulista foi marcada pelo autoritarismo e sufocamento de movimentos sociais. No contexto pós 1945, alguns elementos foram aglutinadores para as greves dos trabalhadores têxteis da Bahia, tais quais: as ações constantes dos movimentos comunistas, a intensa produção e consequente exploração do trabalho durante a primeira metade da década de 1940 e o contexto nacional de efervescência dos movimentos sociais e sindicais³⁷.

Na década de 1950 o bairro de Plataforma vivenciou o primeiro fechamento da fábrica de tecidos São Brás, o que acarretou em transformações significativas na vida dos habitantes. Plataforma foi progressivamente se transformando em bairro residencial, perdendo pouco a pouco sua condição de bairro operário. A fábrica foi paulatinamente perdendo espaço no que tange à produtividade e emprego e, junto com ela, os operários e moradores que dependiam do trabalho para garantir a sua sobrevivência foram arrastados para difíceis condições, sendo obrigados a se adaptar. É importante salientar que as transformações na fábrica, no bairro e nas condições dos trabalhadores foram graduais³⁸, de forma que não houve uma ruptura direta e imediata, no entanto, as transformações que levaram o bairro e a fábrica à uma condição mais intensa de degradação econômica se intensificaram a partir da segunda metade da década de 1940 e por toda a década de 1950, culminando com o fechamento da fábrica de tecidos São Brás em 1959³⁹. Castore (2013) reitera a já difícil condição de sobrevivência que os moradores do bairro de Plataforma vivenciavam.

O pitoresco e populoso subúrbio da Capital”, apesar da sua proximidade ao centro da cidade, encontrava-se completamente esquecido pelo poder público. Iluminação pública insuficiente, ausência de calçamento nas vias públicas, de serviço de limpeza pública, falta de policiamento, de posto de saúde, problemas de abastecimento de água, eram só alguns dos principais problemas que

³⁷ SARDENBERG (1998) registra que “em 1946, nada menos que 75 greves foram deflagradas em São Paulo, 60 delas nos dois primeiros meses do ano. Em 1947, eclodiriam 18 greves de maior porte e, em 1948, 25. Muitas delas envolvendo trabalhadores têxteis (PAOLI, 1987, p.90)”. (SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. O Gênero da memória: lembranças de operários e lembranças de operárias. 1998, p. 21).

³⁸ As mudanças nas condições de moradia e emprego, assim como intensificação da jornada de trabalho e pagamento de baixos salários iniciaram já no período do controle da fábrica pelo industrial Bernardo Martins de Catharino, e foram intensificadas mediante ação dos herdeiros da família que assumem o controle da fábrica após sua morte, em 1944. (SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. In the backyard of the factory: gender, class, power and community in Bahia, Brazil. Tese de Doutorado, Boston University, B.U. Estados Unidos, 1997, p.322)

³⁹ A fábrica foi reativada em 1961, quando assumiu o nome de Fatbrás.

angustiavam a população do bairro que no final da década de '40 se aproximava a quase 7000 habitantes. (CASTORE, 2013, p.208).

3.3 A REESTRUTURAÇÃO DO BAIRRO E O CRESCIMENTO POPULACIONAL EM PLATAFORMA: DE BAIRRO OPERÁRIO À BAIRRO RESIDENCIAL

Os negócios da União Fabril no bairro de Plataforma foram assumindo uma conotação diferente entre as décadas de 1950 e 1960. Se antes a fábrica era o alicerce fundamental da Companhia, pouco a pouco o interesse nos negócios imobiliários foram se mostrando mais efetivos e vantajosos. As moradias que caracterizavam a vila operária, outrora construídas para prover as condições mínimas de estadia e trabalho, agora condicionava os moradores ao pagamento de aluguel. Os antes operários, mesmo após o fechamento da fábrica São Brás em 1959, estavam submetidos a outra relação contratual: de operários passaram a inquilinos da União Fabril.

Those who were dismissed or left the factory after a settlement, could remain in the houses. The same policy was put in effect when the factory was closed in 1959: workers who occupied company housing were allowed to remain as tenants. Some, as Sr.Luiz for example, were even able to include the acquisition of their homes as part of their indemnity settlement. When the factory was reactivated a year and a half later, operating then on a more 'modern' basis, housing no longer was offered to the new workforce.⁴⁰. (SARDENBERG, 1997, p.323).

Os negócios imobiliários passaram a ser tratados diretamente com a União Fabril, tendo os moradores que se deslocarem ao escritório da empresa para pagar o aluguel (SARDENBERG, 1997: 324). Com o aumento populacional no bairro, caracterizado por intenso movimento migratório para a região a partir da década de 1950, mesmo que a baixos preços, o arrendamento de terrenos e aluguel de imóveis tornaram-se importante fonte de lucro para a Companhia Progresso e União Fabril da Bahia. As questões referentes aos terrenos, casas e demais propriedades da Companhia ecoam no presente,

⁴⁰ “Aqueles que foram demitidos ou deixaram a fábrica após um acordo, poderiam permanecer nas casas. A mesma política foi posta em vigor quando a fábrica foi fechada em 1959: os trabalhadores que ocuparam o alojamento da empresa foram autorizados a permanecer como inquilinos. Alguns, como Sr.Luiz, por exemplo, foram ainda capazes de incluir a aquisição de suas casas como parte de sua solução de indenização. Quando a fábrica foi reativada um ano e meio mais tarde, operando então em bases mais 'modernas', a habitação não foi oferecida para a nova força de trabalho”. (SARDENBERG, 1997, p.323. Tradução minha.)

pois ainda hoje os moradores do bairro pagam pelo direito à moradia. Ângelo Serpa, retrata os atuais conflitos que envolvem a União Fabril, que é representada pela família dos “Martins Catharino” e os moradores de Plataforma, que através da Associação de Moradores de Plataforma (AMPLA) requisitam o direito ao uso capião urbano e consequente garantia de seus espaços de moradia.

Em Plataforma, grande parte dos terrenos na orla marítima são reclamados por esta família, que cobra aluguel dos moradores há pelo menos 30 anos. A situação dos terrenos é, portanto, irregular, e esses moradores podem ser colocados para fora das suas casas a qualquer momento por uma ação judicial. Os moradores vêm questionando o pagamento de aluguéis à família por orientação da associação de moradores, embora essas ações impetradas na justiça, não dêem, muitas vezes, qualquer resultado. São geralmente ações coletivas, de questionamento, inclusive, da propriedade dessas terras pela família Martins Catharino, alegando-se, por exemplo, o uso capião urbano. (SERPA. 1996, p.136-137).

O bairro de Plataforma e a região conhecida como subúrbio ferroviário de Salvador vivenciam um momento crucial na década de 1950, que trouxe muitas transformações econômicas e sociais. As indústrias que movimentavam a economia e, em torno das quais, a vida de muitos dos habitantes estava atrelada, foram transferidas para os municípios de Camaçari e para o Centro Industrial de Aratu (CIA)⁴¹. A principal fonte de renda de muitos dos habitantes da região fora retirada, o que ocasionou um elevado índice de pobreza. As terras do subúrbio ferroviário de Salvador se tornaram alvo da especulação imobiliária, sobretudo para garantir a habitação de famílias pobres vindas do interior do estado e outras localidades, “pequenos lotes foram vendidos no crédito a longo prazo, o que se tornou propício para a construção de casas populares” (SARDENBERG 1997, p.327). O desmonte do parque industrial foi o ponto de partida para a transformação daqueles espaços em ambientes residenciais⁴².

Nos anos seguintes, o bairro de Plataforma e todo o subúrbio ferroviário de Salvador viveram um “boom” populacional. Esse efeito foi consequência de alguns acontecimentos que atraíram grande número de pessoas para a região, tais quais, a

⁴¹ SOARES, Antonio Mateus de C. “TERRITORIALIZAÇÃO” E POBREZA EM SALVADOR–BA. Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia, v. 4, n. 2, p. 17-30, 2007:20.

⁴² SARDENBERG 1997, registra que alguns conjuntos habitacionais começaram a ser construídos, “inicialmente concentrados em Paripe, mas em 1954 foi criado o Loteamento Jardim Itacaranha e, em 1958 o Loteamento Chácara Itacaranha, ambos dentro do subdistrito de Plataforma”. (SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. In the backyard of the factory: gender, class, power and community in Bahia, Brazil. Tese de Doutorado, Boston University, B.U. Estados Unidos, 1997, p.327).

descoberta de petróleo no bairro do Lobato⁴³, o desenvolvimento do Centro Industrial de Aratu (CIA), e a construção da Avenida Afrânio Peixoto⁴⁴.

Nas décadas de 60 e 70 do século XX, o subúrbio ferroviário passa por um rápido processo de adensamento, sendo local de atração da população do êxodo rural, com algumas fábricas instaladas e com ligação para cidades da área metropolitana, via Avenida Afrânio Peixoto. A expansão era rápida e sem planejamento, novas tipologias e arranjos habitacionais começavam a surgir e adensar-se. (SOARES, 2007, p.18).

Mediante análise dos censos demográficos disponíveis, Sardenberg (1997) compôs um quadro comparativo que nos permite quantificar o crescimento populacional que se desenvolveu no bairro de Plataforma entre as décadas de 1940 e 1980, considerando também o crescimento demográfico na cidade de Salvador, que, na tabela inclui também a região metropolitana.

CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO (1940-1980)

	Anos				
	1940	1950	1960	1970	1980
Salvador	290.443	417.235	629.722	1.017.591	1.491.642
Plataforma	4.162	6.968	10.826	21.328	42.416

Fonte: Sardenberg (1997, p. 326)

Observa-se que, em certa escala o aumento da população no bairro de Plataforma acompanha o crescimento na cidade de Salvador. Com esse “boom” populacional o bairro passa por rápidas transformações sociais e espaciais. Em cerca de quarenta anos, a população aumentou em aproximadamente dez vezes, sem que os serviços públicos, que já eram muito deficitários, aumentassem na mesma proporção. Muitos dos problemas advindos com o crescimento desordenado da população passaram a fazer parte do cotidiano da população. Atualmente é impossível ignorar os índices de violência e pobreza existentes, o que torna a vida da maioria dos moradores do bairro muito árdua.

É importante salientar que a referência ao bairro de Plataforma, se feita pelos habitantes do local não segue a determinação geográfica oficial. O bairro é composto pelo núcleo a partir do qual se desenvolveu historicamente, cuja paisagem é marcada pela fábrica de tecidos São Brás, pela vila operária e vista da Bahia de todos os Santos.

⁴³ O bairro do Lobato está compreendido no subúrbio ferroviário de Salvador, e em 1939 foi descoberto petróleo na localidade.

⁴⁴ Popularmente conhecida como Avenida Suburbana, pois entrecruza todo o subúrbio ferroviário de Salvador.

Para muitos dos moradores, Plataforma se restringe a esse núcleo, no entanto, a geografia do bairro engloba muitas outras áreas, sendo que a maioria delas se desenvolveu no contexto de crescimento demográfico desencadeado a partir da década de 1950. Em encontro recente com estudantes do Colégio Estadual Professor Aristides de Souza Oliveira, durante uma aula de História que tratava do processo de industrialização brasileiro, mencionei a fábrica São Brás e me referi à mesma como representação do bairro em que eles (os estudantes) viviam. Imediatamente fui contestado por um dos estudantes, que alegou não viver em Plataforma. Perguntei em qual bairro ele vivia e o mesmo me respondeu: no São João do Cabrito. Seguindo o mesmo diálogo, outra estudante alegou que o bairro dela era o Boiadeiro. O interessante é que as localidades sinalizadas pelos estudantes estão compreendidas nas demarcações oficiais do bairro de Plataforma, mas entendem Plataforma apenas como o núcleo relacionado à fábrica de tecidos e à vila operária.

Na década de 1970 o subúrbio ferroviário de Salvador recebeu uma série de projetos habitacionais, que instalaram diversos conjuntos habitacionais na região. Mediante financiamento de longo prazo, o Banco Nacional de Habitação (BNH) proveu os recursos para a construção das moradias (SARDENBERG 1997 p.327). No entanto, as habitações planejadas passaram a coexistir com um grande número de invasões irregulares, que sobretudo, no bairro de Plataforma se afirmam como uma realidade, ainda que nos dias atuais. Nesse contexto, os maiores aglomerados habitacionais do bairro de Plataforma se desenvolvem: Araçás, localizado na Enseada do Cabrito, entre a Avenida Suburbana e a linha férrea; Boiadeiro, localizado em uma região elevada do bairro que se estende da Avenida Suburbana à Rua dos Ferroviários; e Novos Alagados, que era caracterizado pelas palafitas⁴⁵ erguidas na maré, na Enseada do Cabrito.

As invasões que, passaram a marcar o cenário do bairro de Plataforma são um reflexo da habilidade de reinvenção e criatividade no morar e sobreviver, tal como afirma José Eduardo Ferreira Santos⁴⁶, doutor em pedagogia e morador de longa data de Novos Alagados. As ocupações irregulares que povoaram o bairro de Plataforma a partir da década de 1970 são consequência de uma série de fatores, tais quais os processos

⁴⁵ As palafitas são habitações construídas em madeira e erguidas sob a maré. As paredes são comumente feitas de tábuas, os telhados improvisados com plástico, madeira ou outros materiais, e são sustentadas por varas de madeira que, cravadas no solo garantem que a moradia fique de pé. Pontes improvisadas de madeira interligavam as habitações e garantiam as idas e vindas dos moradores.

⁴⁶ SANTOS, José Eduardo Ferreira. Novos Alagados: histórias do povo e do lugar. Edusc, 2005.

destacados por SANTOS (2005), evidenciados para garantir a compreensão do contexto histórico em que Novos Alagados se origina:

Há várias versões para esse povoamento que são possibilidades de entendimento dos motivos de povoação e expansão da área. Entre elas destaco as seguintes: a invasão do mar devido à irrisória indenização recebida pelos moradores para deixar suas casas por onde iria passar a Avenida Afrânio Peixoto, conhecida como Suburbana; a explosão demográfica da cidade do Salvador e a abertura de novas vias de acesso; a chegada de pessoas do interior do estado para procurar emprego em Salvador, no Polo Petroquímico e Centro Industrial de Aratu; e, por fim, a imigração de moradores dos Alagados antigos, quando do aterro dessa área. (SANTOS. 2005, p.27-28).

A partir da construção da Avenida Suburbana, cada vez mais as palafitas de Novos Alagados marcavam a paisagem do bairro de Plataforma, especificamente para quem passava nas adjacências da Enseada do Cabrito. Novos Alagados é, ao mesmo tempo, lugar muito rico em memórias, mas também retrato da pobreza, concentração de renda e desigualdade social na cidade de Salvador. As moradias fixadas na lama do mangue, à beira da maré na Enseada do Cabrito renderam ao local o nome de Beira Mangue, frequentemente utilizado como forma de depreciar os moradores que ali viviam (SANTOS. 2005, p.28).

Em um contexto anterior às invasões da maré, a população que habitava a Enseada do Cabrito em Plataforma vivia, principalmente, em função da colheita de roças, da pesca e do comércio das mercadorias que extraíam da natureza ou produziam. Sardenberg (1997) explica que na década de 1970 o bairro de Plataforma contava com uma grande comunidade de pescadores, com mais de uma centena de famílias que sobreviviam diretamente da pesca e da coleta de mariscos. Com a construção da Avenida Suburbana muitas pequenas propriedades de terra foram expropriadas, e isso acarretou na perda das principais fontes de renda das pessoas que ali viviam, que, sem terem para onde ir, e em busca de uma alternativa de moradia, construíram suas casas sobre o manguezal. A indenização irrisória recebida por esses moradores para abandonar suas casas não significou qualquer alternativa para a obtenção de uma moradia digna.

A população de Beira Mangue cresceu rapidamente e, em 1976 já somavam 150 famílias (LAZZAROTTO, 1988, p.8). Em 2003, a população do local já chegava a um número aproximado entre 14 mil e 15 mil habitantes (SANTOS, 2005, p.40). Esse processo constante de crescimento populacional, com a chegada de novas famílias, resultou na ocupação de regiões adjacentes à Enseada do Cabrito, assim como os

morros do bairro de Plataforma e quaisquer “terrenos ociosos e improdutivos existentes às margens da Avenida Suburbana” (SANTOS, 2005, p.34).

Essas localidades ostentam, como nomes, as datas da invasão, e são conhecidas como as ruas 19 de março e 1º de Novembro. Pode-se perceber a chegada de mais famílias à área, o que mostra a dinâmica populacional em Novos Alagados. Com o passar dos anos o processo de ocupação foi se estendendo continuamente, chegando a outras áreas, como Senhor do Bonfim, Boiadeiro e Tóster, no extremo oeste da enseada; a leste da Avenida Suburbana, 1º de Novembro, Cabrito de Baixo, São Bartolomeu, e, por último, Nova Primavera, que no início da década de 1990 os moradores tentam ocupar. (...) Será assim nas áreas de Araçás, Boiadeiro, Nova Primavera, São Bartolomeu e outras. (SANTOS, 2005, p. 33-34).

O bairro de Plataforma é um reflexo de lutas pelo direito à terra e a moradia; seja a partir da Associação de Moradores de Plataforma (AMPLA) e a disputa travada com a família Martins Catharino pela posse de suas casas, ou pelas diversas mobilizações comunitárias em Novos Alagados, a partir de organizações populares que lutaram e buscaram melhores condições de vida desde o surgimento do local até o presente contexto histórico. Em Plataforma, nada veio de graça, nada foi simplesmente concedido pelo poder público sem a pressão direta da comunidade local. Seja a partir de greves, manifestações em espaços públicos ou organização em associações comunitárias. A história do bairro de Plataforma é, antes de tudo, uma história de resistência.

A conquista do espaço e do direito à habitação não foi pacífico em Plataforma. Em Novos Alagados as ações policiais que culminavam em violência física e expulsão dos moradores de seus lares eram constantes.

O processo de invasões não será, no entanto, uma ocupação sem conflitos. Pelo contrário, haverá diversas manifestações, protestos, derrubadas de moradias e prisões. As primeiras ocupações da área do mar geraram conflitos com moradores das áreas antigas e mesmo com grileiros e instâncias governamentais. (SANTOS, 2005, p.34).

Nesse contexto, a organização popular era uma condição de sobrevivência, pois para os tantos sujeitos que viviam em condições precárias, entre as tábuas e pontes de madeira nas palafitas e, perante ameaças e ações frequentes de despejo, as ações coletivas eram, talvez, a única opção visível. Lazarotto (1988) narra o que seria o panorama geral de como as organizações populares surgiram em Novos Alagados:

Era nos bate-papos, nas portas das vendinhas, no Portinho dos pescadores, que surgia a preocupação com a situação do bairro, sem água, sem luz, com pontes precárias. E sob a luz de lampião, em 20 de janeiro de 1977, num aterro em frente ao barraco do seu falecido Seu Branco, 23 pais e mães de família se reuniram para trocar ideias sobre a situação do bairro. Era o início de uma história de luta e reivindicações. A água e a luz em primeiro lugar. Mas D. Epifânia logo argumentou: “E a escola pros meninos? Eles não podem ficar aí pelas pontes! Na escola pública não tem lugar para eles! Vamos se unir, arranjar uma sala, fazer um barraco pra Vera ensinar esses meninos”. Em 1º de Maio de 1977 a comunidade fundava a Sociedade 1º de Maio, ficando os paus para a Sede e escola comunitária na maré; no meio de muito tira gosto, batida e brincadeiras. Levou, a comunidade, um ano e meio para construir o seu barracão. Foi um tempo alegre de passeios, leilões e muito samba pra conseguir o dinheiro para a compra do madeirite. Finalmente inaugurou-se a Sede a 12 de outubro de 1978, com uma linda festa folclórica organizada por D. Marlene, D. Gildete e a falecida D. Neuza. Durante todos esses anos as principais bandeiras de luta dos Novos Alagados foram o aterro da maré, melhores condições de moradia, saúde e educação. (LAZAROTTO, 1988, p.7).

As organizações populares em Novos Alagados nas décadas de 1970 e 1980 tinham como característica fundamental o protagonismo dos moradores do bairro. Santos (2005) define esse processo como um diferencial do local em relação às outras comunidades pobres de Salvador. Durante a década de 1990 essas associações comunitárias foram perdendo espaço para Organizações não Governamentais (ONGS), o que foi quebrando em escala progressiva esse protagonismo, marcado pela autonomia dos moradores na busca de melhorias para o lugar e seus habitantes.

No contexto atual, o bairro de Plataforma é ameaçado por um grande perigo. Além da intensa urbanização, decadência econômica, pobreza generalizada e índices altos de violência e criminalidade, a memória e os valores cultivados em contextos anteriores correm grande risco. O intenso e constante povoamento do bairro traz pessoas e grupos que não se identificam com as tradições locais e, em muitos casos, não as respeitam nem valorizam. Atualmente é comum notar, principalmente na prática educativa cotidiana que me conecta diretamente aos jovens do bairro, um total desconhecimento da história do bairro e do seu significado, assim como a desqualificação das memórias e ensinamentos dos habitantes mais antigos. Em muitos casos, a quebra dos elos familiares e carências de todos os tipos (materiais, nutricionais e afetivas), assim como as aspirações de consumo, muito comuns no contexto atual, no qual o capitalismo quebra com as dinâmicas de vida de comunidades pobres e tradicionais, afastam os jovens da sua própria história, o que acarreta em reproduções de preconceitos acerca do bairro e desqualificação de tradições e modos de vida atrelados ao passado.

A pesca e a coleta de mariscos, por exemplo, são encaradas de maneira depreciativa por muitos jovens que ocupam as salas de aula do Colégio Estadual Professor Aristides de Souza Oliveira, onde atuo como professor de história há sete anos. Ter uma mãe marisqueira ou pai pescador faz com que o estudante seja alvo de preconceito por parte dos colegas, o que muitas vezes repercute em vergonha da família e da sua própria identidade enquanto sujeito histórico. Tais atividades estão diretamente associadas aos baixos rendimentos, que muitas vezes não garantem sequer a sobrevivência das famílias. A pesca no bairro de Plataforma ainda é caracteristicamente artesanal. Grupos de pescadores se organizam para sair ao mar liderados por um “mestre de pescaria” (SARDENBERG, 1997, p. 210), que geralmente tem mais experiência na atividade e guia o grupo no empreendimento. No entanto, os peixes divididos entre os pescadores são a minoria, uma vez que a maior parte vai para o dono da embarcação e (ou) dos instrumentos de pesca, o que torna a atividade pouco lucrativa. Soma-se a isso, o fato de que a maior parcela dos lucros obtidos na venda dos peixes não é destinada ao pescador, que quase sempre vende seu produto no próprio porto, a preços baixos. Isso acontece porque esses trabalhadores não dispõem de meios adequados para armazenar e conservar os pescados, o que os obriga a vendê-los rapidamente, quase sempre aos donos das peixarias, que comercializam os produtos com boa taxa de lucro, ou mesmo diretamente às pessoas que compram o pescado na volta das canoas e barcos do mar. Mesmo com todos os problemas, a pesca ainda salva muitos indivíduos da fome no bairro de Plataforma e São João do Cabrito, e ainda é motivo de orgulho para muitos sujeitos, que sobrevivem agradecidos pelas dádivas do mar. A coleta de mariscos em Plataforma é uma atividade caracteristicamente feminina e que, assim como a pesca, tem grande importância na complementação da renda familiar, ou simplesmente sobrevivência.

A pesca, ao mesmo tempo que é associada às dificuldades advindas da sua prática, garante para muitos dos habitantes do bairro o sustento familiar, seja provendo diretamente o alimento ou como garantia ou complementação de renda. Sobretudo em São João do Cabrito, a atividade pesqueira caracteriza o lugar e grande parte da população recorre ao mar em busca de sustento. Um desses casos é o do senhor Nemésio da Silva Costa, de 69 anos, morador no São João do Cabrito desde o nascimento e pescador desde muito jovem. A história de vida do senhor Nemésio, dentre muitas possibilidades de análise, reflete uma característica marcante da pesca no bairro, seu caráter tradicional e a transmissão dos ensinamentos dos pais aos filhos.

Eu comecei a pescar menino! Com meu pai rapaz. Eu, quando comecei a pescar, eu vou explicar.... Isso aqui, digamos... Essa tábua tá aí? Era negócio de cebola... de caixote de cebola né? Que nego faz? Aí era uma lasca dessa aí... aí meu pai me levava, eu sentado. Ele dizia: Vá remando com isso. Meu pai. Porque, se eu era pequeno e não sabia fazer nada? Comecei assim. E aí eu fiquei... Meu pai foi chegando na idade, na lógica, e eu fui crescendo, na vida, junto com meu pai". (Sr. Nemésio⁴⁷)

A pesca condicionava o movimento de pessoas no bairro, caracterizando o local. A origem do bairro de Plataforma e do São João do Cabrito está vinculada à atividade pesqueira e à fábrica de tecidos São Brás. Foi, portanto, o trabalho que viabilizou o povoamento do bairro e o estabelecimento de suas comunidades. Sobretudo, no São João do Cabrito, a busca do pescado trazia vida e marcava as relações sociais.

Eu... Eu nunca... Eu aqui, eu sozinho aqui, Deus e minha família... No dia, na hora que tinha movimento de peixe aí eu tinha vizinho. Acabou o peixe, acabou a vizinhança e a gente ficava aí. Não tinha como ficar. Aqui tinha muito pescador.... Agora que... Os famosos já foram todos. Era Vicente, Erasmo, João, o irmão de Erasmo, José Maia. Tudo era dono de rede. Zé da rede, chamado Josué, já foram embora todos, todo mundo. (Sr. Zé da Ponte⁴⁸)

Atualmente, o porto dos pescadores no São João do Cabrito é frequentemente procurado por pessoas que buscam adquirir o pescado a preços mais acessíveis, comprando diretamente dos pescadores, na chegada das canoas. Moradores locais, comerciantes e distribuidores de vários lugares da cidade de Salvador se dirigem, em horário matinal afim de garantir as melhores compras. Observar o peixe movimentando o comércio e a vida das pessoas faz o Senhor Nemésio reflexionar, ao longo da construção de sua narrativa, comparando passado e presente, ao falar da atual procura pelo pescado.

Como pescador ninguém vivia! O peixe tinha, mas não tinha valor. Né? Porque, no momento agora tá tendo valor, o peixe tá tendo valor. Você pega qualquer punhadinho de peixe e tem dinheiro, antigamente você pegava muito e não tinha nada. Dava no mesmo. Entendeu? É. Aí você tinha.... Às vezes você procurava até a quem vender, e nem achava. O que você pegava.... O peixe conseguia vender. Só não tinha valor. E a maioria de certo tipo de peixe ninguém queria: Ah! Eu vou comer esse engasga gato? Chamava de engasga gato o Xangó. A sardinha... Cheia de espinha, eu vou comer isso? Agora a sardinha é... Serve até de remédio. É. Tem gente que compra de bocado. Gente que tem problema não sei de quê... A sardinha. Pra você ver que diferença ficou... Agora, no momento ta

⁴⁷ COSTA, Nemésio da Silva. Entrevista concedida a Aécio Lessa Macedo. Salvador, 05 de Junho de 2018. Duração de 01 hora 14 min. 56 seg. Entrevista.

⁴⁸ SANTOS, José Frutoso. Entrevista concedida a Aécio Lessa Macedo. Salvador, 06 de Maio de 2018. Duração de 51 min. 07 seg. Entrevista.

dando até pouca sardinha, porque com esse negócio de inverno chegando ela fraquejou. Fraquejou muito, mas quando você chega, no momento, na ponte, você bota sua vasilha e nego... 'Tuc'. Tira sua vasilha pra poder pegar em sua frente. Pra você ver como mudou muito. É. A ganância! Aquela agonia meu irmão. Não dá não rapaz. Chega.... Chega às vezes ali cinco canoas cheias e não dá. Cada canoa agora... De primeiro, aquelas que a gente pescava, pegava seiscentos quilos de peixe, quinhentos quilos de peixe. Tem canoa agora que pega dois mil! A canoa daqui de casa... Daqui... Pega dois mil, viajando a reboque do barco. Creia! Dois mil! Tem uma pessoa que tem até uma foto no celular, que tá cheia de peixe, a canoa com dois mil... Pra você ver. Dois mil quilos! A embarcação menor aqui, que pega agora, pega mil quilos ou mais, de peixe. Pra você ver como mudou. A diferença... E ainda não dá. E aí fica brigando o pessoal, aquela agonia, pega as coisas dos outros, chega... Chega Kombi, chega aquelas caminhonetes de fora. Muito lugar de fora aí pra trazer... Pra vir pra arrematar o peixe, pra levar pra lá. Pra encher o bolso de dinheiro, porque... Se tem valor! Agora tá tendo valor, não era antigamente... Agora tá uma maravilha rapaz! O pessoal só fica se queixando aí, como eu falei nestante.... Eu queria que no meu tempo fosse como é agora. Agora nego ganha muito dinheiro rapaz, e fica se queixando aí, que a pesca tá ruim. O mar tá... Eu acho que tá dando até peixe demais. (Sr. Nemésio⁴⁹)

Seja mediante a pesca, coleta de mariscos ou trabalho fabril, há um elemento que unifica as narrativas sobre os bairros de Plataforma e São João do Cabrito, que é o trabalho. Sobretudo no contexto atual, marcado pelo desemprego e dificuldades de sobrevivência, ao mesmo tempo em que os discursos oficiais supervalorizam o consumo, as atividades tradicionais são desqualificadas, principalmente, pelos mais jovens, que certamente não compreendem a importância do trabalho realizado enquanto construção identitária e afirmativa. Nesse contexto, se faz emergencial que a história ensinada possa dar voz aos tantos sujeitos excluídos das narrativas oficiais. Em Plataforma e São João do Cabrito, falar em história é, antes de tudo, fazer menção ao trabalho e aos trabalhadores que, em suas mãos e vontade carregaram e construíram o território.

Em um contexto em que o tráfico de drogas cresce vertiginosamente no bairro de Plataforma e, pouco a pouco coopta os jovens, o trabalho e a educação emergem como as mais valiosas alternativas de sobrevivência e garantia da dignidade. É nesse contexto que essa pesquisa se insere, pois, diante do atual perigo, o conhecimento das muitas histórias que caracterizam o bairro, assim como a valorização das experiências dos muitos sujeitos que trazem em suas trajetórias exemplos positivos e dignos de serem compartilhados, nunca foram tão necessárias. A história, enquanto disciplina escolar, ao contemplar as narrativas do bairro de Plataforma e São João do Cabrito a partir das memórias dos moradores mais antigos, afirma-se como valioso instrumento para a construção do conhecimento e afirmação de identidades. Perante a desqualificação do

⁴⁹ COSTA, Nemésio da Silva. Entrevista concedida a Aécio Lessa Macedo. Salvador, 05 de Junho de 2018. Duração de 01 hora 14 min. 56 seg. Entrevista.

trabalho e da memória, a asserção e positivação dos mesmos são os caminhos mais coerentes para uma educação mais democrática e humana.

4 HISTÓRIA ORAL E PRODUÇÃO DIDÁTICA: CAMINHOS PERCORRIDOS

No último momento desta dissertação o principal objetivo é ancorar as narrativas produzidas ao longo da pesquisa às reflexões e proposições pedagógicas, centradas em estratégias para o ensino de história a partir da memória. Como resultado propositivo e destinado à escola esse trabalho resulta também na elaboração de um produto didático, destinado aos estudantes do Ensino Médio do Colégio Estadual Professor Aristides de Souza Oliveira (São João do Cabrito/Plataforma, Salvador-BA).

A metodologia da história oral amparou os percursos desse trabalho, que tem como fundamento a produção e análise de fontes históricas respaldadas nas memórias de moradores antigos do bairro de Plataforma e São João do Cabrito. De antemão, a escolha do trabalho com a metodologia da história oral tem um viés político e afirmativo, uma vez que a metodologia possibilita a construção de uma história mais próxima da vida, e repleta de sentido para o estudante, ao contrário da perspectiva muitas vezes trazida pelos livros didáticos oficiais. A memória, enquanto fonte, possibilita o contato e o estudo de informações que, quase sempre, estão ausentes dos documentos disponíveis nos arquivos e, por mais que seja necessário entender que a metodologia da história oral vai muito além de “dar voz aos oprimidos e excluídos”, essa característica, que se vincula à origem da história oral enquanto método de investigação histórica, é inegável e absolutamente necessária.

O ensino de história e a própria escola, enquanto instituição, estão no centro dos processos de transformação social e a escola tem papel determinante, o que a torna elemento crucial para o controle político ou libertação do sujeito. Nesse sentido, a história, ao ser direcionada ao ensino básico, está imbuída de intencionalidade, e os livros didáticos são os principais instrumentos de controle do currículo escolar. As possibilidades de transformação no ensino de história se tornam escassas sem o desenvolvimento de materiais pedagógicos que amparem práticas educativas progressistas e comprometidas com a realidade do educando. Nessa perspectiva, as possibilidades de inserir sujeitos históricos em narrativas direcionadas ao contexto escolar quebram o estigma de que a história é algo distante e destinada aos “grandes homens” e “grandes feitos”.

No ensino de história, ao se privilegiar as narrativas circunscritas na história oficial, uma mensagem é progressivamente transmitida. O conhecimento, na sociedade contemporânea está diretamente associado ao controle da fala, que se converte em

palavra escrita. O domínio dos canais de diálogo e da construção e determinação de um conhecimento oficial é a principal estratégia de controle e dominação, característicos do movimento da história.

Falar é antes de tudo deter o poder de falar. Ou ainda, o exercício do poder assegura o domínio da palavra: só os senhores podem falar. Extremos inertes cada um por si, poder e palavra não subsistem senão um no outro, cada um deles é substância do outro e a permanência de sua dupla, se parece transcender a história, alimenta, todavia, seu movimento: há acontecimento histórico quando, abolido aquilo que os separa e assim os condena à inexistência, poder e palavra se estabelecem no próprio ato de seu reencontro. (CLASTRES, 1982, p.106, apud MONTENEGRO, 2013, p.41).

No âmbito do ensino de história, o trabalho com a memória é terreno propenso à aproximação com o vivido e valorização da experiência. O diálogo com o estudante, ferramenta essencial para a compreensão da história, é indispensável na garantia de uma concepção crítica, participativa e libertária da educação. No entanto, só se pode estabelecer diálogos coerentes quando os estudantes contribuem diretamente com seus questionamentos e sua percepção de mundo. Não há diálogo positivo com a constante imposição de temas por parte do professor, que, seguindo essa lógica, quase sempre propõe discussões distantes, nas quais os estudantes pouco têm a contribuir. Dessa maneira, os conteúdos escolares precisam ser flexibilizados, possibilitando a inserção de temáticas próximas à vivência do estudante, a partir das quais o conhecimento prévio do sujeito passa a ser valorizado e permite a quebra parcial com a hierarquia que antagoniza professor e aluno.

É na problematização do mundo vivido e na compreensão do mesmo que história e educação se fundem no mesmo propósito: a conscientização do ser. Dessa forma, o educando não pode se ver ausente da história, sufocado de informações que pouco se relacionam com seu mundo. A escola, portanto, precisa se aproximar do cotidiano, das dinâmicas de vida e trabalho que se encontram em evidência no seu contexto.

Distanciando-se do seu mundo vivido, problematizando-o, 'descodificando-o' criticamente, no mesmo movimento da consciência o homem se redescobre como sujeito instaurador desse mundo de sua experiência. Testemunhando objetivamente sua história, mesmo a consciência ingênua acaba por despertar criticamente, para identificar-se como personagem que se ignorava e é chamada a assumir seu papel. A consciência do mundo e a consciência de si crescem juntas e em razão direta; uma é a luz interior da outra, uma comprometida com a outra. Evidencia-se a intrínseca correlação entre conquistar-se, fazer-se mais si mesmo, e conquistar o mundo, fazê-lo mais humano. (FREIRE, 2014, p.20).

Para se pensar uma ação pedagógica progressista, considerando o público alvo dos estudantes que vivem e estudam nos bairros de Plataforma e São João do Cabrito, os sujeitos do cotidiano do aluno precisam ser inseridos na história, uma vez que se encontram silenciados e invisíveis, seja nas aulas de história ou nos conteúdos escolares em geral. Só se pode atribuir protagonismo ao estudante valorizando suas práticas e compreendendo, juntamente com ele, o mundo que o cerca, em suas dinâmicas e estruturas. Nessa busca, foi preciso compreender que os estudantes do Colégio Estadual Professor Aristides de Souza Oliveira têm seu processo educacional visceralmente relacionado às relações sociais de trabalho.

Não se pode pensar que lutar por qualidade na educação pública signifique tomar as escolas particulares como padrão. Sobretudo em bairros periféricos de Salvador, como no caso de Plataforma e São João do Cabrito, a educação pública é o caminho para quem não pode pagar por uma educação privada. São infindáveis os casos de jovens que, ao cruzarem o contexto escolar relatam a coexistência entre trabalho e estudo. Isso afeta profundamente as relações pedagógicas em sala de aula. Em muitos casos o exercício do trabalho no turno noturno e a presença na escola no turno matutino obriga o estudante a fazer uso do tempo na escola para garantir o descanso do corpo, o que o leva a dormir nos horários de aula. A escola pública precisa achar o seu próprio caminho, reencontrando-se com a realidade que cerca o contexto escolar. Se hoje temos uma estrutura escolar amplamente desconectada do mundo e da realidade, sob a justificativa de garantir um saber mínimo e universal, se faz necessária e urgente a reconfiguração dessa estrutura. Dessa forma, reconectando a escola com o contexto na qual a mesma está inserida e garantindo que os saberes prévios dos estudantes, assim como sua realidade de vida seja valorizada, caminhamos, de fato, para uma melhor qualidade da educação.

Em uma cultura que desqualifica o trabalho e naturaliza as desigualdades, aqueles sujeitos que vivenciam a luta cotidiana pela busca do sustento são constantemente inferiorizados pelos discursos que, fundamentados em uma falsa ideia de meritocracia, subjagam e oprimem. Nesse contexto, aqueles que mais trabalham e mais sofrem a opressão dos discursos hegemônicos são também privados de fala, uma vez que suas experiências são desqualificadas e invisibilizadas. Pode-se superar tal realidade quando, a partir da educação, os saberes e experiências do educando passam a ser conhecidos,

amparados e valorizados, quebrando com a lógica de um saber escolar desconectado da realidade e hierarquizado. Nesse aspecto, a história é caminho obrigatório no resgate de identidades excluídas dos discursos oficiais.

Em regimes de dominação de consciências, em que os que mais trabalham menos podem dizer a sua palavra e em que multidões imensas nem sequer têm condições para trabalhar, os dominadores mantêm o monopólio da palavra, com que mistificam, massificam e dominam. Nessa situação, os dominados, para dizerem a sua palavra, têm que lutar para tomá-la. Aprender a tomá-la dos que a detêm e a recusam aos demais é um difícil, mas imprescindível aprendizado – é a ‘pedagogia do oprimido’”. (FREIRE, 2014, p.30).

A produção de narrativas históricas a partir da metodologia da história oral, antes de qualquer análise, implica na construção de um saber coletivo. Entrevistadores e entrevistados trabalham juntos com o propósito de reconstruir os acontecimentos passados a partir da memória. A história oral garante ao sujeito o protagonismo sobre o narrar das suas próprias experiências, o que confere dignificação e reconhecimento. Ao envolver sujeitos invisibilizados pela história oficial as narrativas históricas produzidas já se revestem de caráter político, determinante para o desenvolvimento de uma consciência crítica e percepção do lugar ocupado em uma sociedade democrática.

A história oral é política em sua própria natureza. Sua origem evidencia esse caráter, que sempre se manteve vivo. É garantido ao cidadão comum, independente da sua posição social, o direito à memória. É preciso compreender a memória como um palco de disputas, quase sempre controlado pelos grupos dominantes. As crescentes referências feitas através de escolas, ruas, aeroportos ou demais instituições aos sobrenomes de famílias específicas evidenciam essa busca por afirmação e prestígio social. Os sujeitos que se encontram fora dessa ordem ficam vulneráveis às perigosas investidas da memória oficial que, ao se impor de forma soberana nega a possibilidade de contrapontos.

Não que a história oral, por contemplar também a memória popular seja uma metodologia unilateral, mas o contrário disso. Ela possibilita que memórias de muitos e diferentes lugares sociais sejam contempladas pela história, o que só enriquece a produção de conhecimento, uma vez que possibilita a compreensão de determinado tema ou perspectiva em sentido muito mais amplo. “Ao contar suas experiências, o entrevistado transforma aquilo que foi vivenciado em linguagem, selecionando e

organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido”. (ALBERTI, 2004, p.77).

A possibilidade de traduzir experiência em linguagem se reverte em valioso instrumento para o desenvolvimento da cidadania e consciência crítica. O domínio do código linguístico já é, na sociedade, uma garantia de acesso, direito e poder. “A própria condição de cidadania se adquire no esforço de aprender a fala e todos os códigos sociais que ela tem incluídos”. (MONTENEGRO, 2013, p. 39). A necessidade de pensar o conhecimento a partir de outras narrativas históricas se faz crucial, no âmbito da própria história e, principalmente no ensino de história.

A construção de narrativas a partir de fontes orais exige tratamento específico, mas não se trata de outra história. A análise de um depoimento sempre deve se fundamentar na teoria da história e na teoria da memória. Estas sim apontarão os caminhos para a problematização que se faz inevitável na tarefa do historiador. Enquanto metodologia a história oral favorece o levantamento de questionamentos e possibilita caminhos próprios para as comparações e analogias. O historiador acaba por participar da construção da fonte tanto quanto o sujeito que narra suas memórias. A construção da fonte oral é filosófica e coletiva por natureza. Por mais que se pense que uma narrativa produzida por determinado sujeito esteja relacionada exclusivamente a si⁵⁰, há uma intencionalidade na produção da fonte, que parte do historiador. A história, em sua busca de reconstrução do passado, alinha o sujeito que viveu com o sujeito que busca essas experiências em um processo de reconstrução do passado no presente. Essa é a essência da história oral e seu caráter totalizador.

O campo da história oral é acentuadamente totalizador; entrevistado e entrevistadores trabalham conscientemente na elaboração de projetos de significação do passado. O esforço é muito mais construtivista do que desconstrutivista (inúmeras vezes ouvimos, com efeito, que o entrevistado ‘constrói o passado’), e tem como base a experiência concreta, histórica e viva, que, graças à compreensão hermenêutica, é transformada em expressão do humano. É importante ter consciência dessa ‘vocação totalizante’ da história oral, em um mundo em que a fragmentação e a dissipação de significados, o desaparecimento do sujeito e o privilégio da superfície (em detrimento da profundidade) também estão na ordem do dia. (ALBERTI, 2004, p. 22).

⁵⁰ A memória nunca se relaciona somente ao indivíduo, está sempre vinculada ao grupo e só pode ser entendida e relacionada à história no âmbito da coletividade. Ver Halbwachs: “A Memória Coletiva”.

Nos caminhos percorridos pelas ruas que circundam a escola onde leciono⁵¹, a possibilidade de ouvir narrativas diversas vinculadas à Plataforma e São João do Cabrito desencadeou uma maior aproximação pessoal e profissional com o lugar, possibilitando reflexões diversas, vinculadas ao sentido da história ensinada e aprendida em sala de aula. No percurso para entender a história, tendo a memória como matéria-prima, fez-se necessário estabelecer estratégias para que indivíduos de diferentes lugares sociais e culturais pudessem ser ouvidos. O desafio de tentar compreender as memórias sobre o bairro foi complexo, uma vez que a heterogeneidade e riqueza de informações ampliaram, consideravelmente, o leque de possibilidades.

Para conhecer o território e os sujeitos que constroem suas identidades em comunhão com o meio, foi necessário entender que a tarefa de educar só existe em consonância com o processo de aprendizado, ou seja, a educação é uma troca de saberes, que ganha significado enquanto prática de liberdade. A hierarquia que opõe professor e aluno fora categoricamente quebrada, uma vez que, ao cruzar os muros da escola e ao adentrar as ruas dos bairros de Plataforma e São João do Cabrito o estudante se tornou professor, pois assenhorava-se do seu território enquanto me conduzia pelos caminhos que levavam aos sujeitos, cujas histórias de vida constituíram a essência de todo esse trabalho. Foi vivenciando o processo de pesquisa, a partir de trocas com os estudantes que passei a conhecer os bairros de Plataforma e São João do Cabrito, assim como os sujeitos cujas histórias de vida são associadas ao território.

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os 'argumentos de autoridade' já não valem. Em que, pare ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. (FREIRE, 2014, p.95-96).

Ao conhecer alguns dos moradores antigos de Plataforma e São João do Cabrito, pude planejar as entrevistas que viriam a se tornar o elemento central do percurso metodológico a ser realizado. Para tal, a aproximação e os contatos iniciais se fizeram fundamentais. A metodologia da história oral exige contatos prévios, que são tão significativos quanto o momento de gravação da entrevista, uma vez que os laços de confiança são fundamentais para que, a partir da conexão entre entrevistador e entrevistado, as reconstruções das memórias venham a ser tão frutíferas quanto possam.

⁵¹ Colégio Estadual Professor Aristides de Souza Oliveira

Outro fator determinante é o conhecimento prévio do contexto histórico e lugar social daquele que narra, afim de possibilitar o preparo necessário.

Muito embora o trabalho de tentativa de reconstrução do passado a partir da produção de narrativas necessite de união e compromisso entre entrevistado e entrevistador, não se pode pensar a produção de uma fonte oral de forma inocente. O percurso do sujeito a ser entrevistado deve ser conhecido e submetido a reflexões que possibilitem estratégias efetivas para que traços importantes da memória sejam narrados. A produção de narrativas a partir da metodologia da história oral começa, portanto, antes do registro.

Na seleção dos entrevistados alguns pontos foram levados em consideração, dentre os quais: a proximidade entre os moradores e os estudantes do Colégio Estadual Professor Aristides de Souza Oliveira; O lugar de fala de cada entrevistado e a identificação entre a história de vida⁵² a ser narrada com os espaços representativos do bairro. Na tarefa pedagógica a identificação se faz essencial, logo, contemplar a memória de um sujeito histórico que é próximo à escola ou que convive com estudantes da escola abarca o fator da afetividade, essencial ao processo de aprendizagem e valorização do outro.

No bairro de Plataforma e São João do Cabrito, as vivências diretas com alguns empreendimentos do passado também foram determinantes na seleção dos entrevistados. Dentre muitas referências, a construção histórica do território estudado está diretamente relacionada com a tradição da pesca e coleta de mariscos, a ferrovia popularmente conhecida como “Leste”, que nomeia o subúrbio ferroviário, e com a fábrica de tecidos São Brás. A busca por sujeitos que pudessem narrar suas histórias de vida a partir da relação estabelecida com esses espaços de memória e práticas de trabalho direcionou o processo de pesquisa. Seguindo a trilha dos objetivos, mediante contato prévio e aproximação entre as histórias de vida e percursos da pesquisa, três pessoas foram selecionadas para participar das produções narrativas, a partir das entrevistas concedidas, tendo em comum a íntima relação com o local e proximidade com a escola.

⁵² Antonio Torres Montenegro considera que a história oral é frequentemente desenvolvida a partir da história de vida e trabalho do depoente. “As coisas da família, dos filhos, da moradia e a luta em torno desses aspectos, associadas ao fazer do trabalho, são os elementos fundantes de sua narrativa”. (MONTENEGRO, 2013, p. 22). O autor ainda considera que “desenvolver sempre a entrevista a partir da história de vida possibilita um extenso campo de estímulos involuntários e de associações”. (Ibidem, p. 151). O depoente sempre narra a partir das suas experiências, o que faz dessas memórias, antes de qualquer outra classificação, histórias de vida.

O objetivo da pesquisa era possibilitar narrativas vindas de diferentes lugares, tendo como elemento norteador as relações de trabalho, essenciais para a compreensão do contexto em que os bairros de Plataforma e São João do Cabrito se desenvolveram. O primeiro entrevistado foi o Senhor José Frutoso dos Santos, morador do São João do Cabrito desde 1966, data em que começou a atuar pela empresa Leste, como vigia da Ponte São João. No caso do Sr. José, o trabalho na ponte São João representou um elo de identidade com o bairro. Mesmo aposentado e com 87 anos de idade, o laço entre a função exercida e o próprio sujeito é muito representativo. A comunidade reconhece o indivíduo não só pelo seu nome, mas pelo trabalho exercido que o caracteriza. A identidade com o antigo posto de trabalho coloca Sr. Zé como uma referência no bairro, que orgulhosamente aceita o grifo dado pela comunidade local, que o nomeia como “Zé da Ponte” ou “Zé Vigia”.

Eu me sinto filho daqui. (pausa) Não tenho um inimigo, graças a Deus. Tenho o apelido de Zé Vigia, todo mundo me conhece aqui... Nunca vi inimizade... Aquela menina que trouxe você aqui, eu conheci ela estudando, quando eu vim pra aqui. (Sr. Zé da Ponte⁵³).

Assim como O Sr. José Frutoso dos Santos, outro sujeito com ligação íntima com o bairro é o Sr. Nemésio da Silva Costa, de 69 anos, popularmente conhecido como “Pretinho, o pescador”. Morador na Rua do Matadouro, localizada a menos de cem metros do Colégio Estadual Professor Aristides de Souza Oliveira, pude conhecer o Sr. Nemésio a partir das referências e indicações dadas por estudantes e funcionárias da escola. Já no primeiro contato, pude perceber que a comunidade mantinha uma relação afetiva com o pescador, que era afetuosamente cumprimentado por todos que passavam em frente à sua casa, cujas grades e portas estavam todas preenchidas por redes e outros artefatos de pescaria.

“Pretinho, o pescador”, como orgulhosamente se define, se afirma como um filho legítimo do bairro, no qual reside, trabalha e com o qual afetivamente se identifica.

Eu nasci aqui, tô envelhecendo aqui e não conheço lugar nenhum, a não ser aqui... Desde criança aqui. Nunca saí... Se você me botar em certo lugar aí, eu não sei voltar... Todos os momentos de minha vida só é aqui. Nesse trecho aqui e a cidade de Salvador, aqui mesmo. Mas se você me botar pra outro lugar eu não

⁵³ SANTOS, José Frutoso. Entrevista concedida a Aécio Lessa Macedo. Salvador, 06 de Maio de 2018. Duração de 51 min. 07 seg. Entrevista.

sei voltar. A não ser que eu procure informação de um e de outro e chegue até aqui de volta, não é?. (Sr. Nemésio⁵⁴).

A história de vida circunscrita e afetivamente relacionada ao bairro e à atividade pesqueira, a partir da qual o Sr. Nemésio garantiu o sustento e afirmou sua identidade, garantiram caminhos sólidos para a entrevista, uma vez que os objetivos fundamentais que relacionavam trabalho e vivência no bairro se faziam evidentes nas experiências e memórias do pescador.

A terceira entrevistada foi a Sra. Amália dos Santos, de 88 anos, que atualmente vive no Condomínio Senhor do Bonfim, na parte alta do bairro de Plataforma. Mãe de Dinalva dos Santos, uma das mais antigas e queridas funcionárias da escola, as memórias de Dona Amália estão intimamente relacionadas a Plataforma e São João do Cabrito, onde vive desde os 12 anos de idade, e à fábrica de tecidos São Brás, na qual atuou como operária por quase três décadas.

Eu tinha 12 anos quando vim pra cá. Vim sozinha. Vim pra uma casa lá em São João. Ali em São João. Morei uns tempos lá com essa família e depois me mudei pra Plataforma e fui trabalhar lá. Batalhando, fui trabalhar na fábrica.... Quando cheguei foi pra trabalhar em uma casa. Assim... Me trouxeram pra eu fazer companhia à família, não é? (pausa) Fiquei lá nessa casa muitos anos. Um bocadinho de ano, fiquei lá. Depois saí. E essa família ainda existe. Estão espalhados, mas ainda tem uma porção lá em São João, ali no alto da Rua Formosa.... Eu saí, fui pra morar lá em Plataforma, morar com uma senhora que era sozinha.... Fui lá morar com ela... Eu costurava, fazia bordado, essas coisas, pra me manter. Morei com ela uma porção de tempo. Aí fui trabalhar na fábrica, na fábrica São Brás... E aí foi quando eu fui buscar minha mãe. (Dona Amália⁵⁵).

A partir dos contatos estabelecidos e da seleção dos entrevistados o passo seguinte foi a definição de um roteiro⁵⁶ para as entrevistas com objetivo de guiar os passos da pesquisa e facilitar a produção de fontes orais para a compreensão acerca da história do local. O roteiro é compreendido como um instrumento que não é fixo, onde as perguntas são respondidas de forma objetiva, mas um instrumento adaptável às

⁵⁴ COSTA, Nemésio da Silva. Entrevista concedida a Aécio Lessa Macedo. Salvador, 05 de Junho de 2018. Duração de 01 hora 14 min. 56 seg. Entrevista.

⁵⁵ SANTOS, Amália dos. Entrevista concedida a Aécio Lessa Macedo. Salvador, 12 de Maio de 2018. Duração de 01 hora 30 min. 57 seg. Entrevista.

⁵⁶ A definição do roteiro depende do contato com o depoente, tendo em vista a necessidade de: "Analisar a condição de produção dos relatos. Saber quem é seu depoente. De onde ele fala. É um dos aspectos metodológicos que se deve levar em consideração. Não se pode ir a campo de forma ingênua, acreditando que aquele relato é a verdade única, mas lembrando que o relato é a 'verdade' do depoente". (FARIAS, 2010, p.68).

narrativas dos sujeitos envolvidos no processo de construção. A depender do caminho tomado pelo (a) depoente o roteiro deve tomar outro direcionamento, afim de explorar as memórias selecionadas pelo entrevistado. Na metodologia da história oral, entrevistador e entrevistado trabalham juntos na tentativa de reconstrução do passado, entendendo sempre que essa reconstrução é respaldada na memória e está vinculada ao presente, que é o contexto no qual a narrativa é produzida.

O roteiro não é, portanto, um elemento de coleta, mas um facilitador que apenas direciona o trabalho. O objetivo principal das entrevistas é compreender os processos históricos e elementos significativos relacionados ao bairro de Plataforma e às experiências dos sujeitos participantes.

Para garantir a boa condução das entrevistas foram tomados alguns cuidados, associados aos seguintes princípios teóricos estabelecidos como guias: o roteiro deverá ser utilizado de forma a favorecer a narrativa do depoente, como ferramenta para estimular a fala e a riqueza de detalhes. A narrativa do entrevistado deve ser respeitada, cabendo ao entrevistador o papel de facilitador na reconstrução do passado a partir das memórias. As perguntas jamais deverão se impor à narrativa do depoente; será definido no início da entrevista que o depoente irá narrar sua história de vida, afim de possibilitar os estímulos voluntários e involuntários à memória, facilitando a associação entre as experiências do sujeito e a história dos bairros de Plataforma e São João do Cabrito; as interferências deverão ser feitas quando determinada passagem da narrativa não estiver clara, devendo o entrevistador buscar uma melhor compreensão.

Em todas as entrevistas, os direcionamentos das narrativas transpassaram as perguntas pré-estabelecidas no roteiro⁵⁷, fenômeno já esperado em entrevistas de história oral. O papel do pesquisador que permeia seus caminhos a partir da metodologia da história oral não é o de impor barreiras que circunscrevam as narrativas, condicionando-as a uma linearidade, mas, ao contrário disso, deve o pesquisador favorecer o contexto criado pelo próprio entrevistado, agindo como um “parteiro de lembranças”, conforme descreve Montenegro (2013):

O trabalho de rememorar, que se estabelece através do diálogo entre entrevistador e entrevistado, assemelha-se à maiêutica socrática, sobretudo pela empatia que deve existir. O entrevistador deverá colocar-se na postura de parteiro de lembranças, facilitador do processo que se cria de resgatar as marcas deixadas pelo passado na memória. (MONTENEGRO. 2013:150).

⁵⁷ As perguntas planejadas previamente na elaboração do roteiro estão disponíveis nos anexos dessa dissertação.

O trabalho com a memória, a partir da história oral, não pode ser totalmente preciso em seu planejamento, por mais detalhado que esse seja. A memória está em constante mudança e sujeita a múltiplos fatores. Nessa perspectiva, cada entrevista foi realizada levando em consideração o lugar de fala de cada sujeito e respeitando os caminhos evidenciados pelos mesmos, ao longo da construção das narrativas.

Por entender que memória e história não são a mesma coisa, muito embora a tarefa de esboçar uma fronteira entre elas seja muito problemática, o produto didático terá como introdução uma breve reflexão acerca da história e da memória, afim de direcionar o entendimento do material didático pelo estudante e pelo professor. Para tal, as reflexões estruturadas no primeiro capítulo dessa dissertação foram tomadas por base, sendo acrescentadas de sugestões didáticas e orientações para evitar compreensões anacrônicas e incorretas.

Com as entrevistas já realizadas e devidamente transcritas, o produto didático pôde ser pensado e estruturado. O foco da produção didática foi trazer as memórias dos entrevistados dentro de um contexto temático que, em alguns casos, foi construído em consonância com as memórias dos três depoentes, o que foi priorizado, sempre que possível. Para tal, alguns recortes temáticos foram estabelecidos, levando em consideração o produto obtido a partir das entrevistas realizadas, o que resultou na elaboração de quatro momentos, definidos da seguinte maneira: "Trabalho e Cotidiano", "O sustento vem do mar", "Aqui havia uma fábrica" e "A conquista do lar".

Por se tratar da construção de um material didático direcionado aos estudantes do ensino médio, a organização em formato temático, concentrando partes das narrativas de cada um dos entrevistados em momentos pré-definidos, permite ao estudante uma melhor compreensão acerca do contexto no qual os depoimentos se inserem, além de possibilitar o confronto das narrativas dos entrevistados com outros documentos que tratem dos temas explicitados. A criticidade fomentando a busca pelo conhecimento é, talvez, a habilidade mais importante a ser desenvolvida pelo estudante no âmbito da aprendizagem histórica. O estudo da história a partir da memória pode levar o estudante a melhor entender a relação umbilical entre história, memória e experiência, de forma que o mundo possa ser investigado e compreendido a partir do exercício da autonomia. Certamente, ler a história de Plataforma e do São João do Cabrito contada por pessoas que cruzam o cotidiano do educando, pode servir de gatilho para a busca de uma aprendizagem que investigue a história nos outros tantos sujeitos que vivem, trabalham ou dividem o mesmo teto que ele.

O primeiro recorte temático⁵⁸ contemplado no produto didático tem foco no trabalho, que é um elemento agregador e ao qual a história do local está intimamente relacionada. Na memória dos moradores entrevistados o trabalho aparece como garantia de dignidade. O trabalho emerge como uma vitória perante as dificuldades da vida, que confere valor ao ser humano. É o elemento que ancora as pessoas no bairro e garante a criação da família e sua sobrevivência. Em muitos casos, a possibilidade de ter um filho ou filha trabalhando em uma condição menos sofrida que a sua é uma vitória, sempre narrada com emoção.

A memória, enquanto conhecimento, está sempre sendo elaborada no presente. Muito embora fale sobre o passado, as lentes que filtram as informações na construção da narrativa são lentes do presente. Nessa perspectiva, a lembrança do trabalho como algo positivo se afirma no contexto atual, quando os bairros de Plataforma e São João do Cabrito “amargam” a falência dos empreendimentos do passado e são fortemente penalizados pela pobreza e desemprego em massa. O Sr. Zé da Ponte, como é conhecido e gosta de ser chamado retrata os diversos empreendimentos fabris e comerciais que existiam na região enquanto “coisas boas”, lembradas com saudosismo:

Eu quando cheguei pra aqui ainda trabalhavam mil e duzentas pessoas na fábrica. Mil e duzentas pessoas nessa fábrica velha, nesse casarão velho que tá ali, trabalhavam mil e duzentas pessoas ali. (pausa) No passado tinha coisa muito boa viu? A gente tinha... (pausa longa) A Leste... Existia cimento Aratu, famoso. Em Aratu. Tinha muitas pessoas daqui que empregou lá... Acabou. A SAMBRA, como eu falei aqui, acabou. Coca-Cola acabou, a Crouxe acabou, Souza Cruz acabou, a Leste acabou, a fábrica acabou, então... (pausa) Tio Correia acabou, César Sampaio acabou... Eu conheci todo mundo que trabalhou. (Sr. Zé da Ponte⁵⁹).

Por mais que todos os entrevistados considerem, a partir de comparações mediadas pelo presente, que a vida no bairro, no passado, era muito mais difícil e sofrida, as dinâmicas contemporâneas do desemprego e criminalidade são fortemente repudiadas. Nesse aspecto, o trabalho se consagra, mais uma vez, como elemento que possibilita a fuga de tal realidade, um atestado de honradez e orgulho.

Deus me deu a oportunidade de eu... Trabalhei trinta anos, sete meses e dez dias sem uma licença, sem uma advertência e sem uma falta... (pausa) Eu tinha o nome de carrasco. Meu nome na Leste..., mas não era... Deus me deu a oportunidade de eu não ser faltoso.

⁵⁸ Trabalho e cotidiano.

⁵⁹ SANTOS, José Frutoso. Entrevista concedida a Aécio Lessa Macedo. Salvador, 06 de Maio de 2018. Duração de 51 min. 07 seg. Entrevista.

Eu só tenho que agradecer a Deus pelo que ele tem feito por mim, e há de fazer por você, e você e todos... Meus filhos não deu pra vagabundo... (pausa). Me arrepeia... Graças a Deus! Deus me deu o poder deles me atender e ser gente. (Sr. Zé da Ponte⁶⁰).

No recorte temático denominado “O sustento vem do mar”, o elemento central é a atividade pesqueira, ancorada nas experiências do Sr. Nemésio. A dinâmica do trabalho realizado pelo pescador e a vida condicionada à busca do pescado abre caminhos para que o estudante perceba esses sujeitos como partes integrantes da história do lugar. São milhares de famílias que, direta ou indiretamente garantem seu sustento, tendo o mar como o principal provedor. No entanto, as experiências desses sujeitos, que com seu trabalho trazem sentido à vida de tantos outros, quase sempre ficam cativas em suas memórias. Ouvindo esses indivíduos e pensando a história do local a partir do trabalho por eles realizado, podemos caminhar rumo à quebra de preconceitos, tendo a educação e sobretudo a percepção da história como elementos que desnaturalizam as narrativas que colocam os homens e mulheres comuns à margem dos acontecimentos relevantes.

A narrativa do Sr. Nemésio possibilita várias vertentes para análise e estudo da história, favorecidos pela riqueza de detalhes e profundidade dos depoimentos. A pesca é concebida enquanto um saber, diretamente associado à experiência adquirida, que no caso do Sr. Nemésio foi iniciada na infância, mediada pelo seu pai. A possibilidade de trabalhar e garantir o sustento familiar é ressaltada como uma vitória perante as dificuldades que, embora parcialmente superadas, marcaram profundamente as memórias do depoente.

Eu sou pescador antigo. Desde menino, com um pedaço de tábua, com meu pai. Minha infância toda foi isso aí. Eu trabalhei pouco tempo e voltei a pescar tudo de novo. Comecei a ter tudo meu, graças a Deus... e digo: vou trabalhar pra ninguém rapaz? Vou trabalhar pra mim mesmo! Eu sei pescar! Vou com meu pensamento... Sei pescar. Vou trabalhar pra ninguém, pra ninguém ficar me humilhando nem nada... Eu vou trabalhar no que é meu! Aí eu comecei a ter rede, canoa... A porra toda é meu... Que eu tenho ainda. A pesca me ajudou muito! Favoreceu! Favoreceu demais! Graças a Deus... E como! Porque se não fosse ela, eu não tava onde eu tô. Né? Nessa idade, aposentado, e com tudo meu aí... Sobrevivendo, né?. (Sr. Nemésio⁶¹).

O terceiro recorte temático, "Aqui havia uma fábrica", está relacionado às memórias dos entrevistados associadas à fábrica de tecidos São Brás, elemento central

⁶⁰ Ibidem.

⁶¹ COSTA, Nemésio da Silva. Entrevista concedida a Aécio Lessa Macedo. Salvador, 05 de Junho de 2018. Duração de 01 hora 14 min. 56 seg. Entrevista.

na história de Plataforma e São João do Cabrito. Nesse contexto, as memórias de Dona Amália são fundamentais, uma vez que, enquanto moradora do bairro atuou como operária na fábrica, vivenciando o cotidiano do trabalho. As memórias da fábrica são construídas em relação direta à família proprietária, os Martins Catharino. As constantes referências aos “Catharino” são uma marca profunda na memória coletiva dos moradores que viveram o contexto em que o bairro de Plataforma era caracterizado pelo trabalho fabril e a vizinhança estava circunscrita nos arredores da fábrica, referenciada por Dona Amália enquanto “a legítima⁶²”. “Trabalhava na fábrica São Brás. A legítima. Que era dos Catharino. Dos Catharino. Os Catharino é quem mandava tudo! Isso tudo por aqui e Pirajá...” (Dona Amália⁶³).

Outro aspecto contemplado no terceiro recorte temático é a rotina de trabalho na fábrica, que acabava abrangendo também as relações comunitárias, uma vez que trabalho, moradia e convivência no bairro de Plataforma muito pouco se dissociavam. Nessa perspectiva, se faz importante compreender o processo de substituição dos trabalhadores, horas de trabalho, tipo de trabalho realizado, sistema de produção, dentre outros fatores.

Eu trabalhava com tecido. Tecelagem. Era na máquina, não é? Trabalhava nas máquinas. Pegava seis máquinas.... Era. Trabalhava por produção... eram seis máquinas. Antes eram quatro, depois passou pra seis... Trabalhei muito tempo com isso. O trabalho era muito duro porque a gente ficava ali naquele rodízio, pra lá e pra cá, trabalhando naquelas máquinas... dá muito trabalho mesmo. Porque quando quebrava, aquele bocado de fio, aquela fiação.... Porque isso é que atrasava a produção da gente né? Quebrava, e a gente parava e ia depender do contramestre vir pra consertar aquela máquina que dava defeito, que esbarrava e tudo... Porque tudo era movido a eletricidade, não é? E a gente tinha que... Que era pra produzir os panos. (Dona Amália⁶⁴).

O quarto recorte temático estabelecido para o produto didático foi intitulado “A conquista do lar”, tendo em vista que a garantia da moradia é sempre rememorada como vitória perante a vida. A conquista da casa foi ponto marcante nas narrativas dos três

⁶² Na construção da narrativa de Dona Amália, a referência à fábrica São Brás enquanto “a legítima” caracteriza a posse e administração pela família Martins Catharino, historicamente associada ao empreendimento fabril. O fechamento da fábrica São Brás, em 1959 e conseqüente reabertura, em 1961, não alterou somente o nome, de São Brás para Fatbrás, mas também a propriedade e administração. Nessa perspectiva, a separação entre a fábrica e os Catharino é uma marca na memória coletiva da população de Plataforma, representando uma ruptura com o passado.

⁶³ SANTOS, Amália dos. Entrevista concedida a Aécio Lessa Macedo. Salvador, 12 de Maio de 2018. Duração de 01 hora 30 min. 57 seg. Entrevista.

⁶⁴ Idem.

entrevistados, o que destaca que o processo de garantia do lar é um condicionante na vida de muitos dos moradores de Plataforma e São João do Cabrito, seja em contexto pretérito ou em dias atuais. No bairro, a Companhia Progresso e União, sob posse da família Marthins Catharino era proprietária de um vasto território. Suas posses englobavam a fábrica de tecidos, outros empreendimentos fabris, fazendas, cortumes, armazéns, praticamente todas as casas construídas na região e terrenos, utilizados para diversos fins.

A maioria das casas daqui foi feita pela fábrica... Pelos Catharino. Arrendava o terreno na mão dos Catharino e aí faziam, umas casinhas baixinhas que ia fazendo... Depois melhorou a situação e todo mundo foi fazendo as casas de construção e aí mudou. (Sr. Zé da Ponte⁶⁵).

A moradia no bairro estava condicionada ao trabalho. Esse aspecto fica evidente a partir da análise das narrativas do Sr. Zé da Ponte e de Dona Amália. Ambos, enquanto trabalhadores da Leste e da fábrica de tecidos São Brás, respectivamente, muito embora tenham vivido por décadas em moradias vinculadas às empresas, só conseguiram a posse do lar mediante compra financiada.

Eu tava sem esperar: Vai murar! Aí passou a rede e achou de fazer esse muro aí, direto, até a cabeceira da ponte achou de fazer esse muro aí... A casa, essa casa, ficou do lado de fora, aí veio uma carta vendendo a casa.... Eu tinha um terreno em ilha amarela.... Vendi o terreno ligeiro e dei entrada de trinta mil nessa casa na época, pra o resto eu ficar pagando em folha, ficar descontando. Descontava em folha. Aí eu paguei cento e sessenta e três mil nessa casa. Tem trezentos e oitenta metros quadrados a área. Foi um absurdo? Foi! Inclusive até o engenheiro demorou, quando eu dei trinta mil de entrada em 1995. Ele disse: O senhor vai dar... pode dar? Eu disse, posso. Desde 1966 que eu morava aqui! (Sr. Zé da Ponte⁶⁶).

O produto didático elaborado é entendido como parte integrante da dissertação, uma vez que, o que fundamenta o ensino de história é o vínculo direto entre ensino e pesquisa. Os quatro recortes temáticos definidos para a composição do produto didático foram pensados a partir das narrativas produzidas pelos três entrevistados, de forma a contemplar o máximo possível das memórias narradas e evidenciá-las no contexto específico ao qual fazem referência. A memória, enquanto produção do presente tem relação direta com a vida dos estudantes, de forma que, mesmo no processo de tentar

⁶⁵ SANTOS, José Frutoso. Entrevista concedida a Aécio Lessa Macedo. Salvador, 06 de Maio de 2018. Duração de 51 min. 07 seg. Entrevista.

⁶⁶ Idem.

reconstruir o passado em narrativa, o presente se sobressai, se constituindo no ponto de partida e no elo que dá sentido à história. Na busca por uma educação de qualidade que contemple a formação do ser humano enquanto sujeito autônomo que se educa em liberdade, o ensino de história respaldado na memória é fundamental para abarcar o interesse do educando a partir da afetividade, além de ser um caminho para a positivação de identidades que, pelo desconhecimento são negadas e estereotipadas. Dessa forma, a história se evidencia enquanto saber que liberta os sujeitos, que passam a compreender, valorizar e transformar o mundo.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Ouvir contar: textos em história oral. FGV Editora, 2004.
- ALBUQUERQUE JR, Albuquerque Júnior; RAGO, Margareth. A invenção do Nordeste e outras artes. Fundação Joaquim Nabuco, 1999.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. Um quase objeto, algumas reflexões em torno da relação entre história e região. In: DE ANDRADE LEAL, Maria das Graças; FARIAS, Sara Oliveira (Org). História Regional e Local III: reflexões e práticas nos campos da teoria, pesquisa e do ensino. Salvador. EDUNEB, 2015.
- BARROS, José Costa D.'Assunção. História, região e espacialidade. Revista de História Regional, v. 10, n. 1, 2007.
- BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas, vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BITTENCOURT, Circe. Ensino de história: fundamentos e métodos. 2ª ed. São Paulo. Cortez. 2008.
- BITTENCOURT, Circe. *O saber histórico na sala de aula*. Editora Contexto, 1997.
- BLOCH, Marc. Apologia da história: ou o ofício de historiador. Zahar, 2002.
- CARDOSO, Lucileide Costa. Dimensões da memória na prática historiográfica. (153-173). In: OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos; REIS, Isabel Cristina Ferreira (Org.). História Regional e Local: Discussões e Práticas. Salvador. QUARTETO. 2010.
- CASTORE, M. Elena. A FÁBRICA E O BAIRRO: Um estudo sobre a paisagem industrial no bairro de Plataforma em Salvador. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador. 2013.
- COSTA, Nemésio da Silva. Entrevista concedida a Aécio Lessa Macedo. Salvador, 05 de Junho de 2018. Duração de 01 hora 14 min. 56 seg. Entrevista.
- DE MORAES FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. Usos & abusos da história oral. FGV Editora, 1996.
- DE SOUSA, Gabriel Soares; DE VARNHAGEN, Francisco Adolfo; DO PORTO SEGURO, Visconde. Tratado descritivo do Brasil em 1587. Companhia editora nacional, 1971.
- FARIAS, Sara Oliveira. Memória e história: interações possíveis (61-72). In: OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos; REIS, Isabel Cristina Ferreira (Org.). História Regional e Local: Discussões e Práticas. Salvador. QUARTETO. 2010.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 58ª. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GOMES, Angela de Castro. A invenção do trabalhismo. Editora FGV, 2015.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo. Editora Centauro. Tradução de Beatriz Sidou. 2003.

LAZZAROTTO, V. M. M. A educação popular em Novos Alagados: uma história de luta e de garra. Cadernos de Educação Popular, CECUP, Salvador, n. 11, 1988.

MATHIAS, Carlos Leonardo Kelmer. O ensino de História no Brasil: contextualização e abordagem historiográfica. História Unisinos, v. 15, n. 1, p. 40-49, 2011.

MOACYR, Primitivo. A instrução pública no Estado de São Paulo: Primeira década republicana. Brasileira, 1942.

MONTEIRO, Ana Maria. Ensino de História: entre história e memória. História e educação: territórios em convergência. Vitória: UFES/PPGH, p. 59-80, 2007.

MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; DE SOUZA MAGALHÃES, Marcelo. Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas. Faperj, 2007.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral e memória: a cultura popular revisitada. Editora Contexto, 2013.

NACIONAIS, Parâmetros Curriculares. Terceiro e Quarto ciclos do Ensino Fundamental – História. Brasília: Mec. SEF-1998.

NEGRO, Antonio Luigi. Não trabalhou porque não quis: greve de trabalhadores têxteis na Justiça do Trabalho (Bahia, 1948). Revista Brasileira de História, v. 32, n. 64, 2012.

_____. Paternalismo, populismo e história social. Cadernos AEL, v. 11, n. 20/21, 2010.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. 1993. ISSN 2176-2767 10.

PARAISO, Maria Hilda Baqueiro. Índios, naufragos, moradores, missionários e colonos em Kirimurê no século XVI: embates e negociações. CAROSO, Carlos, et alii. (org.). Baía de Todos os Santos: Aspectos Humanos. Salvador: Edufba, p. 69-100, 2011.

RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa (Tomo I). Trad. Constança Marcondes César. 1994.

RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa (Tomo III). Trad. Constança Marcondes César. 1994.

SANTOS, Amália dos. Entrevista concedida a Aécio Lessa Macedo. Salvador, 12 de Maio de 2018. Duração de 01 hora 30 min. 57 seg. Entrevista.

SANTOS, Elisabete et al. O Caminho das águas em Salvador. Bacias hidrográficas, bairros e fontes. Salvador: CIAGS/UFBA, 2010.

SANTOS, José Eduardo Ferreira. Novos Alagados: histórias do povo e do lugar. Edusc, 2005.

SANTOS, José Frutoso. Entrevista concedida a Aécio Lessa Macedo. Salvador, 06 de Maio de 2018. Duração de 51 min. 07 seg. Entrevista.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. In the backyard of the factory: gender, class, power and community in Bahia, Brazil. Tese de Doutorado, Boston University, B.U. Estados Unidos, 1997.

_____. O Gênero da memória: lembranças de operários e lembranças de operárias. 1998.

SERPA, Angelo. Ponto convergente de utopias e culturas: o Parque de São Bartolomeu. Tempo social, v. 8, n. 2, p. 177-190, 1996.

_____. Fala periferia! Uma reflexão sobre a produção do espaço periférico metropolitano. EDUFBA, 2001.

SOARES, Antonio Mateus de C. TERRITORIALIZAÇÃO E POBREZA EM SALVADOR–BA. Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia, v. 4, n. 2, p. 17-30, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Transcrição de Entrevista

Entrevistada: Amália dos Santos

Data: 12 de Maio de 2018

Local: Residência da entrevistada; Condomínio Senhor do Bonfim; Plataforma; Salvador – BA.

Aécio: Bom dia D. Amália. Eu gostaria de começar a nossa entrevista sabendo o nome completo da senhora.

D. Amália: Amália dos Santos. Pequeninho.

Aécio: Amália dos Santos. Certo. E a senhora hoje está com?

D. Amália: 88 anos.

Aécio: 88 anos. Lembra, mais ou menos a data de nascimento da senhora?

D. Amália: É... Primeiro... É... Peraí... É 19 de Janeiro de 1930.

Aécio: 1930, não é?

Filha (D. Dinalva): 19 do 01 de 1930.

Aécio: Pronto. Então D. Amália, esse trabalho, como eu explicava pra senhora, ele é parte de uma pesquisa que estou fazendo sobre a história do bairro de Plataforma e do São João do Cabrito. Por isso estou conversando com pessoas que vivem lá no São João e aqui em Plataforma, pra ouvir essas histórias de como era o espaço, como eram as coisas, como era a vida das pessoas antes. E a senhora, como é uma moradora antiga, muito pode me ajudar. A senhora nasceu aqui no bairro? Nasceu aqui e se criou?

D. Amália: Não. Em Santo Amaro.

Aécio: A senhora nasceu em Santo Amaro?

D. Amália: Santo Amaro.

Aécio: Certo. E quando foi que a senhora chegou pro bairro de Plataforma?

D. Amália: Eu tinha 12 anos quando vim pra cá.

Aécio: Ah. Então veio novinha, com 12 anos?

D. Amália: Sim.

Aécio: Entendi. Então a senhora veio pra cá junto com sua família?

D. Amália: Sozinha.

Aécio: Sozinha? Com 12 anos?

D. Amália: Foi. Sozinha. Vim pra uma casa lá em São João. Ali em São João. Morei uns tempos lá com essa família e depois me mudei pra Plataforma e fui trabalhar lá. Batalhando, fui trabalhar na fábrica... E aí fui buscar minha mãe, que minha mãe ficou no interior, só que... Quando eu fui buscar ela, ela estava doente, daí com 15 dias faleceu. Nisso passei a morar lá em São João de novo, lá em São João. Tive ela (a filha, Dinalva) lá em São João, depois voltei pra Plataforma de novo. Voltei pra Plataforma de novo, e lá de Plataforma foi que eu vim pra aqui. (pausa) Depois desses anos todos vim pra cá.

Aécio: Entendi. Quando a senhora veio com 12 anos, a senhora veio pra trabalhar?

D. Amália: Foi. Trabalhar em uma casa. Assim... Me trouxeram pra eu fazer companhia à família, não é? (pausa)

Aécio: Entendo.

D. Amália: Fiquei lá nessa casa muitos anos. Um bocadinho de ano, fiquei lá. Depois saí. E essa família ainda existe. Estão espalhados, mas ainda tem uma porção lá em São João, ali no alto da Rua Formosa.

Aécio: Rua Formosa?

D. Amália: Isso.

Aécio: A senhora lembra, mais ou menos, que família foi? O sobrenome da família?

D. Amália: Ah. Eu sei que o dono da casa chamava Abdon Said, era árabe.

Aécio: Abdon Said era árabe...

D. Amália: Era. E a esposa dele era daqui, Dona Levinha. Teve um bocado de filho... Ainda existe dois, tem um que mora ali na subida ali, de frente ao cemitério, naquelas casas viradas lá em cima. Tem outro que mora aqui no conjunto Bahia de Todos os Santos, e tem mais outros espalhados... Estão espalhados. Por lá tem os que moram em São Paulo, que mora há muitos anos em São Paulo, uma porção.

Aécio: Entendi.

D. Amália: Eu saí, fui pra morar lá em Plataforma, morar com uma senhora que era sozinha... Fui lá morar com ela... Eu costurava, fazia bordado, essas coisas, pra me manter. Morei com ela uma porção de tempo. Aí fui trabalhar na fábrica, na fábrica São Brás... E aí foi quando eu fui buscar minha mãe.

Aécio: Entendi.

D. Amália: Pra conseguir casa lá em São João de novo... Em São João. Consegui casa em São João. Não tive sorte de ficar com ela né? Com 15 dias ela foi embora.

Aécio: Ela faleceu, não é? Entendi.

D. Amália: Eu fiquei só.

Aécio: A senhora disse que mudou pra São João, pra trabalhar, aí depois veio pra Plataforma e voltou pra São João. No caso, morar em São João era mais barato? O que é que fazia a senhora mudar de São João para Plataforma?

D. Amália: Um meio que eu conseguia né? Era... Eu consegui uma casa da Companhia...

Aécio: Da Companhia União Fabril, não é?

D. Amália: Hum hum. Consegui uma casa lá, fui trabalhar na fábrica e consegui essa casa. E aí que eu fui buscar minha mãe e fui pra lá de novo. Só que eu nunca gostei dali do São João não.

Aécio: Do São João, não é?

D. Amália: Gostei não. Não gostava não... Aí eu consegui, depois que minha mãe faleceu e tudo, fiquei uns tempos, aí consegui trocar a casa. Aí eu fui na Companhia, no escritório e acertei que achei uma pessoa que queria trocar a casa pra Plataforma, e troquei a casa e vim embora pra Plataforma.

Aécio: Ah! Então a Companhia conseguiu uma casa pra senhora no São João, mas a senhora queria trocar, dentro das casas da Companhia, pra Plataforma, não foi isso?

D. Amália: Foi.

Aécio: Mas eram todas casas da Companhia?

D. Amália: Tudo da Companhia. Aí eu troquei e vim pra cá. Essa criatura foi pra lá pro São João, e aí de lá foi que eu vim pra aqui.

Aécio: Entendi. Entendi.

D. Amália: Aí eu tava trabalhando, apareceu um rapaz lá que inscreveu a gente, tudo pra esse conjunto, e aí eu consegui essa casa, com todo o sacrifício da minha vida... Muito sacrifício. (pausa)

Aécio: Essa de hoje, não é?

D. Amália: Isso.

Aécio: Entendi.

D. Amália: Eu acho que já tem uns 50 anos ela.

Aécio: Essa casa?

D. Amália: É.

Aécio: Então essa região aqui é bem antiga, não é?

D. Amália: Hum?

Aécio: Essa região é bem antiga, não é?

D. Amália: É. Isso aqui era roça, era mato. Tudo era da Companhia, isso tudo aqui. E quando a gente veio pra aqui não tinha nada. Nada, nada, nada! Era roça isso tudo, mato aí pra baixo... Depois foi que começaram a construir isso aí embaixo, que fizeram o conjunto aí em cima, e foi levando.

Aécio: Entendi.

D. Amália: Ali era tudo mato, ali por cima. Isso aí era tudo ruim.

Aécio: Quando a senhora... Primeiro a senhora foi lá pro São João, não é? Quando a senhora estava lá no São João, no primeiro momento da vida da senhora aqui nessa área, vindo de Santo Amaro, como é que eram as coisas por lá?

D. Amália: Aonde? No São João?

Aécio: No São João.

D. Amália: Hum. Não era... Ali não tinha nada. Não tinha nada não. Aquela parte dali, onde tem o primeiro colégio de vocês ali.

Aécio: Sim?

D. Amália: Ali tudo era roça, era tudo mato. Aquilo ali tudo era um charco danado, passava a linha do trem... Tudo ali, tudo era... (pausa)

Aécio: Entendi.

D. Amália: Hoje que melhorou tudo ali. Muita coisa ali mudou.

Aécio: E a senhora quando vivia lá, a senhora precisava se manter, precisava comprar as coisas, geralmente conseguia fazer isso aonde?

D. Amália: Ia na feira de Água de Meninos...

Aécio: Na feira de Água de Meninos?

D. Amália: É... A gente ia... Ali a gente andava tudo de trem, não é? Era trem nessa época. O trem, antes, ele passava ali, em frente ao que é o bairro. É por isso que chama São João do Cabrito, que tem aquela volta, ele passava lá por baixo. Depois construíram a ponte... Construíram a ponte e o trem que passava por lá, acabou passando por ali.

Aécio: Hum hum.

D. Amália: Ali tudo não tinha nada, era só... (pausa)

Aécio: E em Plataforma era melhor?

D. Amália: Nessa época Plataforma era o lugar melhorzinho, que agora tá pior, não é? Não tem nada, não cresceu... Melhor mesmo era em Plataforma. São João era uma negação... Aquele fim de linha ali, tem o colégio ali, não é? Tudo ali é mais novo.

Aécio: Entendi. Recente, não é? E lá em São João, como é que geralmente as pessoas se sustentavam? Era pesca?

D. Amália: Era. Ali tinha muito era pescador. Muito pescador. E lá em Plataforma o que sustentava mesmo era a fábrica, não é? Era a fábrica. (pausa)

Aécio: Mas tinha gente que morava em São João e era trabalhador da fábrica também?

D. Amália: Tinha. A maioria tudo era ali da fábrica. Ali mesmo eu trabalhei... Não sei se duas vezes ou três. Fui pela São Brás, depois... Aí vai vender, ficou Fatbrás. Eu retornei, e depois fui pra Boa Viagem, não é?

Aécio: Entendi.

D. Amália: Sempre assim. (pausa)

Aécio: A senhora lembra, mais ou menos, que idade tinha quando foi pra fábrica pela primeira vez, pra trabalhar?

D. Amália: Ah, eu tinha vinte e poucos anos.

Aécio: Vinte e poucos anos, não é?

D. Amália: Foi.

Aécio: Então a senhora pegou a fase da São Brás ainda, não é?

D. Amália: Foi. A legítima.

Aécio: A legítima?

D. Amália: Sim! (riso) Que era dos Catharino. Dos Catharino.

Aécio: Hum. Entendi.

D. Amália: Os Catharino é quem mandava tudo! Isso tudo por aqui e Pirajá...

Aécio: Até Pirajá?

D. Amália: É. Até Pirajá era dos Catharino.

Aécio: Que eles eram donos é?

D. Amália: É. Eram donos aí. E tinha uma confusão aí... Eu sei lá... Os políticos não entendia muito isso... Tanto que o pessoal conseguia terreno, essas coisas, pagavam lá aos Catharino, que eram donos. Depois foi desaparecendo isso.

Aécio: Hum hum.

D. Amália: Quando queriam movimentar, aí abafavam porque diziam que isso aqui era de graça e não sei o que... Lá no tempo das guerras, não é?

Aécio: Hum hum.

D. Amália: Teve, disse, muita guerra, muita coisa por aqui. Por sinal tinha um lugar aí que era subterrâneo e que eles passavam... Ali mesmo na cabeceira do tanque, que é onde é aquele colégio... Ali tinha um tanque, e ali entulharam tudo ali. Ali tinha uns tubos, uns tonel de cimento... Era umas coisas de cimento que diz que era do tempo da guerra... Passava ali por baixo e por sinal ia sair lá na rua onde a gente... Onde eu morava.

Aécio: Do São João?

D. Amália: Plataforma.

Aécio: De Plataforma.

D. Amália: Sim. Ali. Ficava ali por trás da fábrica. Era ali que tinha no lugar, tinha ali uma mina que tinha água, e aí quando faltava água a gente ia pra pegar, pra lavar roupa, e tudo. Agora acho que entulhou, não foi Dinalva? Não tem mais não, não é?

D. Dinalva (filha): Oi?

D. Amália: A mina ali, ainda tem?

D. Dinalva (filha): Ali onde a gente morou?

D. Amália: Sim.

D. Dinalva (filha): Não. Entulharam.

D. Amália: Entulharam. Mas era coisa de... Subterrâneo. Era um negócio enorme assim.

Aécio: Era um túnel é?

D. Amália: Era.

D. Dinalva (filha): Era.

Aécio: Um túnel, não é?

D. Amália: Tipo um túnel.

D. Dinalva (filha): Era três torneiras, não é mãe? Era três torneiras.

Aécio: Então a fonte, ela estava ali naquela região do túnel? Não é? E o túnel o pessoal falava que tinha... Que era usado para a guerra?

D. Amália: Sim.

Aécio: Que foi usado pra guerra, não é? Entendi.

D. Amália: Foi usado. Sei que vinha de lá de cima, descia depois do mercado... Eram casas da Companhia, não é?

D. Dinalva (filha): É mainha, mas as casas eu acho que ficam mais pra cima.

D. Amália: É. Nas roças. Ali onde eram as roças da Companhia.

D. Dinalva (filha): Ali agora é rodagem. Sabe onde sai? Não sei se você conhece Aécio. Você sabe onde é o fim de linha de Plataforma?

Aécio: Sei sim.

D. Dinalva (filha): Sabe? Tem uma entrada ali que ele desce e sai ali mesmo naquele túnel. É rodagem.

Aécio: Rodagem, o que é que significa?

D. Amália: É asfalto.

Aécio: Ah. É asfalto.

D. Dinalva (filha): É asfalto. O pessoal passa por ali mesmo.

Aécio: Entendi.

D. Dinalva (filha): Saindo ali já sai no fim de linha. É aquela ladeirinha mainha, que a gente subia. Que ia lá pra casa de tia Nelinha. Ali... Quer dizer... A gente sobe ali já é o fim de linha de Plataforma. E a gente virando assim à direita já sai lá no São João. Naquela rotatória onde tem o pé de amêndoa.

Aécio: Entendi. Na frente da escola?

D. Dinalva (filha): Não. Antes.

Aécio: Antes, não é?

D. Dinalva (filha): É. Você sabe onde aquele carro, Retiro passa? Aquelas topiques? Você já foi pra Plataforma por ali? É porque você vai pegando a rodagem direto, não é?

Aécio: É. Eu venho direto. Exatamente.

D. Dinalva (filha): Quando você vem, você vem por onde?

Aécio: Pra escola? Eu pego a estrada do cabrito. A estrada do São João.

D. Dinalva (filha): Você passa pela frente do colégio antigo, não é?

Aécio: Eu passo pela frente do colégio antigo e sigo.

D. Dinalva (filha): Ah. É por isso que você não conhece. Porque se você for ali no luso... Porque você faz a volta lá em Itacaranha, não é? Você subindo ali em Plataforma, saindo ali no fim de linha, você já vai sair mais perto do que de cá.

Aécio: Entendi.

D. Dinalva (filha): Você vai passar ali pela rotatória.

Aécio: Entendi. Entendi. Bacana.

D. Dinalva (filha): Ali tem várias entradas. Qualquer lugar ali sai em São João.

Aécio: Qualquer lugar sai em São João, não é? Tudo interligado, não é?

D. Dinalva (filha): E agora então tem a orla mainha, que fizeram a orla.

D. Amália: Não sei. Nunca fui lá.

Aécio: A senhora ainda não foi na orla não?

D. Dinalva (filha): Não. Eu também ainda não fui não.

D. Amália: Eu queria ir visitar vizinhas minhas que estão doentes lá em São João. Mas eu não saio não. Tudo eu dependo dela pra sair. E ela não pode me levar assim, que é a vida... (pausa)

Aécio: A senhora tem saudade? De lá?

D. Amália: Tenho não.

Aécio: Tem não, não é?

D. Amália: Eu gosto daqui.

Aécio: Entendi.

D. Amália: Eu me acostumei aqui.

Aécio: Entendi.

D. Amália: Aqui, meu trajeto aqui era trabalho, quando eu trabalhei... Me aposentei aqui... Eu que fui lá, pra cá, e aí parei.

Aécio: A senhora, quando trabalhava na fábrica, trabalhava fazendo o quê?

D. Amália: Tecido. Tecelagem.

Aécio: Fazia tecido? Como era a rotina de trabalho D. Amália?

D. Amália: Era na máquina, não é? Trabalhava nas máquinas. Pegava seis máquinas.

Aécio: A senhora dava conta de seis máquinas, é isso?

D. Amália: Era. Trabalhava por produção... Eram seis máquinas. Antes eram quatro, depois passou pra seis... Trabalhei muito tempo com isso.

Aécio: E todo mundo trabalhava em mais de uma máquina? Trabalhava em quatro, em seis ou era só a senhora?

Aécio: E, no caso, a senhora falou que ganhava por D. Amália: Não. Todo mundo que trabalhava na tecelagem enfrentava. Tinha uns que trabalhava com quatro, outras seis, dependia da seção, não é? (pausa)

Aécio: Produção? É isso? Quanto mais produzisse, mais recebia?

D. Amália: Era roubado sim. (riso) A produção era um horror. Não era nada diferente de agora de meus políticos. A gente recebia era uma coisa triste. E quando eu trabalhei na Boa Viagem era ainda pior.

Aécio: Outra fábrica, não é?

D. Amália: É. Fábrica da Boa Viagem era uma fábrica muito potente... A fábrica da Boa Viagem. Sei que faliu, de tanto roubo, tanta coisa... Ali, Ave Maria, era um horror. Toda manhã era fazendo creme, ou parando... A gente chegava... Porque a gente recebia por semana a mixaria que não dava... A vida mais era paletando. Não sabia o que era pegar transporte não.

Aécio: Era andando, não é? Que ia?

D. Amália: Não tinha dinheiro pra pagar. Não sobrava. A responsabilidade que a gente tinha pra pagar casa de aluguel e tudo...

Aécio: A fábrica dava a casa e ainda cobrava aluguel?

D. Amália: Não. Ela não dava a casa não. A casa... A gente que alugava a casa, não é? Não era da fábrica não. A casa que eu aluguei e que era da fábrica foi aqui.

Aécio: Aqui em Plataforma?

D. Amália: É. Aqui na fábrica São Brás, porque, de muitos anos era essa agonia... Ói, tinha um livro assim, ó... Tudo de nome de gente ora conseguir casa. Porque era muito barato... A casa era barata, não é? A gente também não ganhava quase nada... E era alugada. Só que era vantagem porque era descontado.

Aécio: Entendi. Descontado no salário, não é? O aluguel?

D. Amália: É. A gente recebia e já descontava.

Aécio: E só trabalhador da fábrica alugava?

D. Amália: Era.

Aécio: Tinha que trabalhar pra poder morar, não é?

D. Amália: É. Trabalhava e batalhava pra conseguir, porque não era fácil não. Conseguir a casa. Era assim, mas nos outros lugares não. Na Boa Viagem tinha, mas era seção... É parece que era uma seção tudo. Era uma espécie de condomínio... Essa coisa ficava ali... Fica onde hoje em dia... Não sei se é colégio militar... Que tinha um colégio ali. Essa seção era fechado. Não era todo mundo que entrava não, do pessoal que trabalhava na fábrica, e morava né? Lá na Boa Viagem. Agora acabou.

Aécio: Entendi. A casa do São João tinha água encanada?

D. Amália: Não. Tinha não. As casas da Companhia não tinham nada. A de lá de Plataforma também não tinha não, que nessa época estavam botando é chafariz.

Aécio: Chafariz?

D. Amália: Tinha chafariz ali. Era.

Aécio: Era a Companhia que fazia o chafariz?

D. Amália: Não. Era particular.

Aécio: Particular?

D. Amália: Era. Sei lá, não sei se era a EMBASA, não sei quem é que botava a água... Mas era chafariz. Não tinha não. Agora a gente fazia um... Uma canalização pra dentro de casa, e fazia tanque. Eu mesma fiz um tanque... Tinha um tanque... E lá, onde eu morava, na esquina é que eu descia a ladeira da Rua Úrsula Catharino. Eu descia. Tinha um chafariz, que eles acabaram fazendo pro povo pegar água. Tinha que ir pegar água... Então era assim. Era difícil, muito difícil a vida.

Aécio: O trabalho da senhora na fábrica... A senhora trabalhava na tecelagem...

D. Amália: Era.

Aécio: Certo? Era muito duro o trabalho?

D. Amália: É. Muito duro porque a gente ficava ali naquele rodízio, pra lá e pra cá, trabalhando naquelas máquinas... Dá muito trabalho mesmo. Porque quando quebrava, aquele bocado de fio, aquela fiação... Porque isso é que atrasava a produção da gente né? Quebrava, e a gente parava e ia depender do contramestre vir pra consertar aquela

máquina que dava defeito, que esbarrava e tudo... Porque tudo era movido a eletricidade, não é? E agente tinha que... Que era pra produzir os panos. (pausa)

Aécio: Era muito barulhento?

D. Amália: Era. Uma zuada... Muita zuada, zuada muita.

Aécio: Quem é que trabalhava D. Amália? No caso, trabalhavam só pessoas adultas? Trabalhavam crianças?

D. Amália: Não.

Aécio: Não trabalhava?

D. Amália: Não. Não que eu batalhei muito quando eu estava de menor pra empregar lá.

Aécio: A senhora tentou entrar na fábrica quando estava de menor e eles não pegavam?

D. Amália: Não. Não pegavam não.

Aécio: Eles davam roupa pra trabalho? Almoço?

D. Amália: Nada.

Aécio: Só o salário?

D. Amália: É.

Aécio: E ainda pagava aluguel?

D. Amália: É.

Aécio: Transporte?

D. Amália: Que. Nada. A gente pegava ali, porque morava tudo perto, não é? A gente entrava, quando tocava era 11:30 (manhã), e a gente ia almoçar. Trabalhava era... O serviço era de 7:00 (manhã) às 4:00 (tarde). Depois que passou pra... De turno, trabalhar de turno. Quando eu vim pra aqui mesmo eu já trabalhava no turno. Era 6:00 (manhã) às 14:00 (tarde) e de 14:00 (tarde) às 10:00 (noite), e de 10:00 (noite) às 6:00 (manhã), mas aí era homem né? Que trabalhava. Só homem que trabalhava de 10:00 (noite) às 6:00 (manhã). Foi quando eu vim pra aqui eu trabalhava de turno. Pegava de 6:00 (manhã) às 2:00 (tarde), ainda fiz... Pedi pra trabalhar... Na época tava perto de vir pra aqui, que a gente estava perto de receber a casa e não tinha nada aqui pra ver se comprava alguma coisa, pra me mudar... Daí eu pedi, que tinha seção... Que já tava tudo já se quebrando, pondo o povo pra fora, e eu pedi pra fazer uma extra por conta própria, né? Porque é um horror. Pedi, implorei pra trabalhar, porque ficava máquina parada...

Tinha dia que eu largava... É, pegava 2:00 (tarde)... Não, era de 6:00 (manhã) às 2:00 (tarde) e de 2:00 (tarde) às 6:00 (tarde). Eu sei que, nessa seção que eu trabalhava, aí era de 7:00 (manhã) às 4:00 (tarde), que ficava, aí foi quando eu pedi, que ficava, eu largava 4:00 (tarde), aí ficava parada. Aí terminou que... Aí eu fui pedir ao gerente, o contramestre. Aí eu fui pedir a ele pra eu trabalhar, pelo menos até 6:00 (tarde), mas não constava não. Aí eu disse que precisava, e tal, mas ele falava: No seu horário você bate o cartão, de saída né? Quando eu sair. Agora eu ia... Retornava, mas não batia cartão não.

Aécio: Entendi. Pra não constar, não é?

D. Amália: É. Aí ficava até 6:00 (tarde), mas ainda morava lá embaixo. Eu morava pertinho da fábrica.

Aécio: Aí a senhora fala da São Brás ou da Boa Viagem?

D. Amália: São Brás. Aí, eu tenho até... Tava ele também comigo, que era meu contramestre. Ele vinha pra aqui também... Tava aí. Era 6:00 (tarde) que eu largava e ia pra casa. Depois eu dei pra passar, levar direto. Aí ele ficava, e ainda me ajudava, que ele era contramestre né? Ele consertava as máquinas... Dava defeito e ele ia mexer lá. Ele ainda me ajudava quando ele estava de folga, de madrugada ajudava e tudo. Aí eu fiquei levando direto, e ele: você não vai aguentar, porque é duro. É duro. Aí eu pedi a outra, 6:00 (tarde) marcava, chegava em casa: esquentava uma água pra eu tomar banho... Quando eu chegava aqui era a hora do... Que ele soltava lá... Aí eu saía correndo, chegava em casa, tomava banho... Aí tomava um café e voltava de novo. Aí ele ainda reclamava: você não tem que cumprir horário não. Você entra a hora que você quiser. E eu não. Eu tava era fazendo de tudo pra poder melhorar minha situação e tudo... Fiquei um tempão assim, nessa situação. Depois...

Aécio: Isso tudo na São Brás?

D. Amália: Na São Brás. Aí chegou a época de a gente receber a casa e eu disse, Poxa vida, e aí pra gente vir pra aqui, se não tinha transporte nem nada, era pau viola. Aí eu disse, como é pra ir? Aí passei... Trabalhava de 2:00 (tarde) às 10:00 (noite), aí completaram lá o... Como que chama... Aí eu fiquei... Perdi a extra, que eu estava fazendo por conta própria, aí ficou de 6:00 às 14:00 e de 14:00 às 10:00 (noite). Aí eu... 6:00 às 2:00 (tarde), eu saía daqui era cinco e pouca da manhã, porque a gente pegava seis. Descia aqui paletando, porque não tinha transporte não. Aqui a gente levou dez anos, aqui, todo mundo paletando, que não tinha um transporte. A gente descia aqui e, nessa época, que saía pra gente descer lá pelo cemitério e a... essa parte daí do conjunto novo ainda era mato, era tudo mato. Aí a gente descia, tinha um senhor que vinha vender pão aqui, Seu Alípio, aí ele descia e olha: é melhor pra vocês, fica mais perto, corta caminho, aí você descia aí por dentro, que era tudo mato. Descia aí por dentro que era melhor do que lá, pelo

cemitério. Aí só faz medo é cobra. Eu sei é que eu descia aí e chegava na firma... Descia por um caminhezinho aí, por dentro dos matos tudo... Quando foi, descia aí correndo, pra chegar lá seis horas, que era pra seis horas a gente estar nas máquinas. Fiquei um bocado de tempo assim nessa agonia. E de 6:00 às 2:00 (tarde) era mais... Largava, caminha, tinha que comprar as coisas, que era lá embaixo... Comprava, subia com sacola... Pau viola aí.

Aécio: A carga horária de trabalho então era?

D. Amália: Acho que era 8 horas né?

Aécio: Quanto tempo a senhora trabalhava?

D. Amália: A hora que eu trabalhava?

Aécio: Quanto tempo a senhora trabalhava? A senhora falou que começava às 6:00 e ia até?

D. Amália: 6:00 às 2:00.

Aécio: 6:00 às 2:00 da tarde.

D. Amália: Era.

Aécio: Aí a senhora saía pra almoçar?

D. Amália: Não.

Aécio: Não almoçava?

D. Amália: Não. Levava direto.

Aécio: E aí pegava... Pegava das 2:00 até?

D. Amália: Era assim... Uma semana era de 6:00 às 2:00, e na outra semana de 2:00 às 10:00.

Aécio: 2:00 às 10:00? 10 da noite?

D. Amália: Era.

Aécio: Entendi. E aí, no caso, a senhora às vezes pegava de 6:00 às 10 da noite direto?

D. Amália: Foi, quando eu tava lá embaixo e eu queria fazer essa extra, eu consegui, porque depois passaram. Porque, quando eu tava fazendo isso a minha carga horária era de 7:00 às 4:00. Aí eu entrei nessa de coisa, porque eu queria adiantar mais trabalho.

Aécio: Hum hum. E aí a senhora levava almoço e comia lá?

D. Amália: Levava. Mas quando eu fiz isso a gente tava lá. Morava lá embaixo quando eu fiz isso.

Aécio: Em Plataforma né?

D. Amália: É.

Aécio: Aí depois quando a senhora veio aqui pra cima foi que teve a complicação de chegar lá, não é?

D. Amália: Foi, aí era de 6:00 às 2:00 (tarde). Não tinha problema não. Era de 6:00 às 2:00 (tarde).

Aécio: Entendi.

D. Amália: 6:00 às 2:00 (tarde) e de 2:00 (tarde) às 10:00 (noite). Só que era... era brabo pra a gente ir paletando.

Aécio: Esse contramestre era tipo um supervisor que ficava olhando a produção?

D. Amália: Não, ele consertava as máquinas quando tinha defeito... Que dava defeito no serviço... Aí eu ia atrás deles, pra consertar.

Aécio: E tinha supervisor? Pra olhar o serviço de vocês?

D. Amália: Tinha. Fiscal que olhava tudo né? Tinha. Pra ver, porque nego saía pra fazer feira, né? Ele subia e ficava ali...

Aécio: Olhando?

D. Amália: É. Mas caso assim... Que ninguém... Todo mundo era responsável e precisava trabalhar, porque era produção... Era assim.

Aécio: Entendi. E quando a máquina quebrava, prejudicava o que vocês recebiam, não é?

D. Amália: É. Claro. Claro. Porque tinha... Assim também, as vezes quando esbarraram, que a gente chamava esbarrar porque... Era quando acontecia que o caso era grande. Quebrava muito fio. Quebrava muito fio ali, que ia ficar parado. Quer dizer, ali não era problema, porque às vezes dava problema. A gente, ali ia, às vezes tocava a máquina, que esbarrava ali, aquilo ali era... Era jogo duro, porque a gente resolvia nosso negócio... Sabia que ali foi provocado por a gente, mas quando era da casa mesmo, da máquina, aí se botava uma bandeira, e ele vinha. Aí botava a bandeira, anotava, que era pra cobrir aquelas horas... Aqui eles não davam nada! Ficava ali nas costas da gente, o tempo que

ficava parado... E que vinha a passadeira, que era muito fio pra passar. A gente ficava olhando ali aquele pente, aquela coisa ali enfiando e puxando. Puxando pra prender... Aquela coisa toda...

Aécio: Aconteciam acidentes lá?

D. Amália: Oi?

Aécio: Acidentes de trabalho. As pessoas se acidentavam na máquina?

D. Amália: Tinha. Às vezes tinha.

Aécio: Às vezes tinha?

D. Amália: Tinha. Um acidente assim... Porque as lançadeiras, muitas vezes, quando ela esbarrava, que tinha qualquer coisa que esbarrava, a lançadeira voava. Pegava nas pessoas.

Aécio: Meu Deus!

D. Amália: Era. E a lançadeira era deste tamanho viu? Deste tamanho, de madeira e a ponta era de ferro. A ponta de ferro. Aí era... Tinha acidente, tinha acidente sim.

Aécio: E era muito comum ou era raro acontecer isso?

D. Amália: Era raro, não era assim...

Aécio: frequente, não é? Entendi.

Aécio: Como que eles avaliavam a produção? Era por rolo de tecido ou era por...?

D. Amália: Era as coisas... Porque tinha as conchas... Como é que chama... Enrolada... Que vinha, que eles colocavam atrás da máquina e puxava pra frente, pra gente trabalhar. Aí na frente é que tinha todo o procedimento. Eles que vinham, montavam aquilo ali, aí vinha pra frente e tudo, acertava, dava a gente tudo ali em dias que a gente trabalhava. Aí tinha que ficar de olho naquelas máquinas... Era assim... Olhando, que enquanto a gente tava aqui a outra já tava ali, e se quebrasse um fio a gente tava lá, atento pra parar ela, pra não continuar né?

Aécio: Com o fio quebrado, não é?

D. Amália: É. Com fio quebrado. Aí a gente ia, às vezes no lugar que emaranhava tinha uns pentezinhos assim, de ferro. A gente tinha que desmanchar, por que às vezes fazia um buraco... Desmanchar aquilo tudo ali pra trazer aquela fiação toda, pra encontrar aqui, tudo pra poder seguir. Não tinha como continuar não, com defeito... Trabalhoso, muito trabalhoso.

Aécio: Entendi. Exigia muito, não é?

D. Amália: Era. E eu trabalhava era em tear liso, era fazendo a frisa, era coisa assim, de listra, essas coisas assim... Porque tem o quadriculado e aquele ali... aquele que... Eu não aprendi não. Eu não quis não.

Aécio: Era mais difícil?

D. Amália: Difícil. Tinha uns negócios... Tinha... Fazia muito esses panos de quadro, quadrado, fabricava muito. Era um tal de uma corrente assim... Vai depender do exemplo... Aquela ali a gente tinha que virar pra botar no lugar... Dá um trabalho danado. Eu disse: quero isso não. Aí eu aprendi o liso. O liso é muito mais fácil. É tipo... Fazenda lisa mesmo... Branco e tudo. Na Boa Viagem é que tinha mais essa coisa aí. Tinha muita fazenda na Boa Viagem.

Aécio: E o pagamento era diferente?

D. Amália: Era. (pausa)

Aécio: Era difícil de sobreviver com o dinheiro?

D. Amália: E como. E como. (pausa) Eu mesma uma vez, eu saí meio que doida, que eu... Enfrentava... Era uma luta danada aqui nesse tempo. Aquela baixa do fiscal ali, nunca prestou. Sempre foi uma miséria aquilo ali. A gente chegava ali, dia de chuva, aquele chuveiro danado, ali a gente descia do trem.

Aécio: Não passava o trem?

D. Amália: Descia ali, onde tem aquela... Onde é o ponto... Ali no ponto. Ali naquele trecho todo mundo descia. A água... Aquela água podre, aquilo ali.

Aécio: No joelho, não é?

D. Amália: Era. Aquilo ali era a feira... Feira do curtume.

Aécio: Do curtume?

D. Amália: É. Feira do curtume aqui. Onde fecharam, que tem aquele mercado ali, né? A gente passava aquilo ali, descia... Mas era muita gente daqui que saía pra trabalhar lá na Boa Viagem. Aí a gente descia, juntava tudo... Só andava tudo assim de muvuca. Era tudo sem transporte... Arrodeava ali onde o ônibus para, no ponto, que vai daqui pra lá... Aquilo ali a gente ia tudo andando, voando água. Tinha tal de galocha que usava... Aí ela... Juntava todo mundo pra ir pra Leste.

Aécio: Pra pegar o trem?

D. Amália: Não. O trem ficava cá parado, porque não passava. A gente arrodeava e ia pra Leste pra poder pegar o comprovante, porque ia chegar atrasada na fábrica.

Aécio: Ah. Aí tinha que levar o comprovante?

D. Amália: Levava. Ia todo mundo. Madrugada, era de madrugada. Era... A gente saía era quatro e meia, quatro e meia da manhã, que pegava o trem aí pra ir. (pausa) E quando chegava lá todo mundo pegava o comprovante pra ir, senão a gente perdia o dia. Aí tinha que chegar lá na fábrica e apresentar.

Aécio: A senhora fala da fábrica da Boa Viagem, não é? Aí já é a da Boa Viagem, não é?

D. Amália: É

Aécio: Entendi.

D. Amália: Aí a gente seguia a pé né? Pra Boa Viagem a gente ia e voltava, a pé, porque dinheiro não dava pra pagar. Era uma vez na vida pra gente pegar um transporte, que era daqui do Bonfim. A gente pegava assim mesmo era quando... Porque nos motoristas daquele tempo existia gente de bem, os motoristas e tudo. Eles paravam. Fazia hora, dez horas paravam na frente da fábrica, a gente saía tudo correndo, tudo desesperado, correndo e ia trocar de roupa. Trocar de roupa porque a gente tinha o guarda pó, não é? Guardado. E eu não tirava, era por cima... Tinha gente que ia tirar dentro do ônibus, quando acontecia de a gente pegar, e a gente saltava nessa época... O ponto era em frente à Leste.

Aécio: Em frente à Leste o ponto de ônibus?

D. Amália: Era. O ponto de ônibus. Em frente à Leste. Aí a gente saltava pra pegar o trem de volta. Era essa agonia danada... E quando a gente ia, que acontecia... A gente ia... Todo mundo se juntava pra chegar na Leste, e todo mundo à pé pra Boa Viagem. E não existia transporte pra esse horário. Não tinha ônibus. A gente ia andando, chegava lá ia pro refeitório... Que chegava cedo, ia pro refeitório e a gente tomava café ali, na calçada... Tomar um cafezinho ali... Ainda tem esse ponto... Aí a gente chegava lá e ia aguardar o horário da gente entrar. Era assim. Muito sofrido naquela época.

Aécio: Entendi. A senhora tinha quantos anos quando foi para a Boa viagem?

D. Amália: Eu já estava... Eu sei lá, eu não fazia coisa assim, ainda mais, eu tava, eu não sei se eu tava com meus 30 anos.

Aécio: Entendo. Mas foi depois que a Fatbras fechou que a senhora foi pra lá?

D. Amália: Foi.

Aécio: Entendi.

D. Amália: Foi. Lá não tinha...

Aécio: Lembra quem era o presidente? Uma musica que tocava na época que fazia sucesso?

D. Amália: Lá da Boa viagem?

Aécio: Não. Na época, a senhora lembra que era o presidente, uma musica que tocava?

D. Amália: Ah, não lembro não.

Aécio: Lembra não né?

D. Amália: Presidente que eu me lembro, era Getúlio.

Aécio: Getúlio?

D. Amália: É que quando ele morreu a gente estava na fabrica.

Aécio: Ná...?

D. Amália: Aqui, na São Bras

Aécio: Na São Bras.

D. Amália: É.

Aécio: E ai?

D. Amália: E o presidente que eu me lembro. Eu sei que teve uma época que eu estava trabalhando. Foi... eu não sei se foi... Juscelino. Que, foi quando eu, minha mãe faleceu. Me lembro porque, eu não fui votar.

Aécio: Entendi.

D. Amália: Foi nos dias que ela faleceu. Teve eleição. E eu não fui porque tava com ela, em casa. Eu me lembro.

Aécio: Mas a senhora lembra de Getúlio porque?

D. Amália: Ah, porque foi aquela confusão, não é? Que parou a fábrica.

Aécio: Parou a fábrica?

D. Amália: Foi... parou na hora em que... E eu gostava muito de, de assistir os debates. Naquele tempo era radio né? Eu gostava de assistir e tudo, e todo mundo gostava de Getúlio por causa do salário mínimo né? Foi ele que deu o salário mínimo.

Aécio: Entendo. Quando Getúlio criou o salário mínimo a fábrica parou de ser por produção ou continuou?

D. Amália: Não. Continuou. Quer dizer, aí continuou...quer dizer quem trabalhasse que passasse do salário mínimo, que nunca ninguém atingiu. Eles sempre dizia que inteirava com o salário mínimo.

Aécio Entendi. Mas nunca ninguém conseguiu chegar no salário mínimo?

D. Amália: É

Aécio: Era muito difícil, não é?

D. Amália: Eles diziam que era isso. Era uma raridade agente passar, receber qualquer besteira. Era tudo roubado. Tudo a modo deles.

Aécio: Então era sempre menos que o salário mínimo?

D. Amália: É... Era sempre menos que o salário. Diziam que eles inteiravam o salário. Mas isso pra poder massacrar a gente né? É assim nessa agonia. Ai do presidente não me lembro. Teve aquela confusão de João Goulart, não é?

Aécio: Sim...

D Amália: É. Me lembro. E esse João Goulart teve aqui também.

Aécio: Em Plataforma?

D Amália: Teve sim. Eu apertei a mão dele, na saída da fábrica. Tava aquele pessoal ali...e tudo, ai ele saiu, ele apertou minha mão. Ele era novo, bonito. Ele... A gente, eu tive uns tempos que a gente foi tomar umas aulas no SESI, que tinha o SESI. Aliás, quando tem... Não sei se ainda existe, esse centro médico no Caminho de Areia. SESI Caminho de areia, que a agente ia. Passar um (...) que tava na fábrica por lá, tava com a gente tudo. E tinha o SESI pra a agente aprender. E era ali na Calçada. Que tinha na parte de cima. Ai na, onde o ônibus passa que é o ponto da gente, é esse de cá não é?

Aécio: Sim, entendo.

D Amália: O Luso né? Na esquina em frente. Tem um, coisa de alumínio. Na quina. Na loja de alumínio. E tem em cima, ali em cima era uma coisa que a gente ia aprender. Era loja de corte. Depois que a gente saia da fábrica, depois de quatro horas a gente ia pra lá.

Tinha sempre, lembro que lá passava era cinema, que tinha. Só que a gente não pegava não.

Aécio: Cinema em Plataforma?

D Amália: Ali passava pra a gente. Não, lá na Calçada.

Aécio: Na Calçada. Sim. Entendi.

D Amália: Sim. No SESI. Em cima, que pertencia ao SESI.

Aécio: Entendi. A senhora lembra alguma coisa dos Catarino?

D Amália: Os Catarino, eu me lembro que, antes de eu ir para a fábrica que tinha que eles ajudavam, tinha muita gente aqui no nome deles que aí que eu já esqueci. Não lembro mais assim.

Aécio: Não tem uma memória muito...

D Amália: Eu já esqueci muita coisa dos Catarino. Que tinha... Era perto agora de São João, que dava café aos operários.

Aécio: Era café mesmo?

D Amália: Dava... acho que era dinheiro. Dava coisa. Não é que dizia que era um café, os operário. Ajudava muito, que tinha ai no Comercio tem, um escritório. Que é dos Catarino. Esqueci o nome, acho que é União Fabril. União Fabril, que tem ali no Comercio. Andei muito, tudo que ia resolver, o negócio da casa tudo era ali, que eu ia. Muita gente ali já morreu. Que tomava conta da casa. Finado Guizou. Os Catarino, era muita coisa aí. Mas eu não lembro muito não, porque eu não ligava muito. Saber dos Catarino, sabia quando comentava, falar e tudo. Depois foi quebrando tudo.

Aécio: E as pessoas falavam o que deles? Da família?

D Amália: A família, a mulher não era ruim não. Era boa, gente bem. Ajudava os funcionários. Mas isso foi, do... Antes né? Do tempo da gente que entrou e tudo, a coisa já foi quebrando. A gente não alcançou mais as coisas.

Aécio: Então as pessoas falavam que antes era o tratamento era melhor?

D Amália: Era melhor.

Aécio: Antes da senhora entrar né?

D Amália: É, antes tudo. Muita coisa...

Aécio: Quando a senhora entrou, o Bernardo Martins, o Catarino velho já tinha morrido né?

D Amália: Eu acho que sim. Já. Não sei se ficou a mulher, sei que tinha mais alguém. Nos que eu alcancei, que eu não lembro mais, já foi os netos. Que por sinal eu fiz algumas ignorâncias a eles. Ali que tinha lá na descida, que tinha dois colégios. Ali onde morava tinha o Colégio São Brás e Úrsula Catarino. O Úrsula Catarino acho que ainda existe. Ainda tem, cá em cima.

Aécio : Sim, existe ainda.

D Amália: E... Eu morava assim do lado de baixo, corredor. E as casas era da Companhia. Só que mudando, e essa agonia toda. Uma agonia do... dessas casas que saiu, que foi tudo resolvido lá na fábrica. Aí esse cara foi pra lá pra tomar conhecimento, quem era o pessoal das casas, mas, aquilo tudo ele tava pressionando o pessoal, o povo, por causa das casas. Que pagavam tudo barato né? Mas era gente já de muitos anos, nas casas e tudo. Aí ele ficou... Por sinal era assim... a rua que tinha, a rua Úrsula Catarino, assim ó, que desce, tinha a rua assim, e a gente do lado de baixo. Eu fazia aqui, naquele ponto que eu... de lá de casa eu ouvia o colégio. Prestava atenção a Dinalva que estudava lá. Aí ele começou sondando... saber quando ia se mudar, porque a gente já tinha recebido a chave, no sorteio e tudo, a chave, aí ele ficou pressionando. Só que eu estava ajeitando, tinha que providenciar o carreto, essas coisas tudo pra ir. Porque na fábrica, os donos de lá, eles deu o transporte, o carro, mas era assim, quando tivesse a vaga dava pro pessoal fazer o transporte, trazer os carreto. Mas tinha muita gente que precisava, aí tava demorando. Aí deu pra perseguir, pra procurar. Aí tava ali perto e mandou me chamar, eu disse: claro! O cara era um dos netos, eu não lembro o nome dele mais não. Aí eu fui e disse: não, eu estou esperando, vou me mudar sim, porque teve muita gente que... que pegou as casas mas ficou... nas casas, porque pagava barato e tudo que ficou.

Aécio: Eles estavam pressionando para vocês saírem das casas é isso?

D Amália: Pra sair. Pra me mandar logo né? Mas eu ai fiquei. Eu tinha... acho que vinte e sete anos de casa.

Aécio: Vinte e sete anos morando lá?

D Amália: É. Com a troca de lá de São João com a de cá era. Vinte e sete anos. Ai eu, fiquei, disse: tô esperando resolver para me mudar... Por sinal, tava de férias e peguei as férias tudo para me mudar. Ai fiquei aguardando, porque Doutor Francisco disse que ia dar o transporte, mas ai foi... porque sempre tem os puxa saco. O que tomava conta já era um outro, não é? Que tomava conta dos... como chama... ai ficou massacrando, dando aquele que: ah! Que ainda não tinha oportunidade, ai que tinha que esperar, não sei o que, aí ele vivia pressionado e eu dizia: não se preocupe não porque vou entregar a chave sim. Eu vou entregar, porque eu tenho interesse de me mudar. Aí ficou... tá tudo bem. Aí aconteceu de... ai chegou e tudo, pra fazer a mudança. Aí eu fiquei esperando, o dia todo, pra fazer a mudança, aí aconteceu de tarde. Foi de tarde, aí veio a mudança. Aí quer dizer, eu não tive oportunidade quando cheguei aqui já foi tardinha, pra descer pra entregar a chave né? E outra, eu deixei um objeto dentro de casa, que foi uma troca que eu fiz lá com uma casa de material, que tem em cima tudo...

D. Amália: Ficou lá pra ir pegar, que o rapaz não foi pegar. Aí eu disse que eu desço amanhã. No outro dia eu desço. Aí fiquei, passei a noite aqui, foi de manhã eu desci. Quando eu fui descendo aí eu tô vendo que eu fui chegando na esquina da minha rua que virava, quer dizer... virava assim... tinha essa rua aqui, e eu virava aqui, minha rua já era outra aqui de baixo. Fazia fundo com essa rua que eu passei, e tinha um morador que era também de fábrica, de lá. Mas era puxa saco desses caras, ficava lá e tudo, prestando atenção, ficou vigiando... achou que eu não ia entregar. Aí ele começou me gritando quando eu passei... eu detesto, ficar me gritando: Amália! Eu virei assim, e desci. Não dei a mínima importância. Aí ele: Amália! Eu disse: não me grite não que eu gosto viu? Eu não sou moleque de rua não! Aí ele ai voltou... É o chefe aí... Eu disse: Vá dizer a ele que não me interessa não, não me interessa o chamado dele não. Aí fui pra dentro de casa. Cheguei em casa e aí eu entrei pra esperar o rapaz que fosse pegar o objeto que ficava dentro de casa. Eu chamei a vizinha, porque eu tinha meu quintal e tava tudo cercado. Eu tinha cercado tudo... Aí eu disse: Eu não vou deixar assim. Aí dei pra vizinha... Ela disse: Ô nega, você tem que tirar antes de você sair daí, porque você saindo, pra aí a gente... Eu disse: Então trate de tirar, eu tô aqui. Aí fiquei lá, esperei lá um bocado e quando foi mais tarde, lá vem o cara me chamar na porta... Foi chamando pra ir lá. Aí eu fui... Eu disse: O que é que o senhor quer? E ele... Ele era novo, uma vez que chegou aqui, eu disse: O que é que você quer? Ele disse: Ah! A chave da casa, que a senhora vai entregar. Eu disse: Porque você tá com essa pressa pra entregar a casa? Eu vou sair porque eu quero! Eu disse: Eu vou sair porque eu quero sair da casa! Não tenho pressa de lhe entregar não. Eu vou entregar sua chave, que aqui não é nada seu... Era um dos netos que estava fazendo acabamentoo com o pessoal... Eu disse: Isso aqui não é seu, eu digo, eu tenho tantos anos... Você vai me indenizar. Vai me indenizar, porque nesse tempo tinha esse negócio de... Né? Ele: Ah! Eu disse: Pois é. Ele: Mas já era pra ser entregue. Eu disse: Olhe, eu não vim entregar a chave porque não houve oportunidade de eu entregar a chave, de vir aqui. Eu vinha hoje e não vi necessidade disso... Vim hoje pra entregar, porque eu

tinha objeto aí... Ele: Ora! Tá com falta de confiança! Por causa do objeto que for geladeira, não sei o quê... Tem nada disso não! Tem é que ter a confiança. Aí eu disse: Mas eu não tenho confiança. Não é a geladeira, não é nada disso, mas eu não tenho confiança e só vou entregar com a casa vazia. Entregar a chave quando o rapaz vier buscar. Aí eu saí e dei as costas e fui me embora, atravessei a rua...

D. Amália: Aí fiquei, e quando foi mais tarde, aí vieram buscar... Aí foi buscar... Tirei tudo e aí eu saí... Cheguei na porta e disse: Oi. Eu nem entrei. Eu disse: Tava com medo pensando que eu não ia entregar a chave que não é sua? Aqui ó! Pah! Joguei. Não entrei dentro não, eu joguei... Eu disse: É isso mesmo! Eu tenho é vinte e sete anos que eu morei na casa... Eu não roubei nada não... Eu não quero não, porque agora eu vou ganhar a minha casa, eu tenho minha casa. Eu sei que essa casa não era minha. Aí taquei-lhe lá em cima da mesa, e o outro tava lá. Eu disse: É isso aí! Não posso lhe agradecer nada. Fui me embora (riso). Aí quando foi no outro dia que eu fui pra fábrica, as meninas falaram: Que diabo foi que você fez? (riso) Eu disse: Ah. Não fiz nada demais. Ele que tava me pressionando e dizendo coisa... Eu vou ter medo dele? Que ele não é dono de nada, é um dos netos que apareceu agora pra ficar arrecadando e roubando o povo, intimidando o pessoal a pagar... Ah, é um negócio que tem aí que pagam os terrenos... Que nego paga... Ele tava nessa agonia, chegava na casa da pessoa e... Aí eu disse... Ô, a ignorância que eu fiz foi que joguei-lhe a chave lá na cara dele. Joguei a chave e saí, que eu não ia ficar com a chave porque não é minha. A casa não era minha. Aí ele... As meninas deram rizada e tudo... Pois é, depois eu tô sabendo que ele saiu daí escarrado, que pegaram ele e deram tanta porrada, o pessoal daí de Pirajá. Porque andavam aqui por dentro o pessoal... Esses homens que vendiam negócio de carvão, os coisas de carvão e tudo. Eles deram pra proibir de passar e que... Aí é proibido nego cortar qualquer árvore, qualquer coisa aí, não é? Então o pessoal andava por aí, deu pra coagir... Nego quebrou ele no pau... É isso o que ele queria... Depois desapareceu.

Aécio: Entendi.

D. Amália: É isso aí. (pausa)

Aécio: Tinha muita greve nessa época D. Amália?

D. Amália: Tinha, tinha. Nego fazia greve... Não muita porque o povo era muito medroso, né? Tinha greve mais era na Boa Viagem.

Aécio: A fase já foi diferente, não é?

D. Amália: Mas aí... Não... E tinha muito veterano aí na fábrica, muita gente, era o que sustentava aí Plataforma, era essa fábrica.

Aécio: Quando a senhora diz "veterano", a senhora diz o quê? Pessoas antigas?

D. Amália: Sim. Pessoas antigas.

Aécio: Antigas, não é?

D. Amália: É, que trabalhava lá. Muita gente né? Que trabalhava na fábrica.

Aécio: Entendi. Essa casa aqui a senhora comprou depois então? A que a senhora está hoje.

D. Amália: Foi.... Fizeram a coisa aí... quando eu tava aí na fábrica.

Aécio: Certo. Aí tiraram a senhora de lá e botaram a senhora aqui? Foi isso?

D. Amália: Foi. Eu entreguei... A briga da casa é que era de aluguel, não é?

Aécio: Entendi. Isso.

D. Amália: E era de lá, da fábrica de lá. E a casa era da Companhia, que a gente alugava. Aí foi que eu consegui essa aqui, que fizeram a inscrição da gente e o pessoal... Quase que... Quase que eu não conseguia, essa casa. Por causa do salário, não é? Essa casa disse que não era pra gente não.

Aécio: A senhora pagou por essa casa aqui?

D. Amália: Ah. Paguei sim.

Aécio: Comprou então, não é?

D. Amália: Levou... A gente levou trinta anos, não foi Dinalva? Foi trinta anos pagando.

Aécio: Pagando por essa casa, não foi?

D. Amália: Foi.

Aécio: Então eles mudaram vocês pra cá, mas...

D. Amália: Não foi eles que mudaram não.

Aécio: Foram vocês que vieram?

D. Amália: A gente veio porque consegui essa casa... quando tava começando a fazer conjunto, construir conjunto pro pessoal.

Aécio: Entendi.

D. Amália: Então disse que ia fazer o conjunto dos operários, mas não foi da fábrica não. Foi lá na fábrica, mas não foi... tanto que a inscrição que fizeram foi de lá da FAGIP, os caras... porque era coligado nessa época... Era coligado a FAGIP com Fatbrás... Fatbrás, que eles mudaram o nome de São Brás para Fatbrás, porque já era outro dono, não é? Aí era de lá da FAGIP, só que eles... Eles inscreveram a gente, mas inscreveu de forma que a gente não ia conseguir nada. Não consegui nada. A gente operário, que era operário ou coisa... Porque quem conseguiu, na época, quando eles inscreveram foi Contramestre e Mestre. Pois os Contramestres é esses que trabalhavam com a gente, quer dizer que já era... Já era... Tinha o salário mais alto, não é? Que consertava as coisas.

Aécio: Entendi.

D. Amália: Esses conseguiram. Levou a melhor, e...

Aécio: O operário?

D. Amália: O operário dançou. Só que a gente... eles começaram a cobrar, porque teve um... esqueci o nome... eu sei que a gente... já começou a descontar um... que era não sei o que lá, pra entrar no contracheque da gente. Tudo bem... Povo ficou animado, mas eu não fiquei muito animada não né? Não tava muito animada não, porque eu via a frieza e a coisa toda... Aí passou, e eu não tinha esperança de sair essa casa. Aí foi quando saiu... Ah, que já estava saindo... Resultado, aí o pessoal começou a ir pro escritório pra saber quem conseguiu e quem não conseguiu saber que... Eu não tomei conhecimento... Vou lá saber de nada não.

D. Amália: Mas aí foi o dia que faltou energia... quando faltava energia ficava tudo parado, né? Aí sentava tudo, e bora bater papo, era uma agonia. Tinha uma colega que ela disse: Ó nega, você já foi saber do negócio da casa? Eu digo: Eu não! Ela: Vá! Eu digo: Eu mesma, perder tempo pra ir saber de nada... Ela disse: Ó nega, vá. Porque ela sabia o meu sofrimento e a agonia que eu tava passando. Aí ela disse: aproveite que está tudo parado, pra não ter dificuldade de a gente sair, porque era o setor pessoal... Era o escritório lá, lá do lado da linha [aí ó, ta vendo? A presepada é só quando chega – referência ao cão que estava latindo]. Aí eu cheguei e ela disse: Vá menina, vá pedir a licença ali ó. E aí eu fui ao mestre e pedi e atravessei. Só que, quando eu cheguei pra saber... a gente tinha... Que eu tinha um... Ele era... Foi presidente daqui do negócio das casas... Trabalhava lá, era Seu Marinho. Aí eu cheguei lá e ele disse: Ah, Dona Amália... E eu vinha muito aqui em cima pra saber, pra olhar... Que eles chamavam, dia de domingo pra vir. Pra passear... Aí eu cheguei e disse: Ah, Seu Marinho, eu vim saber desse negócio aí das casas. Ele disse: Oh, Dona Amália, a senhora demorou e a lista já foi lá pra FAGIP. Eu disse: Ô. Aí ele... Ele disse... Eu: Aproveitei que tá tudo parado né? E aí foi quando ele virou, que o rapaz que levava ainda estava lá. Tinha pego a lista e tudo, mas ainda estava lá. Aí foi que ele disse: Ah, ainda não foi não, e aí chamou o Adroaldo, que

ele também era candidato daqui das casas. Aí ele chegou e disse: Ah, você ainda não foi não? Ele disse: Não. Ele disse: Me dê a lista aí, e aí eu olhei. Deu que olhou e ele disse: Oh, Dona Amália, a senhora não foi aprovada não. E eu vou até aproveitar a senhora pra mandar, que eu tinha... A minha vizinha foi, que foi das casa lá, quando eu morava lá embaixo... Eu ainda estava morando lá embaixo... E era operária velha, ela era operária velha. Ela já estava pra sair, e aí ele chegou e disse pra devolver... Quer dizer, o dinheiro que recolheram da gente antes, pra ela. Eu disse: Ela não passou? Aí ele disse que não. Eu disse, poxa! Então eu também dancei, porque uma operária velha, ela de muitos anos e tudo não conseguiu, eu vou conseguir nada. E não conseguiu uma porção, uma porção delas. Tinha uma que já faleceu, e outra, e outra também. [latido do cachorro] (Opa!) Aí... Aí ele chegou e olhou: Tem um bocado aqui que não passou. Aí ele virou e ele ficou assim, sentido, porque ele fazia parte e ele gostava muito de mim. Ele via a minha luta e tudo, e aí ele fez: Oh, Dona Amália, a senhora tem vontade de possuir essa casa? Aí eu disse: Ô Seu Marinho, eu tenho não é, porque minha filha é mulher e eu... Se eu morrer quero deixar pra ela, não é? Porque, alguma coisa... Se fosse homem não me incomodava muito não, não é? Homem que se vira melhor. Aí ele chegou e fez... E aí ele disse: Ô Dona Amália, esse cara que veio fazer essa, como chama... Veio cadastrar vocês aqui, fez tudo naquela de horror. Não procurou ver nada e foi tocando pra lá... Aí ele disse: Ô Dona Amália, a renda da senhora, não tem mais nada não? Eu disse: Seu Marinho, tá nas mãos do senhor aqui, o senhor sabe a renda da gente aqui como é... Passa tudo por aqui, não é? O senhor sabe. Ele: Não tem mais outra coisa não? Que ele me conhecia muito assim de perto, ele via a minha luta e a carreira que eu fazia as coisas pra vender escondido lá dentro cocada e tudo pra vender escondido. (riso) Aí ele... E ele sabia, que nego ia fofocar lá dentro né?

Aécio: Entendo.

D. Amália: Aí ele... Eu disse: O senhor sabe, né? Aí ele fez... Não tem renda nenhuma? Eu disse: Não. A renda é essa. Aí ele disse: A gente tem que arranjar um meio. Tem vontade de possuir essa casa? Eu: Tenho. Já estou aqui. Ele disse: Vamos ver, a gente dá um jeitinho aí. Aí foi procurando uma coisa, e outra, e juntando, inventou pra poder crescer o... Aí ele... Foi eu, foi essa, a outra... Todas duas já se foi... Tudo, ele procurou ajeitar, porque ele via que... Que precisava. E aí ele: Se importe não. Vou fazer o cadastramento. Aí ajeitou e ele disse: Fique aguardando pra ver o que é que vão fazer lá na FAGIP. Eu sei é que ele ajeitou... Depois passou uns dias, e aí eu estava nas máquinas e recebi o chamado pra ir lá. Eu digo: O que é meu Deus? Cheguei lá, aí ele disse: Ô, Dona Amália, a senhora foi aprovada. Eu digo: Foi Seu Marinho? Ele disse: Foi sim! Vai conseguir sua casa! E deu tudo bem. Aí eu comecei minha luta, foi travando que... Foi um fracasso, quando eu me mudei pra aqui. Foi fracasso aqui que não teve jeito de nada... É que o que eu fazia lá embaixo pra ir me mantendo com a minha filha, aqui eu não consegui fazer, não tive nada.

Foi gente desfazendo de casa.

Aécio: Aqui?

D. Amália: É. Aqui não tinha nada! Nada! Eu sei que ficou eu e ficou muita gente no meu pé, porque eu consegui a casa... Era gente aqui, que chagava aqui e dizia que veio saber que eu ia desfazer da casa, que eu ia passar a casa... Eu vivia doida... Tinha vez de eu já estar dormindo e nego batendo aqui e tudo pra saber.

Aécio: Pra querer a casa da senhora?

D. Amália: É. Pra saber se eu ia passar a casa. Porque sabia que estava todo mundo naquela de horror.

Aécio: Meu Deus.

D. Amália: Aí eu me apavorei e me vi doida, doida, doida aqui. Eu me apavorei com um que chegou e eu disse: Quem é que está mandando vocês aqui dizendo que eu vou passar a casa? Eu tô procurando casa, você tem pra passar pra mim? (riso) Eu quero. Viu? Diga a essa pessoa que eu quero. Que que to... Que eu quero conseguir. Aí foi que ele saiu... Mas fiquei naquela de horror... Era assistente social vindo aqui e tudo, pra querer... Ninguém tinha condições de pagar, e tava pelo BNH, porque banco nenhum queria assumir aqui. Ficou todo mundo aqui sem poder pagar a casa... Não pagava que não tinha. Foi muito... Teve gente despejado aqui, que foi pela INOCOP, não foi? A INOCOP. Quantas vezes eu fui lá... Aí eu chegava e ia com o Seu Marinho e dizia: Seu Marinho, o que é que eu faço agora? Agora eu vou ficar no mundo da lua, sem eira e sem beira, porque eu não tenho condições de alugar nem um quarto. Não tenho nada... Perdi minha casa que eu tinha, lá embaixo, que ali eu sabia conquistar. E perder essa aqui... Não tem como pagar. Aí ele... Ele que me orientou... Me orientava: Não amoleça não. Não amoleça não, porque quem está saindo... Quem não está pagando é quem pode pagar, que tá nessa situação que não está pagando. Por sinal, o colega dele de lá de dentro do escritório... Esse que levou o negócio da lista que não... Ó, nessa casa aí da frente... Foi despejado. Ele não pagava... Pela INOCORP. Aí ele disse: Seja valente!

D. Amália: Me vi doida. Essa daí no colégio, eu digo: Meu Deus, o que é que eu vou fazer? Ele me ajudou muito, me emprestou dinheiro e tudo, foi que ela foi pro João Florêncio...

Aécio: Na Ribeira, não é?

D. Amália: Foi. Ela estudava lá na Ribeira. Tirei de lá, quando tava lá embaixo, estudou ali no Nossa Senhora da Penha... Aí, quando moldou, que saiu dela, foi ali pro... Costa e Silva. Aí nego passou a perna, foi o coisa que segurou. Eu fiquei no mundo da lua. Corro pra aqui, corro pra ali, e aquele desespero... O que é que eu vou fazer agora? Porque naquela época a gente corria muito pra matricular... Aí foi que uma... Eu disse: O que é

que eu vou fazer? Vou ficar com ela dentro de casa? Foi que uma professora... Quem foi meu Deus? Aí ela disse: Vá pro João Florêncio. Aí tinha que fazer teste e aquela coisa toda pra... Pre entrar lá no João Florêncio. Aí quando chegou lá disse que não tem vaga. Tem vaga não. Aí eu voltei lá pro Costa e Silva, só que lá teve uma professora que fez... Olha, volte lá. Aí eu disse: Eu não, que disse que não tem vaga. Aí ela fez... Eu vou fazer um bilhete aqui... A professora. Aí fez um bilhete e disse: Você vá, e procure o diretor. Diga que quer falar com ele e entregue a ele. Diga que foi eu que mandei. Aí eu fiquei assim... E ela disse: Vá! Vá! Eu sou de lá. Ela disse: Eu sou professora de lá. Pode ir. Aí eu segui... Cheguei lá... Aí eu fui na secretaria e disse: Quero falar com o diretor. Aí ela: Olha ele aí. Aí eu fui. Cheguei lá, eu fui falando com ele. Aí falei pra ele e ele de cabeça baixa, escrevendo, nem sequer levantou a cabeça. Aí eu disse: Professor, olha aqui uma encomenda que mandaram entregar pro senhor. Foi aí que ele levantou assim... Que ele já tinha dito: Não tem vaga!

Aécio: E aí quando a senhora mostrou o que a professora escreveu?

D. Amália: Aí eu dei o bilhete. Aí eu dei a ele. Ele aí pegou... E ele fez... Está com todos os documentos? Eu disse: Estou. Aí ele disse: Vá ali. Dê ali às meninas.

Aécio: E aí conseguiu?

D. Amália: Aí ela foi... Ela disse que só faltava um lá pra passar, que eu não sei o que foi... Difícil... Acho que um negócio de... Um negócio lá que eu não me lembro mais, que tinha que conseguir lá no Comércio. Aí ela mandou e disse: Aqui só ta faltando isso. Vá... Aí ela me ensinou e disse: Vá. Vá lá. Deixe ela... Que eu tava com ela, né? Vá, vá. Aí disse: Deixe ela aí que a gente toma conta, e eu: Não. Ela vai comigo. Aí elas: Deixa aí menina. Deixe. Que assim a senhora vai... E eu: Não. Não. Eu vou com ela. Não tem nada não. Guentei minha filha e me mandei. Aí eu fui. Em um instante eu fui, ajeitei as coisas e foi que matriculou. Matriculou ela, mas lá era um regime danado. Não entrava sem a farda e tudo, aquela agonia. Farda era cara. Eu disse: Oh meu Deus! E agora meu Deus, que eu não tinha um tostão? Eu não podia mesmo... Tava trabalhando na fábrica e não tinha como. Porque aí na fábrica tem que... Era no início do ano... A gente tomava empréstimo. Tomava um empréstimo que era pra comprar as coisas dela.

Aécio: Na fábrica da Boa Viagem já, não é?

D. Amália: Não.

Aécio: Ainda na São Brás?

D. Amália: Aqui. A Boa Viagem tava fechado. Aí eu disse... E nessa época era um negócio de umas freiras que entrou... As freiras eram uma peste.

Aécio: (riso)

D. Amália: Era um diabo aquelas freiras. (riso) Aí voltei. Aí foi quando eu fui lá me queixar a Seu Marinho. Ele tinha um escritório ali na frente. Aí ele fez... Que ele gostava muito dela, aí ele chegou e eu disse: Sim, Seu Marinho. Eu consegui tudo, só que eu não vou conseguir botar ela, porque eu não vou conseguir comprar farda, por causa que ela tem que ir já com farda. E o prazo que deram... Ele: Não se importe não Dona Amália, eu lhe empresto. Ele me emprestou um dinheiro e tudo, mandei a farda, e aí foi que eu ajeitei... Ele que me ajudava... que me emprestava e tudo... Fui ajeitando, foi que eu botei ela... (pausa)

Aécio: Uma luta danada, não é?

D. Amália: É. Eu não sei bem, foi um milagre de Deus eu conseguir essa casa e vir batalhando aqui até hoje, que me encontro nessa situação... Tapando um buraco, e abrindo outro... Nessa situação... (pausa longa)

Aécio: Dona Amália, foi muito bom conversar com a senhora. a gente passou aqui uma hora e meia, percebeu?

D. Amália: Não. (riso) Rapaz...

Aécio: Foi. Uma hora e meia.

Aécio: É porque... A senhora tem muita história. Foi um privilégio sem tamanho conversar com a senhora aqui... De verdade.

D. Amália: Ah, meu Deus! (riso)

Aécio: É sério! Ouvir a história de vida da senhora, a gente se identifica, a gente não consegue, não é? Parar de ouvir.

D. Amália: Ah, nego! Se eu for lhe contar a minha história de minha vida... Ah! Deus é mais. Não queira nem saber! Não queira nem saber meu irmão, a luta com essa cruz... (riso)

Aécio: Aí aqui, no caso Dona Amália, o que é que eu vou fazer agora? Eu vou pegar essa entrevista aqui nossa e vou passar ela pro papel. Eu vou escrever ela, não é? E aí eu volto pra mostrar pra senhora.

D. Amália: Ah, meu Deus! (riso)

Aécio: É. E aí a gente vai ler o que conversamos aqui pra ver se a senhora está de acordo. Certo? Aí, se precisar fazer qualquer tipo de correção, a gente faz. Tudo bem?

D. Amália: Certo. Tudo bem.

Aécio: Aí eu falo com D. Dinalva pra voltar aqui pra falar com a senhora novamente.

D. Amália: Essa coisa toda né?

Aécio: Isso! No mais, muito obrigado D. Amália. Até breve então.

APÊNDICE B

Transcrição de Entrevista

Entrevistado: José Frutoso Santos

Data: 06 de Maio de 2018

Local: Residência do entrevistado; São João do Cabrito; Salvador – BA.

Duração do áudio: 51 minutos e 07 segundos.

Aécio: Bom dia Seu Zé, como eu tinha conversado com o senhor... Na verdade essa conversa aqui se trata de um trabalho, não é? Que eu sou estudante da UNEB, estudante de mestrado. E aí, basicamente, é sobre a história da vida do senhor. Sobre a história das suas experiências. E a narrativa que a gente puder construir aqui...

Sr. Zé: Eu tomei serviço aqui em 01 de novembro de 1966.

Aécio: Sessenta e seis?

Sr. Zé: Hum. 01 de novembro eu tomei serviço como vigia dessa ponte aí.

Aécio: Hum. Entendi. A ponte São João?

Sr. Zé: Hum. Passei dezoito anos aí. Como vigia daí eu trabalhei dezoito anos, não é? Eu já tinha os tempos completos... Eu já vim com oito anos de Nazaré pra aqui, mas quando chegou a nova lei de 64, eu fui transferido. Quem quis fazer acordo, fez, e quem não quis foi transferido. Aí eu achei que não deveria fazer o acordo, fui transferido e agora estou aqui. Fui trabalhar em Periperi, trabalhei dois anos na oficina em Periperi, e depois fui transferido pra aqui, pra ponte, pra servir como vigia da ponte. Passei dezoito anos aqui servindo, como vigia da ponte. Terminou a vigia da ponte, eu voltei pra Periperi de novo, e lá trabalhei mais dois anos e completei trinta. Veio uma lei aí, veio a lei de trinta, e eu aposentei pela lei de trinta.

Aécio: Entendi. Então aqui na ponte São João o senhor Teve dezoito anos de serviço.

Sr. Zé: Dezoito anos completos.

Aécio: Certo. E aí o senhor veio, e o senhor morou, durante esse tempo todo nessa mesma região aqui?

Sr. Zé: Nesta casa.

Aécio: Nessa casa, não é? Então o senhor tem um certo tempo que já é morador aqui do São João, não é?

Sr. Zé: Hum. Quando eu vim pra aqui não tinha Suburbana, só tinha o trem. Não tinha outro tipo de transporte. Adoecia uma pessoa aqui... Aqui só tinha essa casa minha, aí tudo era deserto. A maré batia aí no portão.

Aécio: Chegava até aqui?

Sr. Zé: Ia aí. Quando tinha a maré de março chegava até aí no portão.

Sr. Zé: Não tinha nada, aí eu vim pra aqui. Tinha essa casa e aí eu vim pra cá ajudar a empresa. A casa era da empresa.

Aécio: Essa casa?

Sr. Zé: Era. Era da empresa. Tinha uma do lado de lá e a outra do lado de cá.

Sr. Zé: Essa ponte tinha vigilante direto. Não era abandonada como está hoje. (pausa) Hoje está abandonada, o povo aí botando bomba aí direto. E vende o peixe aqui mesmo, não tem quem olhe.

Aécio: Entendi.

Sr. Zé: Eu não posso dizer nada, porque se eu disser... Eu sou o dono da ponte, eu sou o dono da rua, disso, aquilo outro e cria problema viu?! Hoje você sabe que você está em casa e uma pessoa faz assim (simula batida na porta com as mãos), e Deus livre e guarde, quando você sai... Me dê seu carro, me dê seu... E procura alguém e não tem quem ouve a gente, só Deus. Então eu vejo e fico calado, até hoje estão destruindo a ponte aí. Não tem conserto, isso cabe ao governo e aí...

Aécio: O que é que o senhor lembra daqui Seu Zé? Do espaço? Do bairro?

Sr. Zé: Do espaço?

Aécio: É. Quando o senhor chegou pra viver e trabalhar aqui na região?

Sr. Zé: Quando você entrou não tem um murinho ali na esquina? Quando a gente vem aqui?

Aécio: Nessa ruazinha aqui? Sei.

Sr. Zé: Sim. A maré ia ali.

Aécio: Caramba.

Sr. Zé: Tinha casa do lado de lá, mas a maré grande ia ali. Cachorro podre, gato, tudo, peixe podre com a maré... Mas depois veio um senhor que trabalhava na fábrica, de nome Lourival Evangelista. Hoje ele tá falecido. Chegou a ser... Começou como vereador

e chegou a ser deputado. Aí, ele foi ver com os funcionários da fábrica... Tinha amizade aqui com todo mundo, inclusive eu, que sempre trabalhei pra ajudar ele, pra ele ser eleito como foi, que a família dele é muito unida comigo. Ele é falecido mas a família é muito unida comigo... Então ele achou, a pedido da gente aqui tudo, ele fez uma melhora boa aqui. Botou muito valor nessa ponte quando fez a Suburbana... Aqui tinha uma senhora por nome Amélia, conhecida como Amelinha... Valadares, que foi vereador na época... E ela pediu a Valadares e foi que conseguiu botar ônibus pra entrar aqui, porque só tinha da variante pra lá, pra cá não. Aqui tinha não.

Sr. Zé: Tinha rua mas era esboracada e lama, aí...

Aécio: Então não entrava ônibus.

Sr. Zé: Que. Não vinha... Nem carro não passava. Carro pequeno não passava. Aí depois foi que conseguiu fazer isso. Não tinha água encanada aqui... Nada disso. A gente... Hoje a rua dos ferroviários, essa rua da frente aí...

Aécio: Hum hum.

Sr. Zé: Aí se chamava Rua dos Ferroviários.

Aécio: Até hoje chama.

Sr. Zé: A rua do fundo, aonde moram as meninas, chama o arroio do urubu. Tinha uma fonte lá que todo mundo pegava água... Inclusive eu saía daqui pra pegar água lá naquela rua porque não tinha água encanada, não tinha nada. Tinha uma fonte na estação, na avenida da estação que quando chegava a gente ia... Tinha uma fonte nos Araçás, tem a Rua dos Araçás, tinha uma fonte que jorrava uma água forte. A gente chamava fonte da bica. A gente ia... Cansei de sair daqui pra ir pegar água lá nos Araçás.

Sr. Zé: O gás, quando eu vim pra aqui, quando começou aqui, pegava na cabeceira do trem, no fim de linha de Plataforma, no terminal ali de Plataforma, onde ficam os ônibus. O gás vinha até ali e não descia aqui, porque não tinha como descer. Ali era um tanque, aquele largo ali era um tanque. O pessoal pescava ali peixe de água doce, traíra e essas coisas de água doce, pescava ali, naquele largo ali. O gás a gente ia pra esperar lá e trazia no ombro.

Aécio: Trazia no ombro?

Sr. Zé: É. Esperava o gás lá, se ele não descia?!

Aécio: Entendi.

Sr. Zé: Quando o povo chora aqui, é de barriga cheia. Você vê... Tem horas que o ônibus fica parado pra deixar o povo. Tem hora que não dá pra passar porque tá cheio de carro, de um lado e outro, e naquele tempo não.

Sr. Zé: Adoecia uma pessoa aqui, botava em uma cadeira, como você está sentado aí, e carregava. Levava pro largo de São Brás que é onde tinha... Era o único posto de saúde, chamava... o posto de saúde, lá em cima. Somente.

Aécio: Só lá no centro de Plataforma?

Sr. Zé: No largo. No largo de São Brás. O posto era ali.

Aécio: Entendi.

Sr. Zé: Era no ombro, levava no ombro. Eram quatro pessoas que levavam um doente, sentado na cadeira. Se ele aguentasse ir segurando na cadeira não precisava amarrar, se não aguentasse, tinha que amarrar ele com um lençol ou alguma coisa que... Levava no ombro. Daqui pro largo de São Brás.

Sr. Zé: Hoje, hoje está uma maravilha. Hoje aqui ninguém pode reclamar nada. Ali onde é o colégio hoje, era uma padaria. Hoje tem dois colégios aqui, o Machado de Assis ali.

Aécio: Ah, entendi, o Machado de Assis?

Sr. Zé: É. Era uma padaria ali. Ali era uma padaria, não era colégio.

Aécio: Entendi.

Sr. Zé: Esse Lourival conseguiu empregar muitas pessoas aqui, pra ser zeladora de colégio. O colégio aqui era lá no largo... Na descida do largo. É o grupo escolar chamado... Quem era professora era a saudosa Zozó.

Aécio: A saudosa?

Sr. Zé: Saudosa Zozó. Zaurides, conhecida como Zozó. Era a deusa daqui, na época. Todo mundo tinha que passar pela mão dela pra depois ir pro João Florêncio, na Ribeira. Não é como hoje, que o aluno é ruim e a professora é obrigada a se ver livre dele, pra eles fazer o quinto ano sem saber nada e vai enfrentar a barra pesada lá fora. Aqui tinha que fazer admissão pra poder ir pro colégio. Hoje o João Florêncio se acha na mão de uma área da polícia militar, mas era o colégio daqui, que tinha sido... Tudo passou por lá. Saía da mão de Zozó e ia pra lá.

Sr. Zé: No João Florêncio eu tive amizade com um professor de lá famoso, de matemática, o professor Viana. Conversava comigo como estou conversando com você,

porque minhas filhas nunca deu trabalho nenhum no colégio; E ele um dia teve aqui e conversou comigo como você está conversando. Disse: É, sua filha é caprichosa.

Aécio: (riso)

Sr. Zé: Agora tem uma coisa, uma tá fraca em matemática, tá faltando um ponto e ela vai repetir. E ela me disse também, um ponto e ela repetiu o ano. Ele não deu o ponto.

Aécio: Bem rígido, não é?

Sr. Zé: Mas, hoje ela é... Hoje ela trabalha em um centro cirúrgico, porque ela aprendeu alguma coisa né? Se ela não aprendesse ela não ia adiantar como ela adiantou.

Aécio: É verdade.

Sr. Zé: Pode chegar... Ei, vem por cá rapaz (Interrupção... Rapaz entrando na casa).

Sr. Zé: Então são esses tipos de coisa. Ela fez... Gostava de enfermagem. (pausa) Foi pra Santana, na rede da Calçada, naquela época... Foi bom, não foi? Eu tive... Quatro filhas minhas saiu do João Florêncio e foi direto pra Santana, inclusive ela, também trabalhou na rede Calçada Santana.

Sr. Zé: Um dia o gerente me chamou, eu sentei lá pra falar com a irmã dessa daí, mas não disse que era pai dela. Eu disse, eu quero falar com uma menina por nome Marizete. Ele disse, o assunto? Eu disse, eu quero falar com ela pessoalmente, quando ela viu, me beijou, me abraçou, e bênção pai, me beijou... Ele: porque o senhor não me avisou que era pai dela? Eu disse, aqui se trata de trabalho... Muito bem.

Aécio: É... E aqui Seu Zé, o senhor falou que tinha dificuldades pra várias questões, a questão do gás, a questão da água, não é? E a questão da moradia? Como era aqui?

Aécio: Quantidade de casas? Como essas casas eram?

Sr. Zé: Do ponto de ônibus até o trevo não tinha uma casa, era uma área deserta. Do lado do posto de saúde... Do lado do posto de saúde até o trevo não tinha uma casa.

Aécio: Entendi.

Sr. Zé: Tudo era mato, era roça da Companhia.

Aécio: Da...

Sr. Zé: Dos Catharino, que chamava.

Aécio: Sim, sim.

Sr. Zé: A família dos Catharino.

Sr. Zé: Ali do lado, no lado do largo, ali também era roça da companhia, não tinha casa de crente, onde é a igreja hoje, É... Adventista.

Aécio: Sim

Sr. Zé: Adventista não... Assembléia de Deus. Não existia nada ali, tudo era mato. Não existia... Só tinha a Rua Almeida Brandão, a Rua dos ferroviários... Da casa da esquina até o trevo era a Rua dos ferroviários; Do trevo até chegar no São Bartolomeu, estrada do cabrito. Era a antiga estrada do cabrito, depois foi que passou a chamar São João do Cabrito.

Aécio: São João do Cabrito, não é?

Sr. Zé: Mas era estrada do cabrito, a placa que estava lá, depois do trevo... A placa que era colocada lá estava estrada do cabrito, porque naquela época do passado, o general, apelidado cabrito, passou aqui pra ir pra Pirajá e ficou estrada do cabrito. Quando fez a variante, pra fazer a ponte, teve que fazer a variante, aí passou pra ser variante. A Rua da Variante é a antiga estrada do cabrito.

Aécio: Entendi.

Sr. Zé: É. São Bartolomeu era famoso, hoje não é, a sujeira que vem de Terezinha, do Rio Sena, cai dentro de lá. Ninguém fala mais de São Bartolomeu. São Bartolomeu ali era uma praça, tinha muitas barracas e tudo... Eu alcancei. Eu não, todo mundo aqui... Os antigos alcançou a barraca... Eu e o pai daquela menina ia pra lá, cansei de sair daqui dia de Domingo e passar o dia todo lá na barraca, tomando bebida e tudo, e era uma alegria grande.

Aécio: Ali no São Bartolomeu mesmo?

Sr. Zé: Era. Do lado de cá da água, a gente ia por aqui... Do lado de cá era aquele largo aqui. Era... (pausa) É... (pausa).

Aécio: Entendi.

Sr. Zé: E hoje tá acabado, não tem nada. O conjunto Senhor do Bonfim não existia, era mato.

Aécio: Ele foi surgir depois, não é?

Sr. Zé: Foi. Não existia conjunto Senhor do Bonfim. Surgiu depois da Suburbana.

Sr. Zé: Um lugar, que é velhão também aqui é Escada. Escada é famosa. Escada é famosa. Em 1836... 1835... os holandês veio pra aqui... A única igreja que tem parede de pedra é a de Escada.

Aécio: É a igreja de Escada...

Sr. Zé: É. Feita pelos holandês. (riso)

Aécio: Tem muita história aqui. Tem muita história aqui. É verdade.

Aécio: As pessoas trabalhavam onde aqui Seu Zé?

Sr. Zé: A fábrica velha ali. Era de pai pra filho. Só tinha o quê... Só tinha a Leste e a fábrica.

Aécio: E a fábrica... Entendi.

Sr. Zé: Depois veio a SAMBRA.

Aécio: A SAMBRA?

Sr. Zé: Sim. No Lobato.

Aécio: Certo...

Sr. Zé: Empregou muita gente... Ói lá, o bueiro lá. Olhe o bueiro velho lá dentro, era aquele bueiro ali. Hoje tá acabado porque queimou e tudo, mas ali era fábrica famosa, muita gente trabalhava lá.

Aécio: Na SAMBRA, não é?

Sr. Zé: É. Fazia óleo de mamona, fazia óleo... Tinha até um desvio do trem que trazia mamona do interior... Vinha de trem e entrava pra lá.

Aécio: Entendi. Era o trem que fazia todos os transportes aqui?

Sr. Zé: Todos os transportes era o trem. Não tinha como. Depois que abriu a rodovia é que dividiu e caiu... o trem caiu. Mas só tinha trem. O trem ia daqui à Monte Azul, daqui à Paulistana, daqui à Aracaju...

Aécio: Ele ligava tudo, não é?

Sr. Zé: É. Daqui é. Ele chegava em Juazeiro e atravessava pra ir pra Paulistana, passava a ponte. Não tinha não, só tinha ele.

Aécio: E, no caso, pra fazer esses trajetos assim não tão longos? No caso, pra pegar um gás, pra pegar uma água... Além de carregar no ombro vocês usavam outro meio de transporte? As pessoas usavam outros meios de transporte?

Sr. Zé: Não tinha, não tinha como.

Aécio: Entendi.

Sr. Zé: Não tinha como. Morria uma pessoa aqui... O luso, o largo do luso ali, onde fica aquele movimento grande, só tinha movimento no dia de amanhã (Domingo) ou quando morria uma pessoa... Ali as casinhas era tudo aquelas baixinhas, pequenas... Não tinha nada, não tinha prédio nem. Ali é sonho... Onde é o mercado hoje (pausa) era um campo de futebol.

Aécio: Ah. Era ali onde hoje é o Hiperbompreço?

Sr. Zé: Onde tem o mercado grande, ali onde é o luso, ali era um mercado. No fundo tinha uma lagoa, chamada lagoa do urubu, era chamada lagoa do urubu, no fundo do mercado.

Aécio: Do campo?

Sr. Zé: Isso, do campo, tinha uma festa ali dia de Domingo e feriado que o povo ia jogar bola lá. Acabou. Morresse uma pessoa tinha comércio... Terezinha era deste tamainho aqui; Rio Sena era deste tamainho aqui... Hoje cresceu muito. Itacaranha... Ave Maria! O Mabaço, só existe dois Mabaço, o de baixo e o de cima. Quando dizia, bora no Mabaço... Hum... Era deserto, só tinha o trem. O pessoal que mora na Terezinha, os antigos, sabe disso, que tem muito plantio... Ainda tem um colega de serviço meu que trabalhou e está vivo ainda... Eu descia da Terezinha de pé até Escada e ia pra antiga Água de Meninos, pra fazer a compra do dia de hoje... aqueles que iam fazer. Descia na Calçada e ia de pé, porque muitos não tinham o dinheiro que pudesse pra pagar o... pra Água de Meninos. E ia de pé, voltava, pegava o trem, chegava, descia Escada e subia de pé, até a Terezinha e o Rio Sena. Hoje se o ônibus atrasar tá jogando fogo, tá jogando pedra... Não tinha nada disso, tudo era caminho dessa lagoa. (pausa)

Aécio: A locomoção então era muito difícil, não é?

Sr. Zé: Muito difícil... Difícil... Aí esse matadouro, essa pista que foi feita nova aí, aí tudo era ilhado... Quando dizia: moro no matadouro, é porque matava boi... passava e matava o gado ali, aí tinha o nome de Rua do matadouro... Mas era essa rua famosa daqui é a rua Sá Oliveira, essa aqui, de quando desse aqui... É Sá Oliveira... À esquerda Travessa Recreio, é outra rua famosa daqui.

Aécio: Entendi. E essas casas eram feitas como? Com que material? Com o mesmo material de hoje?

Sr. Zé: Não. A maioria das casas daqui foi feita pela fábrica... Pelos Catharino.

Aécio: Aqui também do São João?

Sr. Zé: Não. Aqui no São João não. Aqui foi o pessoal que fez, porque a maioria trabalhava lá e os terrenos era arrendado.

Aécio: Hum.

Sr. Zé: Arrendava o terreno na mão dos Catharino e aí faziam, umas casinhas baixinhas que ia fazendo... Depois melhorou a situação e todo mundo foi fazendo as casas de construção e aí mudou.

Aécio: Entendi.

[Interrupção: Trem passando...]

Sr. Zé: Aqui circulava setenta e dois trens por dia.

Aécio: Setenta e dois?

Sr. Zé: Setenta e dois, circulavam setenta e dois. Era de vinte... trem de passagem era de vinte e vinte minutos. Não tinha subúrbio, não existia subúrbio... Era de vinte em vinte minutos o trem, subindo e descendo.

Aécio: Entendi. Aí transportava todo mundo?

Sr. Zé: É. Todo mundo. Agora, seis horas da manhã... da tarde, saía o Alagoinhas. (pausa) Seis e dez saía o Candeias. Seis e vinte saía outro trem... outro pro lado de Candeias e... Tinha um que tratava pra Camaçari, chamava Lobizone... Saía zero horas.

Aécio: Lobizone?

Sr. Zé: É. Saía zero horas da Calçada pra Camaçari. O pessoal que morava em Alagoinhas, muitos trabalhavam aqui na Leste e vinha... Morava em Alagoinhas, aí vinha de trem e voltava de trem. Candeias a mesma coisa... Tinha o Candeias, vinha de trem e voltava de trem.

Aécio: Então tinha muito trabalhador da Leste que nem morava aqui?

Sr. Zé: É. Eu vinha... Quando fui transferido pra aqui, a minha ficha... Eu pela parte da rede... Tinha... Existia Correia Ribeiro e a Mecânica Brasileira, lá em Periperi, onde está fazendo aquelas casas novas ali, ali encostada na estação ali... Ali, a oficina era ali. Tinha a Correia Ribeiro, uma firma chamada Correia Ribeiro, tinha outra Mecânica Brasileira, e eu... eu e os outros pela... Eu pela parte da Leste, eu era duzentos e cinquenta. Meu número era duzentos e cinquenta. (pausa)

Aécio: Cada trabalhador tinha um número de identificação?

Sr. Zé: Tinha seu número. Tem, tem.

Aécio: Entendi. Aí o do senhor era duzentos e cinquenta?

Sr. Zé: Duzentos e cinquenta.

Aécio: Então tinha muito trabalhador, não é?

Sr. Zé: Ih! Meu filho... Ó... Alagoinhas tinha uma oficina famosa, pra lá de Alagoinhas, era Aramari... Era famosa a oficina... E hoje... Hoje é a sujeira que tá dominando o país, mas no passado, o cara pra ser oficial, pra ele dizer: eu sou mecânico, ele sabia fazer... Eu tive um colega que trabalhava lá em Periperi... (pausa) Ele era frezador. Ele fazia qualquer tipo de peça. (pausa)

Aécio: Como é que chamava a profissão? Ele era?

Sr. Zé: Frezador.

Aécio: Frezador?

Sr. Zé: Ele fazia qualquer tipo de peça no torno... Torneiro frezador... Fazia qualquer tipo de peça.

Aécio: Hum. Entendi.

Sr. Zé: Ele era brincalhão e dizia: Eu sou eu... Ele era brincalhão.

Aécio: (riso) E aí o senhor constituiu família aqui no bairro? Vivendo aqui, não foi?

Sr. Zé: Não. Eu comecei em São José das Matas, quando eu me empreguei, lá em Nazaré. Aí depois fui crescendo por aqui... E essa menina minha mesmo que tá aí, nasceu aqui.

Aécio: Entendo. Entendo.

Sr. Zé: Eu só tenho que agradecer a Deus pelo que ele tem feito por mim, e há de fazer por você, e você e todos... Meus filhos não deu pra vagabundo... (pausa). Me arrepeia... Graças a Deus. Deus me deu o poder deles me atender e ser gente. (riso)

Aécio: A rotina de trabalho Sr. Zé que o Sr. tinha? O senhor trabalhava na ponte?

Sr. Zé: Eu é.

Aécio: Como era sua rotina de trabalho?

Sr. Zé: Eu trabalhava vinte e quatro por setenta e duas. Depois passou pra vinte e quatro por trinta e seis.

Aécio: Entendi.

Sr. Zé: Deus me deu a oportunidade de eu... Trabalhei trinta anos, sete meses e dez dias sem uma licença, sem uma advertência e sem uma falta... (pausa) Eu tinha o nome de carrasco.

Aécio: Carrasco?

Sr. Zé: (riso) Meu nome na Leste... Mas não era... Deus me deu a oportunidade de eu não ser faltoso.

Aécio: Entendi. Entendi. O senhor lembra da movimentação... No caso, na ponte? Que tipo de serviço o senhor fazia lá?

Sr. Zé: Era... Não deixar ninguém entrar pra pescar, não deixar passar passageiro... Não passava ninguém estranho aí, nada.

Aécio: Entendi.

Sr. Zé: Naquele tempo tinha respeito, hoje não... Hoje foi bom acabar vigia, porque se botar um vigia aí o vagabundo vai matar. (pausa)

Aécio: Entendi. Basicamente a ponte ali, ela era pra passagem do trem?

Sr. Zé: Rede pra pescar... Rede de pescaria era tudo trezentos metros de dimensão.

Aécio: Isso era uma regra?

Sr. Zé: Era uma regra dada pelo departamento da união... Que funcionava, era união. Era dominada pelo ministério de aviação e obras públicas... O passe da gente... O cartão da gente dizia ministério de aviação e obras públicas... Era muito duro, muito rígido. Mas hoje... Hoje tá tudo à toa..

Aécio: E no caso Sr. Zé, desse bairro todo aqui. No caso, desse espaço que o senhor viveu, qual seria pro Senhor o espaço que te trás mais memórias? Do qual o senhor, de certa forma, tem mais lembranças?

Sr. Zé: (pausa longa) Que eu mais tenho lembrança?

Aécio: Isso.

Sr. Zé: (pausa) Eu... Eu nunca... Eu aqui, eu sozinho aqui, Deus e minha família... No dia, na hora que tinha movimento de peixe aí eu tinha vizinho. Acabou o peixe, acabou a

vizinhança e a gente ficava aí. Não tinha como ficar. (pausa) Depois um cidadão, que é falecido, conseguiu amizade com a diretoria da estrada de ferro... E pediu uma área, que aqui tudo pertencia à Leste. (pausa) Aí pediu a autorização, ele fez um serviço pra alguém de lá, pra ele fazer um estaleiro aí... O nome dele era Val, que hoje é falecido. Aí ele fez esse estaleiro, aqui não tinha luz. Essa luz aqui... Inclusive essa casa era de gato.

Aécio: Era de?

Sr. Zé: Luz de gato. Vinha de lá de cima, da casa de um colega meu. Mas, eu nunca fui malcriado para os brancos, aí fiz amizade com uma pessoa que pôde me ajudar... Eu falei com ele e ele conseguiu um poste, e conseguiu botar luz aqui, pra mim e pra todo mundo. Então esse poste aí custou vinte mil, na folha... E eu não paguei, foi a prefeitura que mandou eu assinar o documento... E o prefeito chamava... Era... Na época... E então... Aí não tinha nada... Quando veio pra botar o poste, aí o pessoal aí perguntou, aí veio a turma e perguntou: onde é que o senhor quer que coloque? Eu disse: bote aí... Coloque aí na frente da casa... Era por aqui, o portão era aqui, aí só tinha um muro, aí o povo passava, arroteava, passava aí e saía... Eu disse: bote aqui porque dá pra mim e dá pros outros.

Sr. Zé: A água aqui... Eu ganhei amizade... Foi amizade também. Um amigo, encarregado da Embasa veio aqui e mediu daí até na casa do agente, lá na ponta e disse: agora, não tem quem cave a valeta. O senhor cava? Eu cavei setenta metros de dimensão com oitenta de profundidade. Dalí até na casa da esquina do agente pra botar água. Cavei com minhas mão pra poder botar água. Serviu pra mim, serviu pra todo mundo aqui.

Aécio: Aí a água encanada chegou pro senhor e pra todo mundo que vivia aqui, não é?

Sr. Zé: Aí todo mundo invadiu aí... Morou aqui...

Aécio: Entendi. Isso pro senhor foi bem significativo, não é?

Sr. Zé: Sim. Nunca fui malcriado. (pausa)

Aécio: Entendi. E aqui Seu Zé, as pessoas que moravam aqui nessa região? As pessoas que moravam geralmente eram o quê? Pescadores?

Sr. Zé: Aqui tinha muito pescador... Agora que... Os famosos já foram todos. Era Vicente, Erasmo, João, o irmão de Erasmo, José Maia. Tudo era dono de rede. Zé da rede, chamado Josué, já foram embora todos, todo mundo. Tinha um senhor que o peixe todo era passado a ele e ele vendia, passava por reteiros.

Aécio: Reteiros?

Sr. Zé: É... Chamava reteiros... Naquela época. Aí o povo entregava o peixe a ele. Só ele repassava a todo mundo, mas só entregava a ele. Hoje não, hoje tudo o que vende aí é na mão de quem quer.

Aécio: Entendi. Aí, no caso, tudo o que era pescado era entregue na mão de uma pessoa só?

Sr. Zé: É. Vinha direto. Aí entregava a ele e aí ele distribuía.

Aécio: Entendi. Mas distribuía o senhor quer dizer o quê? Vendia?

Sr. Zé: É, vendia.

Aécio: Isso. Entendi. E além de pescadores tinham outras pessoas que trabalhavam em outros setores aqui?

Sr. Zé: Tinha.

Aécio: Nessa região aqui que o senhor vive?

Sr. Zé: Não. Aqui era somente um bocado de pescador... Pescaria e fábrica. Somente era isso. Na fábrica o pai saía e o filho já estava sendo aprendiz, e hoje... Hoje não tem aprendiz... Porque os meninos querem aprender uma coisa, mas não pode, porque de menor não pode trabalhar. Tem essa conversa que não pode trabalhar... Dezesesseis anos pode votar, pra trabalhar não pode... E aí? A coisa pega, não é isso? (pausa)

Aécio: Na época o pessoal começava a trabalhar muito cedo, não é?

Sr. Zé: Muito cedo. Era, o aprendiz não tinha isso não... Era aprendiz e acabou. Eu quando cheguei pra aqui ainda trabalhavam mil e duzentas pessoas na fábrica. Mil e duzentas pessoas nessa fábrica velha, nesse casarão velho que tá ali, trabalhava mil e duzentas pessoas ali. (pausa) No passado tinha coisa muito boa viu? A gente tinha... (pausa longa) A Leste... Existia cimento Aratu, famoso.

Aécio: Cimento Aratu?

Sr. Zé: Na fábrica de cimento Aratu. Hoje não existe.

Aécio: Tinha uma fábrica de cimento também aqui?

Sr. Zé: Em Aratu. Tinha muitas pessoas daqui que empregou lá... Acabou. A SAMBRA, como eu falei aqui, acabou. Coca-cola acabou, a Crouxe acabou, Souza Cruz acabou, a Leste acabou, a fábrica acabou, então... (pausa) Tio Correia acabou, C Sampaio acabou... Eu conheci todo mundo que trabalhou.

Aécio: Mas eram fábricas em construção aqui?

Sr. Zé: Não. Eram. Tinha a Coca-cola, a Crouxe, a Brahma, tudo trabalhava...

Aécio: Aqui, não é?

Sr. Zé: É. É. Tudo trabalhava. Hoje, não tem... Antontem a justiça piorou o... Levou o imóvel de uma pessoa de mil e novecentos... Que trabalhava nesse lugar desde 1947... No Pelourinho... Deco, que tava ali... Levou o imóvel dele... a barraca. Fica todo mundo assim de braço cruzado, movimento caindo, desemprego grande... Porque quando diz assim: tem quatorze mil desempregados... Não é quatorze mil. Quatorze mil pessoas desempregadas, mas e a família dele? Os filhos e a esposa dele que, muitos não trabalham e dependem do esposo? É um problema viu...

Aécio: É um número muito maior.

Sr. Zé: É.

Aécio: É um número muito maior. É verdade.

Aécio: Seu Zé, as compras aqui pra conseguir comida, conseguir produto de limpeza...

Sr. Zé: Então... A maternidade Maria de Magalhães ta tendo protesto porque tá sem receber dinheiro... Uma parte tá sem receber dinheiro. Três meses sem receber dinheiro, como é que um funcionário fica três meses sem receber dinheiro se tem conta de luz pra pagar, tem transporte pra pagar, e a comida dele como é? É um problema sério.

Aécio: É verdade. É verdade.

Sr. Zé: Eu não peço a Deus que me ajude, eu peço a Deus que nos ajude. (pausa) Eu já dormi em cama de vara... Furar um buraco na parede, botar um tronco aqui... Isso passou por mim... Dormi em casa de sapê coberta de palha, tapada de barro... Tudo isso passou por mim, então eu sei o que é a vida. (pausa longa)

Aécio: A casa do senhor aqui, como foi que o senhor conseguiu ela? O senhor chegou aqui já tinha a casa ou o senhor foi construindo?

Sr. Zé: Não, essa era da empresa.

Aécio: Era da empresa?

Sr. Zé: É. Eu vim pra aqui porque tinha... O vigilante tinha direito na empresa. Eu vim transferido pra aqui e vim pra vaga de um...

[Interrupção – Sr. Zé: Joelma! Ta chamando aqui!]

Sr. Zé: Eu vim pra vaga de uma pessoa. Aí fiquei. (pausa) Quem não tinha procedimento não ficava, mas eu, como nunca fui malcriado com os brancos... Aí trabalhei direto, né?

Aí veio uma coisa... Foi uma surpresa. Eu tava pra lhe dizer foi essa... Eu tava sem esperar: Vai murar! Aí passou a rede e achou de fazer esse muro aí, direto, até a cabeceira da ponte achou de fazer esse muro aí... A casa, essa casa, ficou do lado de fora, aí veio uma carta vendendo a casa... Eu tinha um terreno em ilha amarela... Vendi o terreno ligeiro e dei entrada de trinta mil nessa casa na época, pra o resto eu ficar pagando em folha, ficar descontando.

Aécio: Descontava direto no salário do senhor, não é?

Sr. Zé: É. Descontava em folha. Aí eu paguei cento e sessenta e três mil nessa casa. Tem trezentos e oitenta metros quadrados a área.

Aécio: Entendi. Entendi.

Sr. Zé: Foi um absurdo? Foi! Inclusive até o engenheiro demorou, quando eu dei trinta mil de entrada em 1995. Ele disse: O senhor vai dar... Pode dar? Eu disse, posso.

Aécio: E o senhor, no caso, tava vivendo aqui desde? Desde quando?

Sr. Zé: Desde 66. 1966.

Aécio: Desde 66 o senhor...

Sr. Zé: Desde 1966 que eu morava aqui!

Aécio: Em 95...

Sr. Zé: Eu comprei a casa.

Aécio: O senhor deu os trinta mil de entrada pra conseguir o imóvel, não foi?

Sr. Zé: Foi.

Aécio: Entendi. Entendi. Seu Zé, eu, como o senhor sabe sou professor de História. E assim... Se o senhor tivesse a possibilidade de contar uma história para os alunos do Colégio Estadual Professor Aristides, aqui... Se o senhor, de certa forma, pudesse contar uma história das suas experiências aqui no bairro e das coisas que o senhor viu, que história o senhor escolheria pra contar?

Sr. Zé: (pausa longa) Que aqui melhorou cem por cento. (pausa) Aqui, o bairro melhorou cem por cento... Aqui não tinha posto de saúde e hoje tem, aqui não tinha mercado e hoje tem, aqui não tinha ônibus e hoje tem, não tinha socorro, como eu acabei de dizer... Socorro era numa cadeira pra levar pro largo de São Brás... Hoje, graças a Deus se tiver problema qualquer uma pessoa aí dá socorro... Inclusive eu, três anos passados me senti mal aqui, e minhas filhas me levaram pra UPA de Escada, que hoje está fechada... É um

grande problema ali fechar aquela UPA de Escada... Eu já saí daqui uma vez... Saí daqui mal e quando cheguei na porta da SAMU eu só escutei dizer: o senhor está enfartando. Aí eu não vi mais nada. Me colocaram lá... Me colocou na UTI... Minhas filhas também que estavam por lá me colocou na UTI, ligou pra o Santa Isabel com um médico amido dela, colega, pedindo uma vaga na UTI e Deus mandou ele abrir a porta... Do que eu saí de uma UTI e entrei em outra... Isso graças a Deus é uma grande glória, porque hoje você sabe que... Você sabe, UTI é difícil... Pegar e não achar uma vaga na UTI fica no corredor, como muitos ficou, e eu saí de uma e entrei em outra. Graças a Deus, três dias depois eu... (pausa longa - silêncio)

Aécio: ...Mas está aqui hoje firme e forte, graças a Deus.

Sr. Zé: E aí meu avô, como é que está? Está bem? Você aí... Você é duro. Você não foi não. Você chegou aqui já pra ir, mas não foi não. E aí começaram a brincar um pouquinho. Ganhei amizade grande lá dentro, no Santa Isabel, com os enfermeiros, médicos, tudo... Então já tem três anos, fez três anos em Janeiro. Isso passou por mim graças a Deus... Não fiquei com sequela nenhum... Então... Tudo isso são glórias que Deus sempre fez por mim, e eu também, o que eu pude ajudar aqui, com alguém no trabalho... Quando eu cheguei e me empreguei em 56, eu fui castigado. Castigado porquê? Porque quem me empregou foi um político, e esse político tinha amizade muito com a direção, mas a turma que me mandava era do outro lado. Aí... Feitiço pra ver se eu... Se me pegava em qualquer coisa pra eu sair... Eu resolvi o que eu pude resolver de meu problema... Nos dois anos eu passei um ano que... Quem estava me... Quem tentou me... Ele não sabia ler... Entrou de proteção e ele não sabia ler... Chamava, na época a folha, pra fazer a folha de pagamento, chamava-se V15, e quem não sabia ler não sabia fazer.

Aécio: Isso em Nazaré, não é?

Sr. Zé: Em Nazaré!

Aécio: Entendi.

Sr. Zé: Morava em Amargosa. Me empreguei e fui morar em Amargosa... Então chegou o inspetor, o inspetor da linha era... Falou: José Frutuoso! Eu disse: Presente. Ele: Venha cá. A partir de hoje o encarregado é você. Eu disse: Eu? Ele: Eu disse que é você! Olha o livro de ponto aí! E eu com três anos, dominar pessoa de vinte e cinco anos, vinte e seis, vinte e sete, vinte e oito...

Aécio: O senhor tinha?

Sr. Zé: Eu com dois anos de serviço.

Aécio: Anos de serviço. Entendi.

Sr. Zé: Pra mandar em pessoa de vinte e sete, vinte oito, vinte e cinco... Aí cresci.

Aécio: E quando o senhor veio pra cá, o senhor teve algum tipo de problema?

Sr. Zé: Não. Foi porque fechou a Nazaré. Fechou a Nazaré e a gente veio pra aqui.

Aécio: Mas eu falo a sua relação no trabalho com as outras pessoas...

Sr. Zé: Não. Não por que eu já vim pra aqui... Quando eu vim pra aqui, fui trabalhar em Periperi... Eu tinha amizade com alguém da diretoria... E quando eu cheguei pra aqui, ali na praça... Onde hoje... O escritório central era ali, onde é o D. Pedro II hoje, na praça da Inglaterra. No quarto andar, o assessor administrativo da empresa era muito amigo meu particular e ele não sabia... Alguém daqui não sabia... Muitas pessoas foram... Monte Azul, Aracaju... Quando eu me apresentei a ele, ele disse: Escolha da... De Paripe à Calçada, onde que você quer ficar. Aí eu escolhi Periperi, e de Periperi vim pra aqui.

Aécio: Veio pra cá pra Plataforma, não foi?

Sr. Zé: Pra Plataforma.

Aécio: Entendi.

Sr. Zé: (riso)

Aécio: Do bairro aqui de Plataforma, pro senhor, qual o espaço que te traz mais lembrança? Mais memórias, aqui, do que o senhor viveu?

Sr. Zé: O Batistaca.

Aécio: Batistaca?

Sr. Zé: O Batistaca era deserto. Ale só tinha as casinhas... A casa famosa era a da professora Idinha, uma senhora que era... E o resto era lama pura. Aquele Batistaca, várias vezes dizem que estava asfaltado sem estar. Hoje o Batistaca tá... Pra ligar a Itacaranha. Hoje está uma maravilha, não é isso? (pausa)

Aécio: Ali te trás mais memórias, não é?

Sr. Zé: Trás. Grandes memórias. Eu passei ali, várias vezes, com a calça arregaçada.

Aécio: Por causa da lama?

Sr. Zé: Sim! É!

Aécio: E o senhor fica feliz ao ver hoje?

Sr. Zé: É claro. Dessa mercearia que tem aí, onde tá a peixaria aí, só tinha aquela casa, pra lá até... Só tinha o cais puro, não tinha casa nenhuma. Nada. Não tinha nada que... Hoje, tudo beleza.

Aécio: Entendo.

Sr. Zé: Eu me sinto filho daqui. (pausa) Não tenho um inimigo, graças a Deus. Tenho o apelido de Zé Vigia, todo mundo me conhece aqui... Nunca vi inimizado... Aquela menina que trouxe você aqui, eu conheci ela estudando, quando eu vim pra aqui.

Aécio: Sim! É. Seu Zé, eu só tenho a lhe agradecer pelo tempo que a gente passou junto. Foi um prazer grande conversar com o senhor.

Sr. Zé: O prazer é todo meu.

Aécio: O senhor é um poço vivo aí de sabedoria, de experiência de vida, e é sempre bom a gente estar se conectando, não é?

Sr. Zé: Eu só tenho que agradecer a Deus, ao conversar com você, que tem idade de ser meus netos... E aquilo que Deus está me dando, eu tenho oitenta e sete anos, tem pessoas que não tem nem trinta anos e não está nem aguentando andar.

Aécio: É verdade.

Sr. Zé: Eu só tenho que agradecer a Deus. Oitenta e sete anos completos que eu tenho.

Aécio: É verdade. Aí o que é que eu vou fazer agora Seu Zé... Esse áudio que a gente tem aqui da nossa entrevista, eu vou escrever ele, eu vou passar pro papel, e aí eu volto aqui pra mostrar pro senhor.

Sr. Zé: Tá bem!

Aécio: Não é? Porque, justamente como eu estava explicando, isso vai ser transformado em uma pesquisa... A história de vida do senhor, as coisas que o senhor narrou. E aí eu vou ler aqui pro senhor e a gente vai conferir se está tudo de acordo. Certo? Vou ler passo a passo aqui e o que o senhor não concordar a gente corrige.

Sr. Zé: Não, o que eu falei aqui eu tô tudo de acordo.

APÊNDICE C

Transcrição de Entrevista

Entrevistado: Nemésio da Silva Costa

Data: 05 de Junho de 2018

Local: Residência do entrevistado: São João do Cabrito; Salvador – BA.

Duração do áudio: 01 hora, 14 minutos e 56 segundos.

Aécio: Pronto. Estamos gravando. Eu queria começar registrando o nome completo do senhor.

Sr. Nemésio: Meu nome é Seu Nemésio.

Aécio: Seu Nemésio. Pronto.

Sr. Nemésio: Isso. Nemésio. Nemésio da Silva Costa. Conhecido por Pretinho.

Aécio: Pronto. Nemésio da Silva Costa.

Sr. Nemésio: É. Conhecido por Pretinho, o pescador.

Aécio: Certo. Certo.

Sr. Nemésio: (riso)

Aécio: E aí, no caso, o senhor tem...

Sr. Nemésio: 69. 22 de Janeiro de 49.

Aécio: De 49?

Sr. Nemésio: Isso. 69 anos.

Aécio: O senhor sempre viveu aqui no bairro?

Sr. Nemésio: Atualmente, no momento... Como nós tá conversando a respeito, eu nasci aqui, to envelhecendo aqui e não conheço lugar nenhum, a não ser aqui.

Aécio: Entendo. Então a vida do senhor é toda aqui no bairro.

Sr. Nemésio: Desde criança aqui. Nunca saí... Se você me botar em certo lugar aí, eu não sei voltar. Não vou mentir. Falar a verdade, não é?

Aécio: (riso) Claro! E aí, no caso, infância, adolescência, tudo, não é?

Sr. Nemésio: Tudo, tudo, tudo, tudo! Tudo, tudo. Todos os momentos de minha vida só é aqui. Nesse trecho aqui e a cidade de Salvador, aqui mesmo. Mas se você me botar pra outro lugar eu não sei voltar. A não ser que eu procure informação de um e de outro e chegue até aqui de volta, não é?

Aécio: Se virando, não é?

Sr. Nemésio: É. Porque sempre perguntando chega lá, né?

Aécio: Como era, no caso, no momento da infância do Senhor a sua família, a casa em que o senhor vivia?

Sr. Nemésio: Olha. No momento, quando eu tinha meu pai e minha mãe, eu convivia lá, né?

Lá na frente. Em uma casa lá na frente. E a vida da gente sempre foi dura. Meu pai era pescador, certo? E a gente tinha uma vida difícil, porque... Se a vida agora, no momento, tá difícil, pior era antes. Antes era muito pior do que isso que você tá vendo aí. A gente passava dificuldades... Apesar que, meu pai vivia de pescaria... Aí era dia bom, dia ruim, sabe como é né? Essa vida de aventura... O cara não faz fé em nada. Dia tem, dia não tem nada, e é um sacrifício.

Aécio: Então o peixe... No caso, o fruto da pescaria?

Sr. Nemésio: Tinha! O peixe tinha, mas não tinha valor. Né? Porque, no momento agora tá tendo valor, o peixe tá tendo valor. Você pega qualquer punhadinho de peixe e tem dinheiro, antigamente você pegava muito e não tinha nada. Dava no mesmo. Entendeu?

Aécio: Entendi.

Sr. Nemésio: É. Aí você tinha... Às vezes você procurava até a quem vender, e nem achava. O que você pegava...

Aécio: O comprador, não é?

Sr. Nemésio: É. Ninguém ligava pra nada não rapaz. Esse peixe aí que no momento, nego pega agora aí... Xangó, sardinha, esses peixes. Ninguém queria comprar não rapaz. Ninguém queria comprar esses peixes não. Tinha lá e nego: Vou comprar isso? Vou comprar isso? Agora nego quer até matar uns aos outros pra... Pra arrematar, arrematar. É uns atravessando os outros aí, no momento da pescaria. Agora é agonia, vivendo de agonia. Agora tá uma maravilha, como falei naquela hora pra você. Mudou muito, de antes pra agora.

Aécio: Entendo. Mas não conseguia vender porque tinha pouca gente?

Sr. Nemésio: Conseguia vender. O peixe conseguia vender. Só não tinha valor. E a maioria de certo tipo de peixe ninguém queria: Ah! Eu vou comer esse engasga gato? Chamava de engasga gato o Xangó. A sardinha... Cheia de espinha, eu vou comer isso? Agora a sardinha é... Serve até de remédio. É. Tem gente que compra de bocado. É. Gente que tem problema não sei de quê... A sardinha. Pra você ver que diferença ficou.

Aécio: É verdade.

Sr. Nemésio: É porque você está aqui conversando comigo e não sabe. Agora, no momento tá dando até pouca sardinha, porque com esse negócio de inverno chegando ela fraquejou. Fraquejou muito, mas quando você chega, no momento, na ponte, você bota sua vasilha e nego... "Tuc". Tira sua vasilha pra poder pegar em sua frente. Pra você ver como mudou muito.

Aécio: Pra comprar, não é?

Sr. Nemésio: É. A ganância! Aquela agonia meu irmão. Não dá não rapaz. Chega... Chega às vezes ali cinco canoas cheias e não dá. Cada canoa agora... De primeiro, aquelas que a gente pescava, pegava seiscentos quilos de peixe, quinhentos quilos de peixe. Tem canoa agora que pega dois mil! A canoa daqui de casa... Daqui... Pega dois mil, viajando a reboque do barco. Creia! Dois mil! Tem uma pessoa que tem até uma foto no celular, que tá cheia de peixe, a canoa com dois mil... Pra você ver. Dois mil quilos! As embarcação menor aqui, que pega agora, pega mil quilos ou mais, de peixe. Pra você ver como mudou. A diferença... E ainda não dá. E aí fica brigando o pessoal, aquela agonia, pega as coisas dos outros, chega... Chega Kombi, chega aquelas caminhonete de fora. Muito lugar de fora aí pra trazer... Pra vir pra arrematar o peixe, pra levar pra lá. Pra encher o bolso de dinheiro, porque... Se tem valor! Agora tá tendo valor, não era antigamente... Agora tá uma maravilha rapaz! O pessoal só fica se queixando aí, como eu falei nestante... Eu queria que no meu tempo fosse como é agora. Agora nego ganha muito dinheiro rapaz, e fica se queixando aí, que a pesca tá ruim. O mar tá... Eu acho que tá dando até peixe demais.

Aécio: Comparado ao que era?

Sr. Nemésio: Ao que era antigamente, é! Porque a quantidade de pescador assim, agora, no momento todo mundo quer ser pescador. Claro! Com os direitos que tá tendo, quem é que não quer ser pescador? Quem quer que... Que tá desempregado é que não quer voltar mais pra trabalhar. Bota uma rede, uma canoa, e um barco e tira seus documentos de pescaria. Digamos que se chegar à sorte que eu cheguei, no momento, com 60 anos, 64 já tá aposentado. Não vai precisar trabalhar mais pra ninguém. Pra que? Eu mesmo, vou querer trabalhar pra ninguém? Não vou! Nunca mais. Só no dia que Deus quiser me levar, pro cemitério. É. É isso que a gente tava conversando a respeito. E agora, atual aqui, no momento? Digamos... Melhorou o setor do lugar... Da pesca. Melhorou a moradia, no momento. Todo mundo tem suas casinhas, tudo de bloco. Bem

equipadinha... Nem todo mundo, mas... Na lógica, a metade. Porque nem todo mundo tem as circunstâncias e as condições de fazer o que tem vontade, no momento. Entendeu? Isso... Ó praí... Como ficou isso aí... Uma cidade maravilhosa. A cidade é lá, mas aqui virou outra cidade.

Sr. Nemésio: O lazer mudou. Aqui nunca teve lazer. Ta tendo... Quadra de futebol, é... nego chama aí, dos meninos brincar... Parque de diversão de menino. Tem um ali, tem um aqui na frente, na dobra, tem pra lá pra baixo já... Tá indo pro Boiadeiro, tem outro... Que chama Boiadeiro o lado de lá, do Cabrito. E por diante. Quer dizer... O que era antes pro que é agora, mudou muito! É. Virou... Virou uma coisa maravilhosa... Eu não sei nem explicar mesmo. Você tá fazendo tanta pergunta e eu não sei nem explicar, porque aqui ficou bom demais.

Aécio: (riso)

Sr. Nemésio: Aí, você vê aí, as casinhas tudo aí em cima. De primeira você ia fazer isso aí? Ói, aí pra dentro, esse beco aí pra lá pra dentro... Eu aqui, quando cheguei pra aqui... Era Aratu, caranguejo e... Esse que nego pega aí, no mangue aí... Sururu.

Aécio: Aqui?

Sr. Nemésio: Aí dentro. Não tinha casa não meu irmão. Não tinha casa nenhuma não. Tudo... Isso aí foi tudo entulhado. Entulhado e fez tudo casa meu irmão... Ói, até aí dentro mesmo, apesar da circunstância no momento, como está aí, o pessoal vai entrar aí e vai sair lá do outro lado, na pista... É. Ficou uma coisa maravilhosa, tô dizendo a você. Tá pensando que é brincadeira? É porque você tava me perguntando, mas se você visse isso aqui como era antes, pra o que é agora... Você ia dizer: Pô! Seu Nemésio... Realmente o senhor é nota dez pelo que você está falando aí do lugar. (riso)

Aécio: (riso)

Sr. Nemésio: Era oito, agora é dez. (riso)

Aécio: No caso, o senhor começou a pescar quando tinha que idade, mais ou menos?

Sr. Nemésio: Menino! Com meu pai rapaz. Eu, quando comecei a pescar, eu vou explicar... Isso aqui, digamos... Essa tábuia tá aí? Era negócio de cebola... de caixote de cebola né? Que nego faz? Aí era uma lasca dessa aí... aí meu pai me levava, eu sentado. Ele dizia: Vá remando com isso. Meu pai. Porque, se eu era pequeno e não sabia fazer nada? Comecei assim. E aí eu fiquei... Meu pai foi chegando na idade, na lógica, e eu fui crescendo, na vida, junto com meu pai.

Aécio: Aprendendo?

Sr. Nemésio: Sim. Aí depois saí, já maiorzinho e fui trabalhar. No Fratelli Vitta, depois fui pro outro, fui pras casas de Paripe... Perdi pai, perdi mãe (pausa)... Conheci essa criatura aqui, não é? Que hoje em dia é minha esposa, não é? Ela com dezenove anos e eu com vinte e um, né? Deve ter um bocado de ano de convivência com ela aí, né? No momento, né? É. Nossos filhos são tudo rapaz já, homem já feito. Temos neto, bisneto... E tudo nesse local aqui maravilhoso que tá no momento, aqui. Entendeu?

Aécio: Entendi.

Sr. Nemésio: Quer dizer, eu não tive vida boa no momento, antigamente, mas agora, como Deus ajudou de um tempo pra cá, a vida melhorou muito. Né?

Aécio: Quais eram as principais dificuldades assim... Do antes, que o senhor fala?

Sr. Nemésio: As dificuldades?

Aécio: As principais dificuldades que o senhor vivia aqui?

Sr. Nemésio: De tudo rapaz! As dificuldades de tudo, a gente tinha de tudo antigamente, que agora não tem. Antigamente a gente tinha dificuldade de tudo, até pra comer meu irmão! Até pra comer tinha! Tudo, como eu tô falando... Tinha pra comer, pra resolver problema... Você não podia ter uma... você não podia ter uma radiola, você não podia ter um rádio "pôde", porque não tinha... Como pescador ninguém vivia.

Aécio: Entendi.

Sr. Nemésio: Certo? "Eu não vou vender nada a pescador, pra não me pagar?" Muitos falou isso comigo. "Eu vou beber água na casa de Pretinho? Eu vou beber água na casa de Pretinho? Pretinho pescador, vou beber água na casa dele?" É... Quer dizer, ainda tinha nojo da gente. Agora não, agora todo mundo me procura, que fica me beijando, me agarrando... O cara da venda chega me pegar pra ir comprar fiado. Eu digo: Não tô mais precisando comprar fiado rapaz. Eu tô aposentado e minha esposa aposentada. Quando eu não tenho, minha esposa tem... Nós somos combinado. Se ela tiver cem e eu tiver cem, do mesmo jeito que ela tem. Se ela tiver cinquenta e eu precisar de cinquenta... Se eu precisar ela me dá... Antigo de convivência, não precisa mais de comprar fiado. Eu chegar pra comprar fiado ali na venda... Não é nem orgulho, que eu não tenho nem onde cair morto, mas eu não tenho necessidade de comprar fiado. Não vou mentir. Eu tenho que passar com aquilo que eu tenho, que eu ganho, que Deus me deu. Entendeu? Chegou no momento de aposentadoria, então... Vou dizer a você que se chegar ali... Vender fiado... Vou querer fiado não. Vou querer não meu irmão. Se eu ganho novecentos e cinquenta e poucos reais, eu vou ter que passar com aquele e a "intera" dessas redes minhas aí ó. Aí, minha casa tudo é rede. Aí, e as canoas minhas tá tudo lá na mão dos outros. Um vem e me dá vinte, outros nem me dá nada e eu nem ligo, outro vem e me dá cinquenta. É. Quando a pesca tá boa, outro vem e me dá cem. É.

Aécio: Em cima do que ele ganha, não é?

Sr. Nemésio: Fora que... Em cima do que eu ganho. A minha parte, que meus materiais tudo na mão dos outros... Eu tenho tudo o que eu tinha antigamente. Eu larguei na mão dos outros... Aí, eu que cuido de tudo isso aí que você tá vendo. De rede aí ó. E na canoa... Eu tenho cinco canoas lá, cada uma tem uma rede... Na mão dos outros. Eu tenho um ano e seis meses sem fazer uma pescaria... Entro todo dia dentro da canoa, daqui a pouco mesmo vou pra canoa, tirar isso aí ó, que ta caindo, água de chuva. É. Eu tenho barco. Ahn! Mudou muito hein meu irmão. Já entendeu a jogada? Hein?

Aécio: Com certeza. Com certeza.

Sr. Nemésio: Pra o cara que não tinha nada, que nego desfazia né? Na loja né? E eu também não tenho nada, no momento. Só tenho o que Deus tá me conservando, que é vida. Porque, hoje em dia, ninguém tem nada nesse mundo, a não ser que o homem conserve a vida dele e a saúde. É como a gente tava conversando. Mas de momento, assim... De sobrevivência... Atualmente de... De mudar de vida... Pra o que eu era eu melhorei muito. Não vou mentir. Pra não acabar o homem querendo me castigar... Que ele não castiga ninguém mesmo. Pode ser errado, certo, Deus não castiga ninguém, meu irmão. (riso) Entendeu? Deus é uma coisa maravilhosa e não vai castigar ninguém. Jamais. Ói, Deus é pelos certo e pelos errado. Pode levar fé no que eu tô falando. (riso) Isso eu tenho certeza! Porque todo momento meu, no lugar onde eu estiver, eu digo: Ô meu Deus, eu não tenho como agradecer ao senhor de ter mais um dia de vida. Todo dia que eu amanheço de manhã eu digo: Ô meu Deus, muito obrigado pelo mais um dia de vida... Que um homem como eu, que pensei que não ia chegar a quarenta anos de idade, tô com quase setenta! Hein? (riso) A coisa maravilhosa que Deus me deu. Ói, eu sei que posso morrer hoje, ou amanhã, depois de amanhã, mas pelo menos ele já me conservou um bocado né? (riso) Vai fazer mais alguma pergunta aí?

Aécio: Sim, sim! (riso) No caso, como é que... A pescaria, como era feita antes, no tempo do pai do senhor? Era feita da mesma forma que é feita hoje? Com rede...

Sr. Nemésio: Era rapaz! Rede... É... Antigamente, eu vou explicar... Não mudou nada, de negócio de pescaria.

Aécio: Do sistema, não é?

Sr. Nemésio: É. Só mudou de melhoria. De ruim... Quer dizer, ruim não, vírgula... De média pra melhor. Porque agora é melhor. Graças a Deus, porque antigamente, como eu falei, a gente pescava de remo. Não tinha negócio de barco pra você ir e vir... Negócio de óleo, bota no barco, você vai e volta sem fazer nada? Só coisa... Não. Agora tem de tudo. E a pescaria antigamente, é como eu falei. Você procurava a quem vender as coisas e nem sempre achava, era dificuldade. Certos tipos de peixe ninguém queria pegar, porque achava que a marca, sei lá... Individualmente, era peixe de espinha, é pequeno, você sabe como é, não é? Então não queria. Queria os graúdo né? Aí a dificuldade era mais,

agora é menos. Não tem tanta dificuldade na vida. Melhorou muito, agora no momento, e a pescaria foi de rede. De rede, groseira...

Aécio: Dosera?

Sr. Nemésio: Groseira. Groseira. É um negócio que bota uma linha cheia de anzol. De dois metros em dois metros tem um anzol garrado. Aí você pega o peixe miúdo e isca, e aí lança na maré, digamos... Com quinze minutos, uma hora, meia hora de relógio você vai e dá a puxada... Aí aquele guloso... Que chama guloso, o graúdo, que gosta dos miúdo pra se alimentar... Aí quando barra, que estica... Tá garrado, tá garrado. Agora tem pouca groseira, mas em momento de, atualmente, de rede tem dobrado; Atualmente de barco é dobrado. Você vê como é todo ocupado... É barco, é escuna, é tudo. Mudou tudo. Tudo tem de lazer, o que não tinha antes. Então melhorou!

Aécio: Entendi. Vivia muita gente com o senhor nessa fase? O senhor tinha muitos vizinhos, muitas casas?

Sr. Nemésio: Tinha, tinha, tinha, tinha, tinha. Tinha, lá tinha, lá na frente tinha, e tem aqui, no momento, dobrado...

[Interrupção - Rapaz falando com o entrevistado - Sr. Nemésio: Outra hora aí rapaz. Outra hora. Tudo bom, tudo na paz de Deus. Tô aqui mesmo. Tá. Valeu meu irmão, obrigado].

Sr. Nemésio: (riso) Eu compro na mão dele.

Aécio: Pimenta, não é?

Sr. Nemésio: É.

[Interrupção - Aécio: Ó Cris, se você quiser ir fique a vontade viu? Tá melhorando a chuva aqui. Mari tá agoniada aí... Eu vou ficar com Seu Nemésio aqui, tá tranquilo aqui pra mim. A memória desse cara pra mim é tesouro. (riso) Sr. Nemésio: (riso)].

Aécio: Então assim... O senhor tinha muitos vizinhos, não é?

Sr. Nemésio: Tinha. Muitos camaradas, como eu tenho ainda no momento... É...

Aécio: Todo mundo pescador?

Sr. Nemésio: É... Não todos. Uns eram, outros não. Tá mesma coisa agora, nem todo mundo é pescador, né?

Aécio: Entendi. Mas na época, além da pesca as pessoas trabalhavam em que?

Sr. Nemésio: Hein?

Aécio: Além da pesca?

Sr. Nemésio: Quando eu comecei, como eu falei e tô voltando a falar, eu comecei menino, pescando com o velho. Depois larguei, com dezenove anos e fui trabalhar em terra, trabalhei em dois ou três lugares. Depois aí eu saí de novo e voltei pra pesca de novo e não trabalhei mais pra ninguém, só pra mim mesmo... E eu não tinha nada, como eu falei né? A você? Se eu não tinha nada? Aí quando eu comecei a fazer minha redinha e tal, que eu já tinha conhecimento com meu pai, experiência, eu fui trabalhar pra mim mesmo. Aí comprei canoa, comprei isso, fui comprando rede, e canoa, e canoa, e cheguei a... No momento onde tô, aposentado. Já pela pesca mesmo.

Aécio: Entendi. essas canoas aqui, no caso, o senhor comprava? Vinha de onde?

Sr. Nemésio: Comprava. Vinha de Ilha de Maré.

Aécio: Vinha de Ilha de Maré?

Sr. Nemésio: Ilha de Maré. Ilha de Maré. Em Santana, Praia Grande.

Aécio: O pessoal fazia é?

Sr. Nemésio: É... Já fui em Valença, Valença... Comprar canoa.

Aécio: Por aqui, por essa região ninguém fabricava não?

Sr. Nemésio: Aqui não. Aqui não se falava nisso não. É... As ilhas fora aí... Era... Eu conheci muita gente aí fora aí, e a gente as vezes ia pro lugar... Viajava pra comprar canoa, pra depois trazer de barco à reboque, entendeu? Às vezes vinha em cima de caminhão, entendeu? Canoa, é... Caminhão. O frete, pagar o coisa pra botar em cima. Saía por um dinheirão. Cada embarcação.

Aécio: Às vezes era mais caro trazer do que comprar, não é?

Sr. Nemésio: E ainda é. Mais caro trazer do que comprar. É. Porque se você trazer, digamos... Digamos, agora, três canoas de lá pra cá, você paga aí uns três mil, pra trazer de lá pra cá. Entendeu? Tem canoa que não vale três mil. É. Se você comprar três canoas a dois mil... Dá seis mil... Paga três de frete, vai pra quanto? Nove mil.

Aécio: Entendi.

Sr. Nemésio: Entendeu agora? Você tem que pagar taxa. Porque você sabe como é o negócio na rodagem... De trânsito. Vem a zorra... "Documento! Tá ilegal. Prenda!" Mas se você tiver tudo certinho... Obrigado aí, tchau. "Vá lá meu filho." Entendeu a jogada? (riso)

Aécio: No caso dos peixes, tinha alguns peixes que eram mais valiosos que outros?

Sr. Nemésio: Com certeza.

Aécio: Quais eram os peixes que, no caso, o senhor quando pescava, logo nesse início com seu pai eram mais valorizados?

Sr. Nemésio: Os peixes mais baratos e os mais caros.

Aécio: É. Qual era o que tinha mais valor de venda? Que trazia certa...

Sr. Nemésio: O peixe mais caro, antigamente... Que ainda é mais caro no momento, era o Roubalo, era o Pampo, Pampo da espinha mole, entendeu? Era a Cavala, que ainda é, no momento, a Cavala grande, a Cavala... Tinha outros tipos de peixe, a Guaricema, que no momento, era e ainda é dos mais caros... É... Aquelas Carapebas grandes rajadas, cada Carapeba grande retada, peixe de 800g, 1Kg. Que... No momento, antigamente, tinha esses peixes como tem agora, mas só que era mais caro... Era ele, como é agora no momento, eles ainda são os mais caros, porque os miúdo é mais barato. Tem peixe aí de dois reais 1 Kg, e tem peixe de vinte conto o Kg. Hum. Quem é o mais caro, vinte ou dois? É o de vinte. (riso) É coisa melhor, o que falei da diferença do que tá agora, que agora tem gente que tem condições de comprar 2Kg de peixe graúdo, que a vinte, dá quarenta reais. Tem gente que compra até 5Kg, cem conto que ele tem. O que, antigamente, um cara como eu, se eu não fosse pescador não ia poder comer 1Kg de peixe. Mesmo antigamente, ele mais barato, eu não ia poder comer ele, porque ele era o caro, entendeu? Era o caro, era ele, o graúdo. Aí o que eu ia fazer... Eu vendia sempre os maior e usava mais os menor, porque quase ninguém queria, entendeu? E sobrevivendo a vida, não é? Vida dura! Pra ganhar a vida era dura!

O que você vê agora aí, no momento que você tá aí, qual é o pescador que, praticamente... Que não tem uma televisão? Qual é o pescador que não tem... Não todos... Que não tem o seu barracozinho, sua casinha? Qual o pescador que não chega no lugar e que nego não vende fiado? Entendeu? Vende! É. Chega na loja qualquer um vende. É. "O cara é aposentado aí, fulano de não sei o quê. Tem cartão. Tem o cartão. Deixa eu ver seu cartão aí... Você pode pagar tanto por mês." Vende fiado. Primeiro, como eu falei a você, não me vendia.

Aécio: Entendo.

Sr. Nemésio: Nego tinha nojo rapaz, de chegar... Minha casa era alta, quando chegava assim... Eu conheci uma pessoa, essa pessoa ainda tá até viva... Um dia ela chegou aqui na minha porta. Aí eu falei assim: Eu sou pescador. Ela olhou, olhou... "Eu ia querer um copo de água". Eu digo: Quer água, eu lhe dou? Ela: Não, não, não, não, deixe, deixe. Quer dizer... Aí, praticamente tava com o quê? Com nojo né véi? Entendeu? O cara pescador... Beber água na casa dele... Situação da porra... Aí você olha e você se sente como véi? Tipo um cara humilhado, né? (pausa) Porra! Eu não sei nem... Não gosto nem de ficar me lembrando de certas coisas que eu passei na minha vida. Eu, pra

o que eu era, agora eu... Graças a Deus eu sou um cara, atual, realizado. Vou mentir não. Agora quem anda me procurando é os outros, né? (riso)

Aécio: (riso)

Sr. Nemésio: Dá um orgulho danado...

Aécio: Olha eu aqui.

Sr. Nemésio: (riso) Não, mas você não é pescador. (riso) Você está fazendo, tipo uma reportagem. Você tá tomando informação, né? De uma pessoa que é pescador. Antigo, né? Por isso você me procurou, sabe que eu sou antigo, e tenho alguma coisa pra explicar certa do lugar... Como era... Como eu falei a você naquela hora, que isso aqui não existia casa, era uma ou outra... Era palafita! As casas eram de madeira... Tinha aquela escada alí retada, que pra você sair, pra ir pra uma casa e pra outra, em tempo de você despencar embaixo. É assim que era, essa dobra toda aí, você vê aí. Toda aí pra lá... Não é aqui não, era pra lá.

Aécio: Na parte da frente, não é?

Sr. Nemésio: É, é, é. As casas de madeira, isso aí pra lá... Ô meu irmão, não gosto nem de falar, não é bom nem me lembrar. Você... Você sair de dentro de casa dava um trabalho da porra... A porra lá trepidando, balançando e você com o coração pequenininho. (pausa) É. Mudou rapaz, você não vê casa mais nenhuma de madeira aqui? Cada uma inferior da outra, né? Na lógica, mas as casas tudo de construção. Você não vê casa de madeira aqui, não existe mais. Há um bocado de tempo já, não existe mais... Fez a fundação aí, da Primeiro de Maio, fez a cooperativa... Entulhou tudo, o carinho veio da Penha, botou tubulação... Vinha areia pra aqui, aí eu fiquei um bocado de dia e um bocado de tempo na fila com Lazaroni, italiano, um tal de Lazaroni. Na Primeiro de Maio que tem ali ainda, existe ainda a Primeiro de Maio ali.

Aécio: A Primeiro de Maio é o quê? É um lugar de moradia?

Sr. Nemésio: É ali... Não, é que a Primeiro de Maio é tipo um galpão assim, mas é... É uma coisa linda o que tem agora de construção. Era Lazaroni, foi ele o lançamento da Primeiro de Maio... Ensina tudo de pesca a gente.

Aécio: É uma escola de pesca? É isso?

Sr. Nemésio: É, é. Escola de pesca e de outras coisas... de criança. Você chega lá, você acha remédio... Pras pessoas que precisam, chega lá tem remédio. Tem médico pra sair pelas portas tomando coisa de saúde, plano de saúde e não sei o quê lá. É.

Aécio: É pra pescador?

Sr. Nemésio: Pra todo mundo! Negócio de inferior não. Sem ser inferior. Não tem nada a ver. Mas melhorou, isso que eu falei aqui. Aqui ficou o quê? A cooperativa. Aqui onde fica Dalmo. Entulhou e fez a cooperativa de pescador... Não sei o quê lá do pescador; Do outro lado de lá, colônia mesmo do pescador, do lado de lá, que dá pra quadra ali. Porque eu tinha que ir lá na frente pra lhe mostrar como é que tá agora.

Aécio: Mas eu já passei por lá, eu tô...

Sr. Nemésio: Ah, se você já passou por lá você já viu. Ah! A quadra, a quadra ali e tudo aí, tá tudo certo. Mudou muito, ficou aí uma maravilha, porque não tinha. É isso que eu falei. As crianças aqui brinca de manhã, na quadra, brinca de tarde, brinca... tem os espaços dos pequenos e dos graúdo, das pessoas maior, de homem assim que nem você, desse negócio de jogar bola. O horário, digamos... Seu baba é o de sete horas até oito, o do outro já é... encerrou o seu de oito vai e já pega até nove, o do outro já pega de nove até dez. Rola até uma hora da manhã isso aí, direto.

Aécio: Na quadra, não é?

Sr. Nemésio: É. É o lazer, da criança e do adulto, que não tinha... Melhorou muito rapaz, ficou uma maravilha isso aí rapaz. Tô dizendo a você. Eu queria que antes fosse assim, apesar que encurtou um pouco pra mim, negócio de pesca, porque, como fez essa obra aí e fez muitas melhorias, diminuiu o tamanho da maré, né? A maré encolheu mais pra lá, né? Que a maré vinha aqui, como a gente tava conversando e agora não vem mais, tá até lá. A maré pra arrudear ali, em Zé de Valença... que tem um bar ali e chama Zé de Valença. A maré arroteia por lá e... Grande, maré grande, aí vem até ali perto da quadra e volta. É. Que era tudo alagado, como eu falei.

[Interrupção - Sr. Nemésio: Ô! Bora meu irmão. Beleza.]

Sr. Nemésio: A gente morava num oceano rapaz, praticamente. Tô dizendo a você. É. Morava no meio da água, praticamente.

Aécio: Nas palafitas, não é?

Sr. Nemésio: É. Arrodeado de água meu irmão. Água por baixo, água por todo lado. Subia por cima das escadas. Isso aqui ficou uma maravilha... Sei nem explicar mesmo.

Aécio: E quando o senhor era menino e morava com seu pai, já era palafita?

Sr. Nemésio: Era.

Aécio: Era? Já era, naquela época já?

Sr. Nemésio: Era, era. Se... Eu morava com meu pai, já era palafita. Eu vim morar aqui, acabei de ajeitar a casa... Tudo aqui que fiz e ajeitei aí, aí do lado... Minha casa era

dentro da maré. Você não viu falar naquele momento a você que eu arregaçava a calça pra atravessar? Era batente alto. Degrau. A casa ficou enterrada aí rapaz. Tá enterrada a casa.

Aécio: Aqui?

Sr. Nemésio: Minha casa ficou aí enterrada. Tá enterrada, praticamente, minha casa. Minha casa era no ar rapaz, era no alto, que... por causa da maré. Ah. A casa é... Digamos... É essa altura aí? A maré passava alagando a casa... Aí tinha um batente, os degrau assim de bloco, pra você passar pra não alagar... Dentro de casa. Tinha hora que... Como a maré era grande, como eu falei a você, que a água coisa... Você ficava de vassoura.

Aécio: Botando pra fora?

Sr. Nemésio: É. (riso) Os dois rapaz... (riso). Apesar que nego entulhou e fez tudo aí. Ficou mais alto lá e aqui mais baixo, mas a vida é só uma tranquilidade. É só de tranquilidade a vida. Melhorou muito aqui. Deus é mais. Só em pensar no antes.

Aécio: Os pescadores então, na época que o senhor era menino, todo mundo morava em palafita? Ou tinha gente que morava em lugares diferentes?

Sr. Nemésio: Não rapaz. Quem morava mais longe daqui, morava em casas mesmo, casinhas, casas assim, mas esse trecho aqui todo era palafita puro.

Aécio: Aqui, não é?

Sr. Nemésio: É. Aqui tudo! Tudo aí era palafita. Só era casa de madeira e de maderite. Tudo, tudo, tudo, tudo. Ia de um lado e fechava o outro... tudo aí era casa rapaz. Aquele lado de lá, que praticamente é do... Praticamente iguala um lado com o outro... rodeando aí que você vê... Não tem a rodagem rodeando?

Aécio: Hum hum.

Sr. Nemésio: Aí cercava com a rede encostadinho nas casas. Aí vinha Roubalo, Saúna de bocado, aquelas Saúna que nego chama Tainha... de bocado... Xangó, como falei naquela hora, Xangó, que nego chama de Pititinga... É Xangó, mas nego corta e vende como Pititinga... Tem valor, como eu disse a você, agora tá tendo valor. É briga... A sardinha mesmo né? Nego trata a sardinha e chega aí fora enche o bolso de dinheiro. Compra aqui... Tem vez que a sardinha sai até de um real... cinquenta centavos... Ainda tá saindo ainda. Antes de ontem saiu a dois reais, a sardinha... O cara compra 1Kg de sardinha... Tratando e rodeando aí, em 1Kg ele faz dez conto. É. Se ele comprar 10Kg ele já ganhou o dia dele... O cara comprou é... agulhinha... A gente chama de agulha, agulhinha... Então ela tem meeira, tem miúda e tem graúda, é misturada. Comprou a dois

reais e vendeu a sete na rua... ganhando cinco conto em 1Kg. E aí? Não é um ganhar de dinheiro não? 10Kg, a dois é quanto? Vinte reais. 10Kg a cinco dá quanto? Hein?

Aécio: Cinquenta.

Sr. Nemésio: É. Cinquenta. Ele ganhou quanto? De lucro?

Aécio: Trinta.

Sr. Nemésio: (riso) Entendeu agora? Não ganha dinheiro não? Se o cara comprar, digamos, 40Kg, ele já ganhou o dia dele... Cento e tantos conto na vendagem. Ganha mais que eu que sou pescador. E é isso que você tá vendo aí que eu tô lhe explicando... Quer dizer, melhorou! Melhorou pra mim e melhorou pros caras também, que compra.

Aécio: Que compra e revende, não é?

Sr. Nemésio: Que revende. É. Por isso que tem briga. De manhã rapaz... Porque agora é que... não tá dando muita sardinha por causa desse tempo aí, mas se tivesse as canoas ali os caras vinham é de caminhonete. E aí leva pra essas terras de fora pra vender. É 600Kg, é mil que eles arrematam, arremata.

Aécio: A canoa, não é?

Sr. Nemésio: É. Arremata. "O peixe aí é meu!" Aí faz aquelas pesadas... E o peixe aí bota no gelo... As coisas... Graças a Deus, melhorou muito. Sei nem explicar. Não gosto nem de pensar no antigamente, que apesar de que agora ainda tá um pouco difícil a vida, mas... pra o que era (pausa)... Melhorou dez vezes. Rapaz... Meus filhos nunca beberam uma lata de leite rapaz... Meus filhos aqui, tenho três filhos homem que nem você e uma filha mulher. Nunca achou leite pra beber...

[Interrupção - Sr. Nemésio: Opa! Beleza! Tudo jóia.]

Sr. Nemésio: Agora não, os meninos de agora, as mães não dá mais peito não. É tudo leite, e todo mundo gosta de comprar. Pra você ver como é que melhorou, não é? Meus filhos aí, graças a Deus, não deu ninguém pra ruim. Tudo bom aí. Tem um até bem empregado, graças a Deus... Tem um filho meu bem empregadão mesmo... Ele vivia de pescaria e pescava na minha rede comigo, o meu filho caçula. É. É bem empregado em uma firma da porra! Largou a pescaria, largou tudo! O cara é... Como é... Meu filho caçula... (pausa) Só tem dois pescando... Homem, só. E um bem empregado. Graças a Deus... Deus ajudou meus filhos... Saiu dessa vida e tá numa boa, não é?

Aécio: É muito difícil a questão da pescaria, não é?

Sr. Nemésio: É, é, é. Ele tá bem empregado. Graças a Deus. Não sei nem o que falar... Sei nem... Hum... Graças a Deus. Deus é bom demais, Deus é maravilhoso... (pausa) O

que eu passei, no momento, antigamente, eu não quero que ele passe não, nem ele e nem mais nenhum não. Quem já tá, já tá... Não tenho mais filho pequeno mesmo e não vou ter mais nenhum, mas quem chegar agora em diante aí, se ele puder arrumar um emprego é bom, porque a vida de pescaria é um sofrimento. Relento... Aí, você vê um tempo como esse aí, inverno aí, o cara sai pro mar de noite, toma chuva como a porra... cada chuva retada. Chega de manhã tremendo...

Aécio: Tremendo, não é?

Sr. Nemésio: Pô. Ganha dinheiro, mas em compensação, o sofrimento é muito, né?

[Interrupção - Bisneto pedindo dinheiro]

Sr. Nemésio: É bisneto aí. Eu tenho doze netos e seis bisnetos. A única coisa que eu tive pouco foi filho. (riso) Mas neto e bisneto eu tive carga. (riso) E tá tendo ainda, né? Que os meninos tão novo, e ainda vem mais por aí, né? Hoje em dia o pessoal não tá brincando em serviço! (riso) Com esse inverno aí... A frieza hein? Hein? (riso)

Aécio: (riso)

Sr. Nemésio: Chega em casa no relento, e aí vai fazer filho. (riso)

Aécio: (riso) O senhor falou das dificuldades de pesca, de passar muito tempo no relento, não é? Além dessas dificuldades tem outras coisas que são complicadas no trabalho de pescador? Quais são as principais dificuldades que o pescador enfrenta?

Sr. Nemésio: Que o pescador enfrenta? Enfrenta a dificuldade que você tá vendo agora aí, no inverno.

Aécio: No inverno, não é?

Sr. Nemésio: No inverno o pescador passa muita dificuldade, porque ele quer ir pro mar e nem sempre pode, porque o mar tá violento, entendeu? O mar tá violento. Muda, começa a chover... vento duro, o mar de não sei quantos metros de altura... Que nem a Capitania fica pedindo... Passa toda hora na televisão pro pescador não ir pra mar aberto, né? Chama mar aberto o mar afastado daqui, de onde a gente mora, daqui, e aí o pescador passa dificuldade, momento ruim mesmo. É ruim mesmo. Nem sempre você pode ir lá, tem vezes que você fica um ou dois dias sem poder ir lá, porque a pesca mais pra fora é mais perigosa. Você olha pro lado de cá você não vê não. Você tá lá no meio só de água, entendeu? Só de água. Aí você tem é que chamar por Deus e olhar o momento que tá melhor pra você poder ir lá fazer sua pescaria. E olhar também quando é que o tempo tá mudando, porque tem gente que tem... o coisa que indica... indica o tempo... Mudança de tempo, né? Aparelho, né? Como é que chama... Bússola... Aí o cara: Tá mudando! Bora cair fora viu! Pra ver se dá tempo de chegar em terra. Essas dificuldades que o pescador... Usa agora. Tá dificuldade grande. Esse tempo agora, de agora em diante aí...

Uns quatro meses aí... (pausa) Muita dificuldade. Muita mesmo, não é pouquinha não. Muita!

Aécio: Entendi. E mesmo assim tinha gente, na época que o senhor pescava, que se arriscava? O senhor já chegou a se arriscar pra ir em um tempo difícil?

Sr. Nemésio: Já rapaz! E muito rapaz! Oxé! Se eu precisava? A precisão obriga, né? Nem sempre a gente faz o que quer porque a gente quer fazer. As vezes a gente faz é obrigado. A necessidade que eu passava, como eu falei. Como é que eu não ia lá? Eu cansei de sair de dentro de casa, malmente só de bermuda, já sabendo que eu ia passar aquilo ali. Até o outro dia de manhã. O relento, chuva, vento... quantas vezes a canoa foi até pro fundo? De ontem pra hoje mesmo foi duas canoas aqui pro fundo. De ontem pra hoje. O tempo... O mar alto... Mudou o tempo, os caras veio escarronado e a canoa veio à reboque do barco, de baixo d'água.

[Interrupção - Bisneto mostrando desenho que pintou]

Sr. Nemésio: Vá pra lá pra dentro fazer lá. (riso)

Sr. Nemésio: A dificuldade que a gente passa é essa aí. De pescador, tempo ruim. No tempo bom o pescador não passa dificuldade não, porque ele vai onde ele quer e entende, né? Depois de Deus querer, né? (pausa)

Aécio: As vezes passava quanto tempo no mar?

Sr. Nemésio: No mar? Eu vou explicar. Atualmente, agora, você vai no dia e vem no outro, mas tem barco que vai pescar, que vem com quatro ou cinco dias. Antigamente era a mesma coisa, entendeu? Os barcos que iam pescar... Barco pesqueiro, chama barco pesqueiro. Esses é o cara que é mar aberto... Barra fora, que os caras chamam aí. Aí os caras viajavam, digamos, dia de terça-feira e vinha na sexta. Entendeu? É. E aí as dificuldades é dura, não é negócio de moleza não. Sobe, desce, sobe, desce e é um problema retado rapaz. Ah. É. E não para de ter dificuldade não. Tem momento melhor e momento pior. É isso que muda, de uma coisa... as vezes... menos pra mais. Né? Agora mesmo é mais. Pescador agora... dificuldade. Não é que não tenha o peixe, porque peixe tem até demais, meu irmão, no mar. Graças a Deus. Agora o pescar que é bom, você nem sempre pode ir. Por causa do tempo. Chega o anoitecer, olha pro mundo e o mundo some de chuva. Vento duro, e aí? Você diz: Se eu for ali em tal lugar, eu não posso abrir muito daqui porque eu posso até acontecer uma coisa ruim e perder tudo! O que passou pros caras perder tudo de ontem pra hoje? Não é?

Aécio: Porque aí, quando a canoa vai pro fundo já era, não é?

Sr. Nemésio: Ah! Aí o cara trouxe ela por debaixo do barco. Vem debaixo d'água, cheia de água, os caras rebocando. Pelo barco, o barco trás.

Aécio: Hoje o barco trás, não é?

Sr. Nemésio: Trás porque o barco é grande, agora tem barco.

Aécio: E quando era na base de canoa, a galera chegava a ir... Chegava a ir pro mar aberto também?

Sr. Nemésio: Não ia pro mar aberto porque não tinha condições de ir. De canoa não ia, não tinha como ir não meu irmão. Tinha que pescar no lugar mais perto. A pesca era mais... O cara rodeava esse trecho aí, digamos... Da... Do Monte Serrat pra cá, até São Thomé de Paripe... Você conhece São Thomé de Paripe aí?

Aécio: Hum hum. Sim.

Sr. Nemésio: Chegava em São Thomé, chegava aí... É. A pescaria era essa aí.

Aécio: Na costa, não é?

Sr. Nemésio: É. Aqui por perto, tinha que deixar aqui ó.

Aécio: Passando rede também?

Sr. Nemésio: É. É. Passava, tirava, botava, tirava. E ia se safando do jeito que podia se safar, a pescaria. Se o cara precisa? Não podia ir pra longe mas podia ir pra perto. Entendeu? Tinha que achar um meio de sobreviver, não é? Sobrevivência, a pesca. A pesca era sobrevivência. Horas boas e horas ruins. Não é... É diferente a pesca de quem trabalha em terra. O cara que trabalha em terra e é empregado, na lógica, fora da pescaria, ele: Eu ganho tanto por mês. Pronto. Não toma relento, não toma nada. E o pescador tem essa dificuldade toda, que não muda nunca, porque, você sabe como é... É tantos meses de verão e tantos meses de inverno. É o que eu falei, horas boas e horas ruins. Isso não vai mudar nunca porque o tempo é isso mesmo. Agora, no momento, pescador é dificuldade.

[Interrupção - Bisneto me fazendo pergunta]

Aécio: Seu Nemésio, como o senhor sabe, como eu tava te explicando, eu sou professor de História. Se o senhor tivesse a possibilidade de contar uma história da sua vida, do seu trabalho como pescador, das coisas que o senhor viveu aqui. Das memórias que o senhor tem, se pudesse escolher alguma pra contar aos estudantes, qual seria?

Sr. Nemésio: Ó. O que eu posso passar pra ele... O que eu poderia passar pra ele é o que eu já falei pra você aí. Eu não tive nunca vida boa. Tive dificuldades, eu expliquei, no momento, como era, como não era, e agora, no momento, como é. A diferença é outra, só isso. Eu não ia passar mais do que o que eu conheci e o que passei, pra eles. Porque

aí, no momento, eu ia enganar eles. Falar isso, falar aquilo, que não teve comigo. Entendeu agora? É.

Aécio: Tem alguma memória que o senhor viveu aqui no bairro, no passado, que te marcou muito? Uma memória que marcou...

Sr. Nemésio: Que marcou minha vida?

Aécio: Sim.

Sr. Nemésio: O que marcou minha vida, antigamente, o que marcou foi a amargura de ruína que eu tive na minha vida. Foi o que me marcou. As dificuldades, como eu falei naquela hora. Se eu passei muita coisa ruim? Não é uma coisa que eu vou marcar até o dia de morrer não é? O que eu passei, que é de nunca mais passar... eu nem penso em passar... Só se for uma praga que tiver de acontecer em minha vida. O que eu passei eu não desejo pra ninguém passar. Eu passei muita coisa ruim e não vou dizer que passei boa pra mentir e nem vou passar pras pessoas o que eu não passei. Não vou dizer que eu tive vida boa antigamente e nem isso... Não. Não vou mentir.

Aécio: O senhor fala das dificuldades de alimentação?

Sr. Nemésio: De tudo, de tudo meu irmão. É tudo. (pausa) É de tudo! Dificuldade de tudo. Falar em dificuldade é tudo, é tudo na minha vida. Momento por momento que eu passei, muitos momentos. (pausa) Ah! Eu vou dizer que de minha vida antigamente era mil maravilhas... Mentir? Enganar a mim mesmo e enganar os outros? Que eu tive vida boa, é? Eu tenho que falar a realidade. Você está me fazendo umas perguntas aqui que tem lógica pra eu lhe explicar, pelo que eu tô passando e falando. É Eu vou dizer que antigamente eu tinha isso e tinha aquilo e beleza, e não tinha nada! Não tinha nem onde cair morto, meu irmão. É. E eu não tenho nada ainda, mas no momento, pra o que eu era, eu tenho muita coisa que Deus me deu. Deus me deu tudo! Deus me deu, o que eu não esperava chegar, essa idade; Deus me deu, o que eu nunca tive, pensando, o que eu tenho agora, porque melhorou muito. Não tinha canoa, não tinha barco, não tinha rede, eu não tinha nada. Nego desfazia de mim. Então mudou muito ou não mudou? Do antes pro agora, pro atual? O atual, agora é nota dez, como eu falei, o outro é oito. Eu ia botar o outro oiti, porque eu ia botar menos. Ia botar quatro, três. É.

Aécio: No caso, o senhor...

Sr. Nemésio: Rapaz... Eu já comi resto dos outros, rapaz. Antigamente, resto dos outros. Aquele pessoal lá da Ribeira. Chama Ribeira ali, lá em Itapagipe... Um rapaz que labutava comigo... Eu não tenho vergonha de falar a verdade não... Ele ia pro lado de lá, naquelas casas de barão... Rico. Aí pegava a comida que eles iam jogar fora... Arroz, feijão e tudo quanto era porcaria, e trazia pra a gente comer rapaz. (pausa) Ele ainda trazia pra mim comer com minha família, com a minha mulher que tá aí... A gente não tinha comida aqui não. Vida da porra meu amigo. Isso que é vida ruim. (pausa)

[Interrupção - Bisneto brincando. Sr. Nemésio: Você não pode ir pra rua não. Viu?]

Sr. Nemésio: Então, quer dizer, eu agora, tem dia que tem tanta comida, graças a Deus, que eu jogo ali e boto pros cachorros. Jogo pro cachorro... Digo: Oh meu Deus, ó pra aí... Antigamente não tinha o que comer... (pausa) Entendeu? Hein?

Aécio: É.

Sr. Nemésio: Minhas lágrimas vem até no olho quando me lembro. Eu sento aqui sozinho e fico assim ó... (pausa) pensando o que eu passei... (pausa) Um pé de chinelo. Sou um pé de chinelo meu irmão! Hoje eu tenho as coisas que você tá vendo aí? Que eu tô falando aqui no momento? Fica na mão dos outros... Nego me dá o que quer e eu nem ligo. É. Nem ligo. E ainda fico brincando, dando rizada com o cara... Ele pensa que eu sou abestalhado. Mas isso que eu tô fazendo com os outros eu já passei! Antes. A ruína! E agora eu vou pisar nos outros? Porque eu tenho é? Porque eu tenho rede, tenho canoa e tal, vou pisar é? Eu sou aposentado e tal e vou pisar nos outros? E meu gosto amargo que eu provei antes? Que achei que os outros me deu resto de comida, eu esqueci? Eu sou o quê? Orgulhoso é? É? Pra mim não existe nada não meu irmão. Pra mim é a mesma coisa ó... Ói... Todo arrepiado ó... Eu vou morrer sem esquecer o que eu passei meu irmão. É. (pausa) Tem gente que gosta de esquecer a ruína, eu falo é a verdade, viu? Eu não quero que ninguém passe o que eu passei na minha vida. (pausa) Eu saio na rua respirando, graças a Deus... Tem horas ruins, mas tem horas que não falta nada não. Que de primeira era ruim mesmo, apesar de que dava as coisas também, como eu falei a você.

Aécio: Hum hum.

Sr. Nemésio: Mas não tinha rede, não tinha canoa, não tinha nada.

Aécio: O senhor pescava com os outros?

Sr. Nemésio: Com os outros! E quando queria me levar, desfazendo de mim rapaz! Ó rapaz, teve um cara aqui que eu fui pescar na rede dele... Ele tinha um calão, ele tinha um calão, chamava rede calão... Que a gente botou três lanço de noite... O lugar chama lanço grande, de rede de calão... Aí essa rede pesca com dez pessoas. Aí vem muito carrapato, vermelho, avoador, esses tipos de peixe... Toda marca de peixe. (pausa) Como eu era novato, que eles me levaram, aí eu achei de pegar uma quatinga, que chama o nome quatinga... Deste tamanho, um negócio lá. Aí teve um mesmo, colega da gente, que era um colega da pescaria e que falou com um cara pra me levar que eu tava precisando, falou assim: aqui tem um que parece que tá morrendo de fome! (pausa) Aí eu escutei, né? Mas, na precisão eu fiquei calado. Eu digo: deve ser comigo. O novato aqui é eu, da rede do cara... Aí quando chegou aqui, aí ele tornou a repetir: É... Chegou um morta fome na rede. Aí eu: É comigo! Novato na rede... Aí eu peguei, rapaz... me lembro como hoje... Tinha aquela... Aquele negocinho de canabraba, que nego fazia, aquelas cestazinha, né? Mocó... Mocópiu... A gente chama mocó... É com alça... Mocópiu. Aí eu

cheguei pra ele e falei assim: Ói, o único novato que tem aqui nessa rede é eu! Vim porque precisei, e não vou mentir que tô precisando, mas você vai ficar com tudo o que eu consegui aqui! Eu peguei esses peixes e não vou levar pra minha casa! Pode ficar pra você! Aí rumei em cima dele, o peixe... E não quis o "quião", o meu dinheiro, eu não quis também. (pausa) Eu vim pra dentro de minha casa com as lágrimas descendo no olho meu irmão! Por isso que eu tô dizendo a você da minha dificuldade. (pausa) Ói, isso é que é um cara desfazer um do outro meu irmão. Entendeu? As minhas lágrimas desciam... De ódio... É ódio... Já viu o cara com ódio? Ódio profundo dentro do cara, pra marcar, como marcou o meu até hoje. Hoje em dia eu pego e dou é aos outros rapaz! E dou é bom, não é ruim não! Eu dou é bom! Dou bom e dou de coração, de cara alegre e brincando! Como eu tô falando a você que tenho minhas redes aí... Nego me dá o que quer, eu nem ligo. Não ligo não rapaz! tô dizendo a você que não ligo, porque eu passei isso antes. se fosse outro: Ah! Eu passei aquilo e agora eu vou pegar fulano e vou desfazer nele também. em um e outro, porque eu passei por isso. Mas não é... O cara lhe dá um murro, você não dá outro murro nele não, se você puder, você vira e: Ó lá meu irmão, vá lá que outra hora você vai achar quem dê em você aí. É. Se o cara te negar uma coisa, quando ele precisar de você, você dê. É o que acontece comigo... Eu já pensei em muita, muita gente... Nego não me... às vezes não me dava e ainda desfazia de mim. Mas agora eu faço o quê? Que nada rapaz, pode levar. "Pô Pretinho, você tem isso aí?" Eu digo: rapaz, eu vou ver se dou um jeito pra você nisso aí... Tome! Dou mesmo! Eu dou de coração rapaz, não vou mentir a você não. Dou de coração. O coroa aqui, que está aqui no momento, que Deus está conservando, passou muita humilhação, nessa vida de pescaria. É. É por isso que eu não quero que... Eu não desejo... Pra todo mundo... Uns sim, outros não... que vivam nessa vida... Não que ela não preste, ela presta. Ninguém morre de fome como tá no momento, né? Não morreu ninguém até agora, não vai morrer agora... de fome. Mas não é vida pro cara confiar muito nela, e principalmente quem não tem o que é seu, que trabalha pros outros. É.

Aécio: A maioria é assim? Trabalha pros outros?

Sr. Nemésio: Não rapaz, é porque aqui é assim... Uns são donos e outros não são. Todo mundo que não tem nada trabalha pra quem tem. Se você é empregado, você trabalha pra quem? Pra empresa. A empresa tem dono. Você é um empregado. Entendeu? É igual a pescaria... A gente tem uma equipe de homem aqui de doze homens ou dez homens, nessa casa aqui... Ela (referência à esposa) tem uma rede ali... Ela que tem uma rede, e canoa, fora eu. Ela também tem. E ela tem calão grande... É dez homens ou doze, todo dia. Ontem tinha treze, de noite, e ainda ficou homem sem ir pescar.

[Interrupção - Bisneto - Sr. Nemésio: Peraí rapaz, a gente tá conversando. A gente tá conversando e você era pra ir tomar banho].

Sr. Nemésio: Entendeu? E ainda ficou dois ou três rapazes sem pescar... Que nem eu tenho um irmão que se queimou, aí não tá podendo pescar. Se meu irmão tivesse aqui, era quatorze. Só uma rede, porque as outras redes aí é três, dois, entendeu?

Aécio: Rede pequena, não é?

Sr. Nemésio: É. É. Mas as outras aí que eu falei pra você, de agulha e de sardinha, é dez, doze pessoas... Quer dizer, quantas pessoas vivem de uma rede que ela tem... Entendeu? Quer dizer, os outros ajudam ela e ela ajuda todo mundo. Todo mundo que precisa ela tá ajudando, porque ganha o trocado do pão, do pirão, pra sobreviver na vida de pescaria. Então é como a gente falou... A dificuldade é essa. Sempre tem alguém que trabalha pros outros, não vai mudar nunca. Como é que não vai ter quem trabalha pros outros? Não existia empresa... Não existia pesca... Porque todo mundo tinha, então ninguém ia trabalhar pra ninguém, cada um ia trabalhar pra conta própria, pra si próprio, entendeu? A mudança é só isso. Sempre tem que ter o cara pra trabalhar pra você, e pra mim. Eles ganham o deles e nós ganha o nosso... Eles vivem e nós vive também, né? E a vida continua, toca o barco pra frente.

Aécio: Pra todo mundo, não é?

Sr. Nemésio: Pra todo mundo. Que segue na vida aí... De pescaria é essa aí.

Aécio: No caso essas redes aqui, é o senhor que faz ou tem alguém aqui que faz?

Sr. Nemésio: Não. Vou explicar. No momento, de uns tempos pra cá eu nunca mais fiz negócio de rede, porque agora tem loja de rede, loja de pesca, no Comércio.

Aécio: Mas no passado?

Sr. Nemésio: Antigamente a gente fazia na mão. Eu sei costurar.

Aécio: Hum. Vocês mesmos que faziam, não é?

Sr. Nemésio: Eu sei costurar na mão... Ela sabe. É. A gente fazia arraiera, fazia caçoeira... Na mão... bitola... pápápápá... às vezes a gente ficava muitas noites, até certas horas, até a hora de se deitar costurando rede. É. Eu já cansei de... Primeiro ela ia pescar comigo, que eu levava na canoa. Ó praí véi... Que situação. Hein?

Aécio: Vocês dois, não é?

Sr. Nemésio: Nós dois! Ah! Que jeito a gente ia dar meu irmão? Hein? (pausa) E o relento que essa criatura tomava lá, sentada numa beira de uma canoa? A frieza? Tudo! Então ela não passou vida ruim não? Junto comigo? Eu e ela, a gente passou vida ruim! Mas criou nossos filhos assim. Criamos nossos filhos assim. Criamos nossos filhos com essa dificuldade toda que você tá vendo aí... E graças a Deus nós tamo um casal junto, e nossos filhos estão realizados... Tão tudo aí adulto, como você vê, é neto e bisneto, tudo

aí da gente. Você vê aí... Um grita, o outro fala... Falou até de tubarão. (riso) Falou até de tubarão (riso). Falou baixo em seu ouvido não foi? (riso)

Aécio: (riso) Foi. Falou do tubarão que ele viu na TV. (riso)

Sr. Nemésio: É rapaz... Pode perguntar mais o que você quiser. (riso)

Aécio: Tá beleza! Pode deixar.

Sr. Nemésio: Agora tenho que falar a verdade, eu tô passando pra você a verdade... Pra depois falar: Ah! Esse pescador, fulano de tal... Dizer que passou vida boa... É mentira dele! É. Eu conheço Seu Pretinho... O povo me chama de Pretinho, né? E não era nada disse que ele tava falando. É. Agora tá melhor, mas antigamente não era assim... É o que nego vai dizer... Vai dizer logo... Só tinha casa de pau... Ele falando que só tem loja. (riso) Que a vida era boa. (riso) E é mentira, que a vida era ruim. É o que eu falei aí, não vou mudar nada! Falei só o que eu sei e conheci no lugar, e tô conhecendo. Vou mudar nada pra acabar, não dizer que botei coisa no meio e improvisei, né? Improvisação que nego faz, né? (riso)

Aécio: O senhor tem alguma memória de pesca com o seu pai? Das primeiras vezes que o senhor foi pro mar? Tem alguma coisa que marcou sua memória desses primeiros momentos da pescaria?

Sr. Nemésio: É isso que eu falei. Só se eu for falar de novo. Eu já falei... Eu falei que eu ia pescar com meu pai com o quê? Com um pedaço de tábua desse assim, de madeira de caixote de cebola... No banco do meio... Que meu pai me levava, entendeu? Foi aí que marcou minha vida toda! Isso aí não vai sumir nada! E as crises que eu passei depois, já de adulto também. Mudou agora, um pouco, pra melhor, né? Agora tá melhor. Digamos... Às vezes você não come meio-dia, mas você come de noite... De primeira, eu disse a você... Acabei de falar aqui... Comi resto dos outros. Eu ia esconder pra você? Não. Ah! Eu tive vida boa... Não comi resto de ninguém... Sempre tive isso, tive aquilo... Arrotando grandeza? Não é a minha. Um menino criado, nascido aqui, na Bahia aqui, na Plataforma... Dizer que... arrotar grandeza, antes? É iludir a mim e a Deus! Deus é que vai saber se eu tô falando mentira. eu tenho que falar a realidade do que eu passei e do que eu tô vivendo, no momento. Eu falei pra você até que meus filhos nunca comeu leite, né?

Aécio: Falou.

Sr. Nemésio: Meus filhos, até achar um pente... Eu me lembro como hoje, o meu filho primeiro, doa homens, porque o mais velho é a menina... Eu tenho uma filha mulher... Eu, pescando, achei um pente na maré, na beira da praia, achei um pentezinho. Aí eu trouxe esse pente, pra pentear o cabelo de meu filho recém nascido... Meu filho nasceu que nem você assim, cheio de cabelo!

Aécio: (riso)

Sr. Nemésio: Muito cabeludo. Novinho... Meu filho, se você vê meu filho, é você olhar pra mim... Meu filho mais velho. Você não sabe se é eu ou ele... Parecendo que você riscou e desenhou. O cabelo liso... E aí aquele pente que eu catei na maré... Eu e essa criatura que tá vindo aí... Pra pentear o cabelo do meu filho véi... Isso é vida boa? É? Meu filho nunca usou fralda. Meu filho usava era aquele... Era pano... A fralda era de pano, antigamente, que pegava, e tornava a lavar, e estendia pra depois usar de novo. Agora não! Você chega ali compra dois pacotes... A fralda de menino... Chega aí., usou, cagou, mijou... joga fora. Não é isso? Como mudou. Era pano... Ói (simulando a lavagem do objeto com as mãos) de cocô de criança... Ói... Lava, lava.... Passamos momentos ruins meu irmão, mas graças a Deus, o importante é que tá todo mundo com saúde. Tá todo mundo aí, dias bons, dias ruins, mas nós tá vivendo tranquilo, como você tá aqui e tá vendo o jeito que nós tamo conversando... Você tá vendo o jeito que o povo todo tá aí... Essa menina aí é adotada. Não é filha minha não. A gente cria, pegamos pequenininha, na mão do pai e da mãe... A gente pegou essa daí ó. Olha o mulherão retado aí. Eu só tenho três filhos homem e uma filha mulher. Eu tenho neto, bisneto... Tudo é eu e ela... Eu pago colégio de bisneto... Esse aqui que você tá vendo aqui, é duzentos e vinte conto por mês.

Aécio: Escola, não é?

Sr. Nemésio: É. tem uma coisa rapaz... Se eu tiver eu dou, se eu não tiver também eu digo: Seu avô não tem! Seu avô não tem! eu explico, né? Você tá vendo que seu avô não tem? Amanhã ou depois quando seu avô tiver dá a você. É. A gente vai sendo criado... É, minha filha mulher é essa daí. Não é? Essa que é minha filha mulher... Esse aí é genro...

Aécio: É. todo mundo aí abarcado, não é?

Sr. Nemésio: Isso aí.

Aécio: Seu Nemésio, a gente teve aqui uma hora e dez minutos de conversa.

Sr. Nemésio: Você falou que só queria cinquenta. (riso)

Aécio: Passamos do estipulado então, não é? (riso)

Sr. Nemésio: (riso) Não, mas você pode ficar a vontade... O que você quiser aí você vai, se quiser ficar conversando mais...

Aécio: Tá tranquilo. Aí, o que é que eu vou fazer agora... Eu vou passar ela toda pro papel, como tinha explicado pro senhor... As coisas que eu falei e as coisas que o senhor falou...

Sr. Nemésio: Explicando.

Aécio: Explicando. E aí eu volto aqui, não é? Agora que eu já tô situado aqui, aí eu venho aqui procurar o senhor e a gente vai dar uma olhada no texto, se tá de acordo com as coisas que o senhor falou... Porque da mesma forma que o senhor fala que tem que falar a verdade, eu também tenho que ter esse compromisso, não é?

Sr. Nemésio: Também!

Aécio: Porque eu não posso escrever uma coisa que o senhor não falou...

Sr. Nemésio: Não falei. Tem que ser isso aí!

Aécio: E aí a gente, juntos, vamos dar uma olhada.

Sr. Nemésio: Eu entendi.

Aécio: Aí o senhor vai dar uma olhada e se tiver algo que o senhor se arrependeu de ter dito, a gente tira e vai corrigindo.

Sr. Nemésio: Rapaz, eu vou lhe explicar uma coisa... A única coisa que eu não tenho é arrependimento do que eu falo. Eu sou um homem adulto! Certo? Se eu que estou falando? Eu não me arrependo do que eu falei, que eu falei a verdade. Coisas boas e ruins. Como era e como não era e como é agora, no momento. Eu não vou ter arrependimento, se sua gravação sair como eu falei, ela vai sair certa, Porque não vai ter mentira no meio. Entendeu agora?

Aécio: Sim! Com certeza.

Sr. Nemésio: Eu sou pescador antigo. Desde menino, com um pedaço de tábua, com meu pai. Minha infância toda foi isso aí. Eu trabalhei pouco tempo e voltei a pescar tudo de novo. Comecei a ter tudo meu, graças a Deus... e digo: vou trabalhar pra ninguém rapaz? Vou trabalhar pra mim mesmo! Eu sei pescar! Vou com meu pensamento... Sei pescar. Vou trabalhar pra ninguém, pra ninguém ficar me humilhando nem nada... Eu vou trabalhar no que é meu! Aí eu comecei a ter rede, canoa... A porra toda é meu... Que eu tenho ainda.

Entendeu? Eu vou falar a verdade. Vou mentir é?

Aécio: Da mesma forma que a pesca foi uma dificuldade, ela, de certa forma, te deu o que o senhor...

Sr. Nemésio: Ajudou muito! Favoreceu! Favoreceu demais! Graças a Deus... E como! Porque se não fosse ela, eu não tava onde eu tô. Né? Nessa idade, aposentado, e com tudo meu aí... Sobrevivendo, né? Mas é como eu falei pra você, com as dificuldades também! Dias bons e dias piores, né? Dias ruins... Horas ruins, horas boas... Que todo mundo tem os momentos na vida, bons e ruins. É. Tem momento que você tá alegre, como você está agora aqui, você está dando rizada comigo. A vida pra você aí agora, você tá feliz. Mas tem hora que você não dá uma rizada meu irmão! Você não dá nem um ar assim de... De querer agradar alguém. Às vezes não é nem nada, é você mesmo. Você olha... Tem alguns momentos que você se largar todo... Você ali estava na felicidade... Você mesmo aí estava na felicidade, conversando comigo.

Aécio: Com certeza!

Sr. Nemésio: Que você só tá rindo, rindo, brincando... (riso)

Aécio: É um privilégio.

Sr. Nemésio: E eu também! A gente aqui conversando, conversando, conversando... Oxe! É uma maravilha meu irmão. Graças a Deus, né? Nós não tem... Nem eu nem você tem como agradecer a Deus, por esse momento bom que nós tá conversando aqui.

Aécio: É verdade.

Sr. Nemésio: Pra mim... foi um bom prazer... Não tenho como agradecer você me procurar pra gente conversar.

Aécio: Pra mim então...

Sr. Nemésio: Eu fico grato a você, só de você vir aqui pra conversar comigo, você acredita? De coração. Coração mesmo! É. Não pense que eu tô aqui conversando com você que eu tô mal satisfeito. Eu tô satisfeito até... Graças a Deus.

Aécio: Eu então...

Sr. Nemésio: Eu não esperava nem... (riso) Aí você vem tentar me relembrar algumas coisas de meu passado. E antes e agora. (riso) Isso é até bom! Sabe porque? A gente tem que conversar sobre o que aconteceu com a gente antes, né?

Aécio: Isso. e pros jovens de hoje saberem como essas coisas realmente foram, como era a vida das pessoas aqui, não é?

Sr. Nemésio: Foi! Antigamente. Antigamente. E o que é agora. A diferença... Juntar um lado com o outro e analisar como é.

Aécio: Exatamente! Eu só tenho a agradecer ao senhor, porque o senhor me ajudou bastante aqui no meu trabalho, e foi ótimo pra mim também, conhecer o senhor. Eu tô enchendo o saco de Cristina a muito tempo (riso). Não é? Porque eu tava querendo conversar com uma pessoa que...

Sr. Nemésio: Aquela senhorita ali me conhece!

Aécio: Eu sei. Foi ela que me trouxe aqui, porque eu sou professor da escola aqui, do Aristides, que agora está onde era o César Borges.

Sr. Nemésio: Eu estudei ali! Ali tinha... Ainda tem... André Rebouças, e tem o centro. O centro é pra lá.

Aécio: Isso. É no centro. Eu sou professor onde era o centro.

Sr. Nemésio: Que fica as crianças todas ali... Eu conheço. Eu joguei bola ali dentro daquele centro lá.

Aécio: Pronto! E eu sou professor de lá, né? Aí como ela trabalha lá, e eu tô pesquisando a história do lugar, e aí eu tô tentando entrevistar pessoas que vejam o bairro de lugares diferentes, por exemplo, eu peguei uma pessoa que foi operária da fábrica velha, o senhor que é pescador, outro rapaz que trabalhou na Leste, no trem...

Sr. Nemésio: Entendi.

Aécio: ...Pra a gente ir escrevendo essa história daqui, pra que esse menino que hoje entra na escola ele tenha acesso.

Sr. Nemésio: O conhecimento.

Aécio: Isso. O conhecimento. Beleza? E o senhor me ajudou muito... E não só a mim, mas nos ajudou, porque esse trabalho também não é só pra mim... É pra todo mundo.

Sr. Nemésio: É pras crianças... Eu entendi! Pra chegar o conhecimento nos meninos.

Aécio: Isso. Entendeu? Exatamente!

Aécio: Grande abraço Seu Nemézio! Até breve!

APÊNDICE D

Carta de Cessão de Direitos Autorais Sobre Depoimento Oral



CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Anália Dos Santos

CPF nº 10116702591, declaro, ceder ao pesquisador Aécio Lessa Macedo, mestrando pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB) – Mestrado Profissional em Ensino de História (Profhistória), sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei como parte integrante da dissertação de mestrado denominada “História e Memória do bairro de Plataforma (Salvador-BA)”.

O pesquisador fica consequentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e (ou) pedagógicos o mencionado depoimento no todo ou parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

Salvador, 10 de Setembro de 2018

Anália dos Santos

Assinatura do depoente

APÊNDICE E

Carta de Cessão de Direitos Autorais Sobre Depoimento Oral



CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, José Francisco Santos

CPF nº 055.198.025-72, declaro, ceder ao pesquisador Aécio Lessa Macedo, mestrando pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB) – Mestrado Profissional em Ensino de História (Profhistória), sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei como parte integrante da dissertação de mestrado denominada “História e Memória do bairro de Plataforma (Salvador-BA)”.

O pesquisador fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e (ou) pedagógicos o mencionado depoimento no todo ou parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

Salvador, 10 de Setembro de 2018

José Francisco Santos

Assinatura do depoente

APÊNDICE F

Carta de Cessão de Direitos Autorais Sobre Depoimento Oral



CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, José Francisco Santos

CPF nº 055.198.025-72, declaro, ceder ao pesquisador Aécio Lessa Macedo, mestrando pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB) – Mestrado Profissional em Ensino de História (Profhistória), sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei como parte integrante da dissertação de mestrado denominada “História e Memória do bairro de Plataforma (Salvador-BA)”.

O pesquisador fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e (ou) pedagógicos o mencionado depoimento no todo ou parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

Salvador, 10 de Setembro de 2018

José Francisco Santos

Assinatura do depoente